FABIO STASSI

A ÚLTIMA DANÇA DE CHAPLIN













intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Fabio Stassi

A última dança de Chaplin

Tradução de Marcello Lino

intrínseca

Copyright © 2012 Sellerio Editore, Palermo

TÍTULO ORIGINAL
L’ultimo ballo di Charlot

PREPARAÇÃO
Luna de Oliveira Valeriani

REVISÃO
Milena Vargas
Clarissa Peixoto

PROJETO DE CAPA
Retina 78

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-657-3

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

Início
E sempre havia alguém que girava a manivela…
Interna, noite. 24 de dezembro de 1971
Primeiro rolo
Interna, noite. 24 de dezembro de 1972
Segundo rolo
Interna, noite. 24 de dezembro de 1973
Terceiro rolo
Interna, noite. 24 de dezembro de 1974
Quarto rolo
Interna, noite. 24 de dezembro de 1975
Quinto rolo
Interna, noite. 24 de dezembro de 1976
Sexto rolo
Externa, noite. 24 de dezembro de 1977
Nota do autor

Sobre o autor
Leia também

Entre os convidados estava Jascha Heifetz, o célebre violinista. Todos insistiam em que Heifetz se apresentasse; ele pegou o violino de Chaplin e começou a tocar, mas ficou petrificado, como todos os presentes, quando percebeu que, das cordas, saíam apenas desarmonias insensatas.

Chaplin sorriu, tirou o violino das mãos de Heifetz e tocou um trecho de Bach com a mão esquerda. Todas as cordas estavam montadas no sentido inverso.

“Entenda bem”, disse Chaplin, “eu sou uma pessoa feita ao avesso e de cabeça para baixo. Quando, na tela, dou-lhe as costas, o senhor vê algo expressivo como um rosto. Sou principalmente um dorso.”

New York Times Book Review and Magazine,
12 de dezembro de 1920

E sempre havia alguém que girava a manivela…

A máquina crepitava com o som do frigir de um ovo, a cruz de malta começava a girar com as pás do obturador, e a película avançava aos solavancos, como um ciclista na curva de uma pista: pedaladas lentas, suor, olhos atentos e, por fim, o mergulho…

Uma espada de luz que cortava a escuridão.

Saía de uma caixa e se dilatava aos poucos, desenhando duas diagonais perfeitas na sala… e só isso já era um espetáculo; era possível ficar ali olhando sem entender: fumaça e luz, e, dentro, poeira, nada além de poeira, minúsculas partículas suspensas que nadavam no ar, subiam e desciam, sucediam-se, brincavam de imitar o universo… Mas, se você apertasse os olhos e olhasse bem, via, dentro de toda aquela poeira, homens com bigodes como os de uma morsa, o cassetete de um policial, um cão, uma mangueira para regar o jardim, um velho Ford, tortas de chantilly que voavam, um sifão de água gasosa, a saída dos operários de uma fábrica, a chegada de um trem e figuras de mulheres maravilhosas que flutuavam com leveza. Naquela espada de luz, você via os quadris de uma mulher, mas não adiantava tentar tocá-los, você jamais conseguiria.

Acontecia antes que a luz se chocasse com um obstáculo e tudo se recompusesse em imagens. Antes que os bigodes se estampassem sobre os rostos dos homens, as mulheres tornassem a ficar em pé e os objetos voltassem a tomar forma.

Durava a distância entre o projetor e a grande tela branca ao fundo.

Para mim, o cinema era o tempo daquela viagem.

Nas primeiras vezes, eu nem sequer virava a cabeça.

Não me interessavam os filmes, apenas aquela poeira no ar, o seu movimento.

Quando eu contar a minha história, eu dizia a mim mesmo, começarei daí. Do momento em que a manivela do projetor começa a girar.

A minha história está toda naquele espaço antes da parede.

Acreditem ou não, trata-se da história do homem que inventou o cinema antes dos irmãos Lumière ou do bioscópio de Max Skladanowsky.

Uma arlequinada em preto e branco para a noite de Natal.

Uma pantomima romântica em um mundo de serragem, risadas e lágrimas.

Interna, noite. 24 de dezembro de 1971

É a noite de Natal de 1971. Um homem de oitenta e dois anos acende a luz do cômodo. Sentada na poltrona ao lado da janela está a Morte, envolta em uma capa.

A MORTE: Estava esperando você.

O homem traja uma calça surrada e deformada e um paletó pequeno. Levanta o chapéu-coco apoiado na cabeça como cumprimento.

HOMEM: Eu também. Sessenta anos atrás, uma cartomante me disse que você viria hoje.

A MORTE: É por isso que vestiu o figurino?

O homem começa a circular pelo aposento com um passo cansado como o de um pinguim. Bate na perna de uma cadeira e pede desculpa. Também pede desculpa ao tapete e à luminária próxima à parede.

A Velha o observa, séria.

O homem, então, para e tira o chapéu-coco.

HOMEM: Só queria fazer você rir.

A MORTE: Você não faria nem uma criança rir. Pare com essa comédia ridícula e vamos.

O homem sente o mesmo pânico do dia em que estreou em Nova York… Esforça-se para fazer caretas engraçadas, mas tem vontade de chorar.

HOMEM: Meu filho Christopher tem apenas nove anos e ainda precisa de mim. Eu gostaria de vê-lo crescer mais um pouco.

A MORTE: Você deveria ter pensado nisso quando, com aquela idade, o pôs no mundo.

HOMEM: Minha mulher sempre disse que havia se casado com um homem jovem.

A MORTE: Sua mulher é uma pessoa gentil…

HOMEM: Não é justo. Chamei você tantas vezes quando eu era pequeno como meu filho, morava em um sótão em Londres e batia com a cabeça toda vez que me sentava na cama enquanto minha mãe olhava para fora por uma janela…

A MORTE: Ainda não era a sua hora.

HOMEM: Eu chorava e repetia o endereço para que você fosse me pegar: último andar de Pownall Terrace, número 3.

A MORTE: Chega, já é tarde.

HOMEM: Espere, vou fazer você rir, é a única coisa que sei fazer.

A MORTE: Ninguém jamais conseguiu.

HOMEM: Vou fazê-la rir, tenho certeza. Veja.

O homem tenta outros números, mas não adianta. Faz muito tempo que não os executa.

A MORTE: Você realmente se tornou um velho patético. Troque de roupa, não vai querer vir assim, não é?

O homem está desanimado, o bigode postiço solta-se dos lábios e cai no chão, mas, quando se curva para pegá-lo, as costas travam na metade do caminho. Ele fica ali, imóvel no meio do tapete, incapaz de se erguer: vencido, decrépito e com dor.

A MORTE: Ha, ha!

O homem fica confuso. Parece que a Morte riu, mas a dor tapa os seus ouvidos. Contudo, ele não se enganou. A Morte está rindo, há lágrimas em seus olhos.

HOMEM: Você está rindo…

A MORTE: É você que me faz rir. Veja o seu estado.

HOMEM (*tentando em vão se levantar*): Você disse que ninguém jamais havia conseguido.

A MORTE: É, você tem razão, ninguém. Ha, ha!

HOMEM: Quero propor uma aposta (*fala com sofrimento, naquela posição incômoda*): você virá a cada Natal e, se eu a fizer rir novamente, me deixará viver até o Natal seguinte…

A MORTE: Não pense que será fácil. Esta noite, me descontraí.

HOMEM: Vou me empenhar.

A MORTE: Eu não deveria ficar discutindo com um ator.

HOMEM: É uma aposta leal.

A MORTE: Está bem, Vagabundo, voltarei daqui a um ano. Você mereceu: no fundo, é bom rir.

HOMEM: Até o próximo Natal, então.

A Morte desaparece da poltrona. O homem se apoia com dificuldade na escrivaninha e solta um grande suspiro de alívio.

PRIMEIRO ROLO

Corsier-sur-Vevey, 24 de dezembro de 1977

Caro Christopher James,

Esta noite, celebrarei meu octogésimo oitavo Natal com a família, como os últimos, e a história que estou prestes a escrever é o presente que decidi lhe dar. Com você, tenho uma dívida que não pode ser saldada. Você é meu último filho, tem apenas quinze anos e eu o concebi quando já tinha mais de setenta. Você crescerá sem mim. Por isso, preciso me apressar antes que a minha morte cause alvoroço em todo o planeta. Segundo o que me disse uma cartomante de São Francisco em 1910, eu já deveria ter morrido de broncopneumonia há seis Natais, após ter tido muita sorte durante toda a vida.

Há seis anos, a cada Natal, a Morte vem me procurar. Senta-se à minha frente e me espera. Nessas ocasiões, visto o meu figurino de vagabundo e interpreto um dos meus velhos esquetes. Se ela ri, concede-me outro ano de vida. É o nosso pacto. Não morrerei enquanto continuar a diverti-la. Mas devo reconhecer que, nos últimos tempos, tenho ficado mais enferrujado. Não teria arrancado dela nem sequer um sorriso se não fosse justamente pela minha velhice, que é a idade mais cômica que se pode ter.

Esses seis anos já foram uma bênção imensa. Eu gostaria de vê-lo crescer, ficar forte, aprender música. Mas, esta noite, a Velha permanecerá séria e fria, aboletada na minha poltrona, mesmo diante de uma *gag* perfeita. Porque a perfeição não faz rir, Christopher. Esta é a última vez que uso o figurino de Carlitos. Estou sentindo nos meus ossos, e os meus ossos nunca mentiram para mim: estou prestes a sair de cena. Mas, no fundo, não me desagrada que a Velha me leve embora em um dia como este, no qual se comemora universalmente o nascimento de uma criança.

Quero passar estas últimas horas com você.

Há muitas coisas que devo lhe dizer.

Vesti-me com apuro, como antigamente, maquiei os olhos com sombra preta e abri outra vez a caixa do bigode falso: se eu não o colocar da maneira certa, será o fim.

Agora, escrevo a esta pequena mesa de madeira, em um canto do meu quarto. Estou convencido de que, nas mesas pequenas, pouco volumosas, as ideias permanecem agrupadas e não devemos persegui-las pela parede, como lagartas ou lagartixas; basta esticar o braço e pegá-las pelo rabo.

Da minha vida, sabe-se tudo, ou quase.

Há alguns anos, publiquei uma autobiografia que foi vendida por toda parte e milhares de páginas foram escritas a meu respeito. O meu nome, só de ser pronunciado, provoca admiração em todos os cantos do planeta, desde a Birmânia até a Terra do Fogo. Talvez fosse melhor dizer o nome do personagem que criei, em uma tarde chuvosa em 1914, durante a gravação de um curta-metragem, escolhendo roupas do tamanho errado em um vestiário masculino. Mas já contei essas anedotas de todas as maneiras, embora me surpreenda sempre lembrar a misteriosa simplicidade com a qual Carlitos ou *The Tramp*, o Vagabundo, como os americanos o chamam, surgiu.

Nunca confessei a ninguém, contudo, como a minha carreira realmente começou e todas as histórias que estou prestes a escrever agora, pois nem mesmo a sua mãe, a minha Oona, teria acreditado. Eu não queria estragar o segredo mais precioso da minha existência, uma espécie de promessa infantil à qual eu gostaria de poder dizer que permaneci fiel e que redime todos os meus erros, as minhas contradições e o caos das minhas lembranças. Mas, agora, já estou suficientemente velho para não dar a mínima para a minha reputação e para outros temores desse tipo. Na minha idade, é fácil se confundir. Afinal, como é possível acreditar que apertei a mão de Debussy ou de Stravinski, Rubinstein, Brecht, Gandhi, que joguei tênis, de short, com Eisenstein e Buñuel, que fui recebido por reis, príncipes e presidentes, que os meus filmes fizeram Albert Einstein cair em prantos como uma criança? A minha memória é um guarda-roupa tão inverossímil que não sei mais se realmente vivi ou se sonhei o que ele contém. Para mim, não pode existir uma fronteira clara entre todas as coisas que

aconteceram comigo e aquelas que não parei de inventar apenas na minha cabeça. Mesmo que um pouco de ridículo se abata sobre a minha velhice, isso só pode me fazer bem, pois, ao contrário do que se pensa, fui um homem terrivelmente sério e obcecado pela perfeição. Os macarthistas que sobreviveram à vergonha do Vietnã ou alguns colegas invejosos poderão finalmente tachar os meus discursos delirantes sobre uma sociedade mais justa, mais livre e mais humana como a prova de minha doença mental. Afinal, os nazistas também me odiaram, embora eu não tenha tido a sorte de ser judeu. Proibiram *Em Busca do Ouro*, retrataram-me com o nariz adunco e me rotularam de pequeno acrobata judeu, tão asqueroso quanto enfadonho. Não era a primeira perseguição que eu sofria, e também não foi a última. Na Pensilvânia ou na Carolina do Sul, a Ku Klux Klan e as Associações de Ministros Evangélicos, dezenas de bons cristãos americanos que não cobriam de petróleo apenas os rolos de celuloide, censuraram e proibiram os meus filmes desde o início. Mas nem mesmo os homens com as suásticas puderam impedir que o meu vagabundo, que, até então, com a sua voz áspera, havia entoado apenas uma canção sem sentido, subisse até a tribuna mais importante da Europa nas vestes de um barbeiro; ninguém mais havia conseguido roubar o microfone de Hitler… Após descer daquele palco, eu não soube mais encontrá-lo. Afastou-se como uma nuvem de poeira nos campos de Auschwitz ou de Buchenwald: tudo o que ele tinha a dizer foi dito de uma só vez.

Mas, esta noite, sou eu que estou contando tudo de uma só vez, e não gostaria de ser interrompido na melhor parte. Peço apenas um pequeno esforço de imaginação porque a minha história fala de coisas muito distantes dos resplandecentes gramados suíços que circundam a nossa casa. Não havia a serenidade de nenhum lago ou montanha naquela época, quando eu realmente era um vagabundo e não precisava interpretar.

Está na hora de dizer a você onde nasci: não em Londres, como está escrito por toda parte — embora ninguém jamais tenha encontrado um documento oficial —, mas em uma floresta negra perto de Smethwick, no centro da Inglaterra, e em cima de uma carroça de artistas de rua que se chamava Rainha Cigana. No ano seguinte ao do primeiro curta-metragem da história do cinema, filmado por Louis Aimé Augustin Le Prince, uma cena que durava a eternidade

de dois segundos. Desde o início, o circo, a minha vida e a do cinema se misturaram muito mais do que as pessoas possam imaginar.

Assim que vim ao mundo, os meus pais se separaram. Comigo, foi assim.

Como você sabe, sua avó Hannah era uma vedete do teatro de variedades. Tinha o apelido de Lillie e possuía um talento para os rostos. Apoiava as mãos no vidro de uma janela como se estivesse contando os batimentos cardíacos de outra pessoa. Estudava as pessoas. Depois, as imitava: a maneira como alguém caminhava ou cumprimentava levantando o chapéu, as expressões que fazia. Mas, um dia, algo começou a rachar dentro dela; Hannah perdeu a voz, o sono e a pensão (dez xelins por semana), a luz da sua beleza se ofuscou e ela começou a desmoronar rapidamente.

Seu avô também era um artista. Cantor profissional, ator do teatro de variedades e declamador. Segundo a sua avó, ele era parecido com Napoleão Bonaparte, mas, como muitos artistas de teatro, não fazia outra coisa senão beber. Eu não o via quase nunca e, quando o via, tinha sempre uma impressão desagradável. O álcool havia eliminado todo o seu fascínio e destruído a sua carreira e o seu sangue. A última vez que cruzei com ele foi em um *pub* de Kennington Road. Foi também a primeira vez na vida que ele me abraçou.

Eu encontrava com mais frequência o meu avô, que trocava solas de sapatos em Londres, na sua pequena casa em East Lane, e acalentei muitas vezes o sonho de me tornar sapateiro como ele. Era um ofício que me fascinava. Eu gostava do cheiro do couro e da cola, de todo aquele trabalho manual e da paciência necessária. Ele havia construído uma bancada em um canto e ficava ali o tempo inteiro, até mesmo à noite. A mulher não morava mais com ele: depois de ter costurado gáspeas durante anos, ela começou a se distrair com homens mais jovens. A ovelha negra da família. Infelizmente, eu a vi pouco, mas devo àquela andarilha que vendia paletós usados nas ruas a consciência de não ter uma gota sequer de sangue azul nas veias.

Felizmente, sempre tive ao meu lado Syd, meu irmão mais velho, sem a ajuda de quem eu nunca teria feito nada. Syd sabia transmitir segurança: quando as coisas davam errado, ele pegava o trompete e soprava, dilatando as bochechas de uma maneira tão cômica que acabava com toda a minha melancolia. Também

sabia se divertir com as palavras e inventava o tempo todo novos trava-línguas, cantilenas e jogos de memória para os dias vazios.

Devido às nossas dificuldades econômicas, Syd e eu passamos dois invernos em uma instituição de caridade para órfãos à margem do Tâmisa, mas, com cinco anos, eu já havia estreado no teatro, cantando a música de Jack Jones no lugar da minha mãe. Ela havia parado na metade e não sabia como continuar. Foi o primeiro sinal da sua doença. Lançaram-lhe de tudo: vaias, almofadas, moedinhas. Eu sabia de cor aquela canção e me saí muito bem, apesar de, agora, ser muito fácil dizer que eu era um predestinado. A verdade é que me entreguei às luzes da ribalta somente para salvar minha mãe da humilhação e da loucura, e tudo o que fiz em seguida continuou a ser marcado pela promessa raivosa de uma criança envergonhada de se tornar o maior ator do mundo.

Depois, nos mudamos para Manchester, aprendi a dançar em cima de tamancos e entrei, com outros sete meninos, para uma trupe que se chamava Eight Lancashire Lads. As pessoas iam nos ver dançar e se divertiam. Contrataram-nos no Hippodrome de Londres para uma pantomima sobre Cinderela.

Durante o Natal, como agora.

Passaram-se oitenta anos, Christopher, já imaginou?

Oitenta longos anos.

No entanto, me lembro com mais facilidade de tudo aquilo do que do jantar de ontem.

Ali, aprendi a dar cambalhotas e saltos mortais e a andar com as mãos.

O Hippodrome tinha um picadeiro que, quando necessário, era alagado para tornar as cenografias e os balés ainda mais espetaculares. Puseram-me um figurino com uma cauda e disseram-me para girar em torno das pernas de Cinderela como se fosse um gato.

Foi ali, atrás daquele picadeiro, enquanto eu ensaiava para o meu papel, que uma noite ouvi uma conversa entre o grande palhaço branco Marceline e o malabarista Zarmo. Eu mal sabia ler ou escrever, mas, acredite, sabia ouvir muito bem. Não esqueci uma palavra daquele diálogo.

* * *

“Estão chamando de a invenção do século, viu?”

Zarmo o escutava enquanto jogava para cima três bolinhas coloridas.

“É o cinematógrafo, meu caro Marceline.”

“Isso mesmo, o cinematógrafo vai colocar todos nós no olho da rua, você vai ver. Quem vai querer ir a um circo ou a um teatro para saber como se mexe um mímico ou um palhaço?”

“Veja as coisas por outro ângulo: não é garantido que o cinematógrafo será um sucesso, mas não podemos negar o seu fascínio.”

“Se fosse por mim, eu estrangularia com as minhas próprias mãos esses dois franceses de quem todos os jornais estão falando. Eles não se dão conta da engenhoca que inventaram.”

“Vamos, pare com isso. O cinema se tornará uma arte e você terá que mudar de ideia.”

“É uma coisa falsa, Zarmo, mentirosa.”

“Você também finge ser algo que não é quando entra em cena. Mostra coisas que não existem. Por acaso, não é esse o seu trabalho?”

“Sou um mímico, Zarmo, assumo o risco. Todos nos arriscamos nos nossos números. Os trapezistas, os acrobatas, os domadores arriscam a própria vida. Nós corremos o risco de fracassar, de não fazer rir ou de não surpreender nem divertir o nosso público. Podemos sofrer um enfarte no palco por causa do medo, podemos esquecer o que temos de fazer. Mas a nossa emoção é a mesma de quem assiste ao espetáculo. Respiramos todos a mesma vida, no mesmo momento.”

“O cinematógrafo também terá os seus riscos.”

“Não é a vida real no momento em que acontece, Zarmo. É uma ação gravada em uma chapa, pode ser refeita quantas vezes quisermos, até que fique boa. É um truque.”

“Você é um sujeito estranho, não o entendo. De qualquer maneira, não são esses franceses que você deve estrangular…”

“Como assim?”

“Não foram eles que inventaram o cinema como dizem por aí.”

“E quem teria sido?”

“Você não sabe? Todo mundo aqui sabe…”

“Eu não.”

“Bem, dá para perceber que você é distraído.”

“Fale logo. Quem foi?”

“Arléquin.”

“Arléquin?”

“Exatamente.”

“Aquele sujeito mais negro do que a noite que limpa a areia dos elefantes e tira as banquetas do picadeiro?”

“Isso mesmo.”

“Mas ele é um pobre idiota.”

“Você se lembra de Eszter, a amazona húngara que teve certa notoriedade há alguns anos e depois desapareceu dos palcos?”

“Já passou muito tempo, mas quem não se lembra dela? Era a mulher mais bonita já vista na Grã-Bretanha, todos nós ficamos apaixonados.”

“Arléquin também se apaixonou por ela.”

“Arléquin já se apaixonou algum dia?”

“Você está achando o quê, que ele é cego e não tem coração?”

“Ninguém jamais o viu com uma mulher…”

“Ele nunca teve uma namorada ou esposa, e daí? Você acha que quem não teve uma mulher nunca se apaixonou?”

“E o que isso tem a ver com a invenção do cinema?”

“Tem a ver porque Eszter foi contratada para uma turnê nos Estados Unidos e ele ficou com medo de enlouquecer.”

“Como você sabe?”

“Frida, a Louca, que trabalhava na época conosco como mulher-bala, o ouvia chorar todo final de tarde. Certa noite, ela e Jo Jo Cara de Cão perguntaram o motivo do pranto. ‘Não poderei mais vê-la’, Arléquin disse. No início, Frida pensou que ele estivesse falando da elefanta ou da tigresa branca de Bengala. Os animais também estavam indo embora para os Estados Unidos. ‘Você a verá nas lembranças, Arléquin’, disse Jo Jo. ‘As minhas lembranças são negras como eu’, respondeu Arléquin. ‘Desenhe-a, então.’ ‘Os desenhos não se movimentam’, lamentou Arléquin. ‘Peça uma fotografia a Mister Brethcley.’ ‘As fotografias também não se mexem.’ ‘Então faça uma que se mexa.’ ‘Não existem fotografias

em movimento.’ ‘Trate de inventá-las’, disse Jo Jo e piscou um dos seus olhos peludos para Frida. Jo Jo é assim, nunca dá para entender se ela está brincando ou não, vive fazendo piada de tudo e, naquela noite, estava zombando de Arléquin. Frida já havia se arrependido de estar ali. A maneira como Arléquin tinha falado, com a voz encharcada de tristeza, a comovera. Ela queria ter acariciado seu braço, consolá-lo, mas não o fez. Foi embora com um nó na garganta, sem entender por quê. Mas, desde então, Arléquin parou de chorar.”

“Aonde você quer chegar, Zarmo?”

“O resto da história é simples: Arléquin aprendeu a desenhar.”

“Estou entendendo cada vez menos…”

“Aprendeu a fazer desenhos que se mexiam, quero dizer.”

“Você deve estar louco.”

“Não estou louco, Marceline. Arléquin se trancou dentro de uma jaula com os seus animais, primeiro, com um lápis, um toco de carvão e folhas de papel, depois, com chapas de cobre e vidro, sais de prata, gelatinas, celuloide e sabe-se lá que outras diabruras; montava e desmontava estranhos dispositivos mecânicos. Como se fosse vítima de uma febre. Não sei como ele fez, mas dizem que, antes de encontrar o circo, ele viajava pela França acompanhando um fotógrafo ambulante. Vendiam, por alguns centavos, retratos, molduras, astrolábios e lanternas mágicas nas feiras. Quando necessário, recoloriam os vitrais das igrejas. Boatos, mas eu os ouvi de várias fontes. ‘Vê-se que ele nasceu em um quarto escuro’, foi o comentário de Jo Jo quando soube dessa história. ‘Deve ter sido exposto a muita luz, hi, hi, hi…’ Mas ninguém riu daquela bobagem. A verdade é que só os tigres e os elefantes sabiam para que serviam aquelas experiências. Para Hans, o anão, Arléquin disse estar treinando para não esquecer. Na noite antes da partida de Eszter, ele estava pronto. Escondeu-se entre os pés do público, na curva do picadeiro, com uma caixa de madeira entre as pernas, e esperou o momento em que ela entrou em cena…”

“E…”

“Com a sua caixa de manivela, tirou uma foto, meu caro Marceline, mas uma foto que não era uma foto. A foto que ele tirou dela era uma coisa viva.”

“Você quer que eu acredite que aquele tonto do Arléquin…”

“Sim, Marceline, capturou tudo, até o sangue que circulava sob a sua pele.”

“Não é possível.”

“Se você tivesse posto os olhos ali, a terra teria se aberto também sob seus pés, acredite, e você teria ficado enjoado, pois, ali dentro, tudo estava de cabeça para baixo e se mexia, os cavalos, o picadeiro, as luzes, e, naquele maremoto, só Eszter ficava em equilíbrio… Mister Bretchley, o nosso empresário, nunca ficou sabendo, senão teria transformado aquilo na atração principal do circo. ‘Entrem, senhores, venham ver O LADRÃO DO TEMPO, o único homem que pode roubar a sua alma e fazer com que vocês a vejam.’”

“E por que ninguém contou para ele?”

“Quem teria acreditado na extraordinária invenção do servente de um circo, de alguém que limpa a areia dos animais? Uma foto que se mexe! Nem você, que é dos nossos, acredita! Arléquin não sabia ler nem escrever.”

“Mas podia ter mostrado para alguém a sua caixa mágica.”

“Mostrou para nós, que éramos a sua família, mas não se interessava em torná-la pública nem em encher o Tâmisa de libras esterlinas; havia feito aquilo exclusivamente por Eszter, para continuar a vê-la dançar depois que tivesse ido embora.”

“Eu também gostaria de vê-la, se fosse possível. Ela voltou algum dia a Londres?”

“Não, depois do acidente, não voltou mais. Sua carreira acabou ali.”

“Sim, foi triste.”

“Talvez fosse o destino: a melhor bailarina da Europa cai de um cavalo assim que chega aos Estados Unidos.”

“Nunca mais houve outra como ela.”

“Então, acredita em mim?”

“Existe uma prova?”

“Ouvi dizer que, quando parte da companhia partiu para uma nova turnê, Arléquin entregou a sua invenção a Hans. ‘Foi o presente que não lhe dei no dia das despedidas’, disse. ‘Vá para os Estados Unidos e entregue-o, é dela.’ Mas ninguém soube mais nada. Nem de Hans, nem da caixa, nem de Eszter.”

“É uma história curiosa.”

“É mesmo.”

“Uma última coisa, Zarmo, por que todos o chamam de Arléquin?”

“Foi um apelido dado de brincadeira por um italiano que, muitos anos atrás, trabalhava no nosso circo. ‘Ei, Arléquin, venha cá’, disse uma vez. Todos acharam engraçado. Porque Arléquin é a máscara do arco-íris, e não existe um arco-íris negro.”

* * *

Pronto, caro Christopher, foi isso que ouvi naquele dia. Palavra por palavra. Zarmo deixaria você boquiaberto com as suas brincadeiras: era capaz de manter em equilíbrio um taco de bilhar no queixo e jogar duas bolas em cima. Tinha tanto talento que dava a impressão de que o taco estava para cair. “Demorei anos”, dizia, “para aprender a errar.” Marceline, por outro lado, era um esplêndido mímico que o cinematógrafo realmente aniquilou muito tempo mais tarde. Ensinou-me tudo o que se pode fazer com uma bengala de bambu e também como um rosto pode ser expressivo sem mexer a cabeça nem fazer caretas. Em *Cinderela*, eu devia derrubá-lo de uma cadeira e, durante os ensaios, usei tanta energia que quase quebrei a sua perna. Ele se levantou do chão, tirou lentamente a poeira dos joelhos, mas, em vez de me dar uma bronca, começou a rir. Ainda rindo, pegou a sua vara de pesca e voltou a ficar em pé em cima da banqueta. Lembro-me dele assim, no centro do picadeiro, enquanto, com uma isca de diamantes, tentava resgatar as garotas do coro desaparecidas na areia alagada. Usava um capote com uma longa cauda, gravata-borboleta sobre o colete branco como as suas bochechas e um chapéu que alisava com muito cuidado. Em cena, não dizia uma palavra, embora tivesse a voz mais bonita e gentil que já ouvi. Certa noite, sentou-se perto de mim e me contou que o seu nome verdadeiro era Isidro Marcelino Orbes Casanova. Perguntei como havia se tornado palhaço. “Com sete anos, adormeci na jaula de um leão”, disse, apertando os olhos, “e, quando acordei, estava longe demais de Saragoça e da minha família para voltar atrás: para que me contratassem, dei sete cambalhotas na frente do diretor do Circo Barcelonés.”

Eu sei, Christopher, que, para você, essas são histórias distantes e sem valor, mas, naquele Natal, Marceline era o ídolo de Londres, e seria também o de Nova York. Uma estrela que, por algum tempo, brilhou tanto quanto a de Harry

Houdini, o ilusionista. Mas, mesmo sabendo saltar até oito homens em fila e simular qualquer sentimento na imobilidade total, Marceline sempre foi um acrobata tímido e desorientado pela vida. A última vez que o vi, no fim da carreira, aceitara ser um dos muitos palhaços que corriam pelos três picadeiros do circo dos Ringling Brothers, depois que um acidente, a afirmação do cinema e dois restaurantes falidos o reduziram à fome. Entrei no camarim. Estava tirando a maquiagem devagar. Parecia um velho animal que não conseguia mais levantar nem uma pata sequer, imerso em uma melancólica letargia. Não esperou que a Morte fosse procurá-lo: suicidou-se com um tiro em um miserável hotelzinho para artistas em Nova York, o Hotel Mansfield, na rua Cinquenta.

Mas, na época, eu não tinha nenhuma ideia do que aqueles dois estavam dizendo. E embora eu fosse apenas um menino de oito anos, a história de Arléquin me abalou muito.

Era a hora secreta dos ensaios. Os trapézios oscilavam, os bastões e as argolas dos malabaristas eram lançados para o alto e as caretas dos palhaços enchiam o picadeiro em cima de bicicletas disformes e niqueladas. Diante do meu nariz, passou uma girafa de cinco metros de altura, com o pescoço ressecado, a língua azul e dois pequenos chifres na cabeça.

Eu tinha visto Arléquin algumas vezes, mas ele era uma daquelas pessoas que nunca fazem muito barulho, tão negro que, à noite, quando terminava de limpar a arena, se atravessasse nu o campo, ninguém perceberia.

Veio na minha direção uma mulher com figurino listrado, mais larga do que uma tina de zinco. Dava vontade de empurrá-la para um lado e para outro para ver se um mamífero com aquelas dimensões podia tombar. Tratava-se de Frida, a mulher-bala. Interpretava uma meia-irmã de Cinderela, e sabe-se lá quanto devia ser grande a boca de canhão que a atirava pelos ares.

“O que você está procurando, Gatinho?”, disse ela, agitando uma das mãos diante dos meus olhos.

Seu indicador era mais largo do que um pardal e, sobre uma unha, havia um grumo de goma roxa. Mas foi a voz que me surpreendeu. Tão fina que, se eu fosse cego, teria pensado em uma daquelas moças delgadas e sem apetite que passeiam por aí sozinhas, têm cabelos longos, olhos grandes e fundos e uma sombra de melancolia nas pernas secas.

“Nada”, miei, “estava dando uma voltinha.”

Frida começou a rir.

Encaminhei-me para a área dos animais. Tropecei duas vezes no mesmo tirante de ferro, não respondi a um ventríloquo e me deparei com um urso bailarino de mãos dadas com o dono.

“Com licença, senhor, sabe onde posso encontrar o negro Arléquin?”, perguntei a um homem de terno listrado, colete, luvas e bengala, pronto para o baile.

“Pirralho, a sua voz é mais fina do que as minhas costelas. Você tem algum problema?”

Observei o seu cavanhaque, grisalho e afilado, e os cabelos lanosos nas laterais; sob as calças, parecia que havia apenas duas ripas de madeira. Mesmo vestido, era o homem mais magro que eu já tinha visto. Estendeu calorosamente a mão na minha direção e eu a apertei, mas senti todos os ossos dos seus dedos estalarem de maneira alarmante. O homem pôs-se a rir.

“Não tenha medo, é uma brincadeira que faço com todos. Aqui dentro, sou o esqueleto humano. Meu nome é Jack. Todos os esqueletos da Inglaterra se chamam Jack. E você? Bem, não se pode dizer que você seja uma alteza.”

A sua risada ressoou desafinada e inoportuna.

“Se está procurando Arléquin, ele está lá embaixo. Foi um prazer conhecê-lo.”

Mas, antes que eu me afastasse, de uma das carroças pulou um espectro vestindo um comprido roupão vermelho e uma faixa bem apertada acima da cintura. Uma proliferação ameaçadora de pelos começava a descer desde a altura de seus olhos e em torno do nariz, cobrindo as bochechas, orelhas e narinas, e invadindo os maxilares e a testa. De humano, restavam apenas as pupilas e os lábios. E as mãos, glabras e brancas.

“O que você está olhando, anãozinho?”

Misteriosamente, aquele homem com feições de animal falava a minha língua.

“Você deveria vê-lo de gravata”, me disse o esqueleto humano, afastando-se com um passo ziguezagueante e incerto. “Jo Jo é o príncipe encantado mais lindo que já existiu.”

Observei-os desaparecer embaixo da arquibancada.

O estalo de um chicote anunciou que eu finalmente havia chegado às jaulas dos animais. Sem motivo, meu coração foi parar na boca, agitado como um pássaro que balança as penas. Mister Bretchley, o empresário de CINDERELLA AT THE CIRCUS — assim estava escrito nos cartazes por toda Londres —, me esquadrinhou da cabeça aos pés.

“Humm, nada bom”, disse, mastigando lentamente cada sílaba para reter ainda o sabor do tabaco. “À primeira vista, eu diria que você é um meio-termo. Não posso colocá-lo no número dos pigmeus barbudos porque é alto demais, nem no do mago Ruben. Sinto muito, rapazinho, mas você terá de se contentar em interpretar o gato ainda por um bom tempo.”

Mister Bretchley não era do tipo que se delongava muito. Disse aquilo e voltou a fumar.

Arléquin estava esvaziando um balde. Mal se virou. Uma luz estranha brilhava e, sobre o seu rosto, passou a sombra de um trapézio que o vento havia deslocado acima dele. As suas mãos estavam sujas de terra. O trapézio descreveu o percurso de volta e, na boca de Arléquin, um sorriso se abriu ao me ver. Ele sentou-se na beira do picadeiro, diante de uma fila de cadeiras vazias.

É assim que me lembro dele, limpando a terra úmida que ficara agarrada em seus dedos. Não sei como explicar, mas tive a certeza, como só um garoto de oito anos pode ter, de que, muito tempo antes, as suas mãos também haviam jogado malabares e enganado os olhos do público com aros, bastões e tochas, mas que naquele momento já mendigavam, sem remédio, a melancolia de um homem.

Limpando as jaulas dos animais, Christopher, aprende-se muitas coisas. Por exemplo: para retirar o esterco de elefante são necessários sacos de cânhamo com pelo menos um metro de largura, e é possível construir casas com esterco de camelo. As mãos de Arléquin — aquelas que foram as primeiras a inventar o cinematógrafo — sabiam que, no terriço, não se pode separar nada: a turfa do estrume, a poeira das cinzas, o seco do molhado. Tudo é a mesma semeadura, o mesmo punhado de areia. Assim como o silêncio, que é repleto de palavras, e o tempo, feito de recordações como uma raiz.

Mas você deve estar achando a minha conversa inútil e enfadonha como uma velha pianola desafinada, e, se eu continuar desse jeito, a Morte certamente me levará esta noite. Todavia, para mim, as recordações sempre tiveram uma relação com as mãos, mais do que com qualquer outra coisa.

Escute esta história. Certa vez, Mister Bretchley contou que havia contratado, em nome dos irmãos Bastiani, um anão sem braços. Acidente de guerra. Ou febre terçã. Ou talvez ele tivesse nascido assim. Chamavam-no Golias. E parecia uma brincadeira, mas Golias tinha uma força sobre-humana nos dentes. Se lhe amarrassem um morso como os que são atrelados aos cavalos, ele podia arrastar por dez metros uma carroça com as girafas, mais os palhaços e macacos em cima. O número sempre surtia certo efeito. O problema foi que, um dia, Golias se perdeu. O circo estava pelas bandas de São Petersburgo, no delta de um rio. Golias disse que queria ver como era um país cheio de neve, saiu e não voltou mais. Bretchley culpou os caçadores. Os lobos da tundra. Os terroristas anarquistas. A verdade era muito mais simples. Golias não foi capaz de reencontrar novamente o acampamento porque se esquecia facilmente de tudo. Nem se lembrava da causa da sua mutilação. E não era devido aos esforços dos maxilares, que faziam com que suas têmporas sangrassem, mas porque não havia lhe restado nenhuma das mãos para segurar o passado e não afundar na neve.

* * *

Três anos depois, deram ao meu pai a sepultura dos pobres no cemitério de Tooting, minha mãe foi internada definitivamente em um sanatório para doentes mentais e eu passei a correr.

Assim começou o novo século para mim.

Quilômetros e quilômetros de corrida.

Meu irmão Syd havia se alistado na Marinha e eu queria me tornar o maior corredor inglês: Charlie, o maratonista. Treinei durante meses, levei a minha resistência física até o limite do suportável, ganhei um prêmio de vinte e cinco libras esterlinas em Nottingham em uma prova de trinta quilômetros e, alguns anos mais tarde, apenas uma tosse forte me impediu de participar das Olimpíadas de Londres.

Naquela época, eu vendia pequenos buquês de violetas nos arredores dos *pubs* de Kennington Road e fui ajudante de um barbeiro andaluz que tinha um pequeno salão em Chester Street. Ele dizia que havia feito a barba de Robert Louis Stevenson uma vez. Quando não entrava ninguém, pegava um violão no almoxarifado e punha-se a tocar flamenco. Era a sua paixão. Explicava-me que aquela música era feita de um canto grande, um canto profundo e um canto mínimo, como todas as coisas, e que lhe causava o *duende*, uma espécie de mal-estar que incendiava o seu sangue. Não era muito claro o que queria dizer, mas eu achava que o entendia, como se um músico espanhol também tivesse estado presente na carroça de ciganos na qual eu nascera. A minha tarefa era ensaboar o rosto das pessoas. É inacreditável como os rostos são diferentes uns dos outros: ásperos, angulosos, gordurosos… Era natural para mim imitá-los no espelho enquanto massageava as bochechas, era mais forte do que eu. Quem estava esperando a vez me espiava por trás e, logo, toda a barbearia caía na risada. Em poucos dias, os clientes mais melindrosos exigiram que eu fosse mandado embora.

Perdi outro trabalho como mordomo porque construí, no meu tempo livre, uma longa trompa com uma calha. Defendi-me dizendo que gostava de música, mas fui despedido mesmo assim. Comecei, então, a fabricar brinquedos e caça-níqueis para dois escoceses, que os vendiam em feiras, até que a agência teatral Blackmore me designou para o papel de um jornaleiro ambulante, o qual interpretei com muito realismo em uma comédia com um título profético: *Dos trapos às estrelas*. Logo depois, me deram o papel do mensageiro Billy em *Sherlock Holmes*.

Em uma matinê, diante de duas mil pessoas, cheguei atrasado porque, com o dinheiro do primeiro pagamento, fui comprar uma máquina fotográfica e ninguém sabia como me achar. Quando entrei no camarim, já havia um substituto pronto. Senti uma dor tão forte que os capilares do meu nariz se romperam. Eu tinha mais ou menos a sua idade. Uma atriz de cabelos ruivos me empurrou para o vestiário feminino, e todas aquelas artistas seminuas e maiores do que eu estancaram o meu sangramento, me despiram e vestiram com uma fúria tão alegre e enérgica que conseguiram me mandar para o palco a tempo.

Talvez tenha sido por causa desse salvamento improvisado que a nudez feminina sempre me transmitiu uma sensação de irrefreável euforia e entusiasmo.

Depois que meu irmão voltou da Marinha, entrei finalmente para aquele grande circo que era a companhia de Fred Karno, a Fun Factory, por três libras esterlinas por semana. Quando Karno me conheceu, não consegui dizer uma palavra sequer. Ele achou que eu era tímido, triste e emburrado demais para o teatro, e, se não fosse por Syd, que já trabalhava para ele, nunca teria me dado uma chance. Eu podia dar certo como mímico, mas não como ator. Fiz com que ele repensasse sua decisão com algumas audições. Inventei tantos idiomas imaginários, com sotaques impossíveis, que ele mudou de ideia para sempre a respeito da minha voz. Após algumas semanas, me consultava sobre todos os números e logo acabei dando algumas boas ideias para os seus roteiros. Só havia uma pessoa mais talentosa do que eu, embora precisasse de prática: um rapaz magro com ar trapalhão, cabelos lisos e olhos perenemente lacrimejantes. Àquela altura, ainda usava o seu nome de batismo: Arthur Stanley Jefferson, mas todos o conheceriam como Stan Laurel.

Stan e eu chegamos juntos em nossa primeira visita aos Estados Unidos. Para uma turnê. Era 1909. Mas as coisas não aconteceram como sempre contei, com o navio que costeia o Canadá, ultrapassa a ilha de Terra Nova, segue o curso do rio São Lourenço e atraca na cidade de Quebec em um dia enevoado e chuvoso.

Não, meu caro Christopher, sempre guardei aquela viagem para mim. Era verdade entretanto que, em Londres, eu acabara de me apaixonar. Por uma garota de quinze anos. Ela tinha cabelos cor de vinho, a cintura mais estreita do que uma ânfora e me parecia a melhor bailarina que eu já vira. Na verdade, era apenas uma figurante da terceira fila, mas, por acaso, eu a vi trocar de roupa nos bastidores. Quase escorreguei, e as colegas dela riram: achando graça, ela fixou-me com os seus olhos castanhos, olhei seus lábios e pernas e me apresentei. “Charlie Chaplin”, disse, constrangido. “Hetty Kelly”, respondeu. Por duas semanas, não fui mais capaz de tirá-la da cabeça, era como se ela fosse uma planta que tivesse criado raízes ali.

Você vai ver como acontece nas primeiras vezes: você fica sem fôlego, se revira na cama à noite sem dormir e começa a fazer um monte de besteiras. Tentei reduzir os meus tormentos e a pedi em casamento no primeiro encontro.

Com as mulheres, nunca fui tímido. Cresci na promiscuidade dos teatros, no meio de centenas de corpos de atrizes e cantoras que se despiam juntas entre um número e outro, como eu disse, e nunca tive pudor algum. Mas os lábios e o sorriso de Hetty me fizeram corar. Levei-a para jantar, no Trocadero, perto de Piccadilly Circus, mas não foi uma grande noite. A nossa história durou um beijo e onze dias. Fred Karno deve ter percebido o meu estado porque, na semana seguinte, me mandou primeiro para Paris, ao Folies Bergère, e, depois, para um navio chamado *Kangaroo*, rumo a Nova York, com aquele rosto abatido de Stan. "Vocês dois estão com a cabeça quente", disse ao nos dar as passagens, "mas ainda falta tempo para que abandonem o teatro: esta viagem vai lhes fazer bem." Éramos as melhores promessas da sua escuderia e ele queria que entendêssemos de uma vez por todas o que chamavam de *vaudeville* e *music hall* nos palcos franceses e americanos. Se não tivéssemos nos perdido pelo caminho, ele apostaria que teríamos nos tornado ótimos atores.

No lugar de Karno, eu não teria apostado uma libra sequer no meu nome. Em Paris, fiquei doente de silêncio. Eu me olhava nas vitrines de Montmartre e me achava insignificante e descarnado como um cesto de lixo. Tinha certeza de que não podia atravessar oceano algum sem aquela garota. Então, na véspera da partida para os Estados Unidos, tentei fugir. Mas Karno havia pensado em tudo: pôs no meu encalço um anão com o apelido de Mosca, que não me abandonou nem um instante. Tecnicamente, Hetty nunca deu uma resposta à minha proposta de casamento, mas mandou me dizerem que não a havia levado a sério. Contudo, aquela não era uma brincadeira de um atorzinho insolente e pobretão, Christopher. A verdade é que, no amor, sempre continuei sendo um principiante, e somente a sua mãe me curou um pouco da minha insensatez. Estados Unidos, naquela época, eram palavras que soavam aos meus ouvidos como mel e veneno: meu pai também fizera uma turnê em Nova York, pouco depois do meu nascimento, numa viagem acabou sendo a causa do fim do seu casamento e o início do seu declínio.

A partir do momento em que subi naquele navio, não parei de chorar. Era um pranto sem lágrimas, e, assim que começamos a navegar, fui acometido por enjoo e cólicas. Depois de dois dias, eu tinha o aspecto de um cadáver. Fiz toda a

viagem na estiva, em cima de um catre. Mosca dormia aos meus pés. Não era uma situação cômoda, mas, ali embaixo, eu pelo menos não via o mar.

Quando chegamos à baía de Nova York, apertei os olhos com muita força para que não entrasse nem um raio de luz. Eu tinha vinte anos e os Estados Unidos, mais de quatrocentos; o vento borrifava água salgada no rosto de todos os passageiros do *Kangaroo* amontoados no convés que olhavam da amurada para a nova terra, e a minha vida estava prestes a mudar para sempre. Para comemorar a chegada, haviam levado para cima também os clandestinos e as famílias de emigrantes. Em meio ao frenesi, um marinheiro me carregou nas costas e me levou até o ar livre, mas me pôs no chão do lado errado. De costas para o litoral.

Assim, enquanto o restante do navio observava Nova York, eu ainda fixava o oceano.

É a última coisa de que me lembro da primeira parte da minha vida: uma extensão de água que me alaga os olhos e me impede de respirar. Foi ali, em um navio a vapor meio enferrujado e diante do fio azul que era o horizonte, que tomei a minha decisão e pronunciei o meu juramento.

Nos calendários, o mês de novembro de 1909 tinha apenas dois dias de vida.

Eu nunca me dignaria a olhar para os Estados Unidos.

* * *

Leváramos mais de três semanas para chegar até a foz do rio Hudson, entre monotonia e caldeiras, tempo ruim e algumas horas de apuros no meio do Atlântico. Três semanas de náusea e convulsões nas quais os viajantes a bordo do *Kangaroo* não fizeram outra coisa senão vomitar para fora da embarcação. Com um esforço que os fazia soluçar, como se tivessem muitas pedrinhas das quais se liberar escondidas atrás das têmporas, ou sob as unhas dos pés ou presas nos alvéolos pulmonares. Depois, ficavam sozinhos, com o estômago vazio e a língua verde, enquanto o oceano arrastava suas vidas anteriores. Eles as viam boiar na água, pálidos, com os cílios virados para trás e os olhos mais inchados do que os de um peixe, um rastro de flores brancas que afundavam ou ficavam à deriva e apodreciam lentamente. Quem mais sofria eram os velhos e as

mulheres. De pouco em pouco, o mar secava a pele de seus corpos e enxugava suas palavras, sem deixar um nome sequer para a última semente de dor que resistia dentro deles e que não era possível cuspir. As crianças, por outro lado, acostumaram-se depressa. Ficaram mal durante alguns dias, mas logo inventaram uma nova brincadeira, excitadas pela navegação e pelo aspecto insólito que o presente havia assumido para elas.

Todos menos eu. Eu segurava tudo na boca. Dobrava-me de cólica, mas não queria esquecer nada, não queria esquecer as pernas de Hetty Kelly no corredor de um teatro — nunca conseguiria esquecer — e não queria esquecer quem eu era, e o lugar do qual eu vinha, o sanatório no qual minha mãe estava internada, e as palavras que ouvi Zarmo dizendo a Marceline anos antes. Eu lutava comigo mesmo. Mastigava com raiva tudo o que tinha visto do mundo até então e mandava para dentro.

Quando parava no meio do Atlântico, com os motores desligados em meio à calmaria, o *Kangaroo* parecia um pássaro que havia pousado sobre a água, e eu me sentia feliz. Aquelas pausas reacendiam a minha esperança de que ainda era possível inverter a rota e suspender o destino. Mas, no final, as turbinas voltavam a funcionar com uma obstinação ferrenha, produzindo uma velocidade que nunca ultrapassou a média diária de trezentos e setenta quilômetros. Então, eu corria para me entocar nos porões de carga, antes que um pânico irracional se propagasse novamente por todo o meu corpo e me deixasse com febre.

O *Kangaroo* distribuía mercadorias e recolhia desesperados. As condições de viagem e a sua duração decerto não podiam ser consideradas as de um cruzeiro, mas, pelo preço pago, convinham a todos.

“Rapazes”, disse o médico que nos examinava a cada semana, “tratem de ficar com os olhos bem abertos, senão vocês não entrarão nos Estados Unidos.” Em seguida, nos explicou que, havia alguns meses, em Nova York, tinham inaugurado novas estações de acolhimento de imigrantes. “Já as chamam de várias maneiras: a Ilha das Lágrimas, a Colônia Penal, a Alfândega… São arsenais de pedra cinzenta que, às vezes, ocupam ilhotas inteiras. Logo após o desembarque, a primeira coisa que inspecionarão será a vista: quem tiver contraído a doença dos olhos nos navios, será mandado de volta. A palavra científica é tracoma.”

Naquelas travessias, nem mesmo o cólera causava tanto terror.

“Mandam embora também os abortos da natureza”, acrescentou o médico, “os surdos-mudos e quem não tem cérebro. Marcam as suas costas com um X de giz e os embarcam no mesmo navio em que chegaram, junto com as mulheres grávidas.”

Mas eu, Mosca e Stan nunca passamos por uma estação dessas. Nenhum barco foi nos pegar, ao contrário dos outros desgraçados que se jogaram no mar e foram pescados aos pés da estátua da Liberdade. Mosca estava convencido de que não deixariam entrar um anão como ele, apesar de todas as nossas permissões e cartas de apresentação. E Stan achava a mesma coisa porque, visto por fora, ninguém jamais teria dito que ele era tão inteligente. Mas, se o ouvissem falar… Era uma tirada atrás de outra, com um ritmo vertiginoso, e, se você parava de ouvi-lo, mesmo que por pouco tempo, voltava a ficar mareado. Também daquela vez, Stan elaborou um plano; eu me obstinei no meu. Naquele dois de novembro, continuei a manter os olhos fechados para que me mandassem de volta. À custa de cair no mar ou de bater em todas as arestas do navio e ficar cheio de hematomas.

Eu sonhava que todos os jovens e crianças na viagem seguissem o meu exemplo e começassem a se movimentar tateando junto comigo, obrigando o capitão a içar uma bandeira de perigo, como se o navio tivesse uma pestilência a bordo e não pudesse baixar âncora em nenhum porto, precisando partir o quanto antes, abandonar aquelas águas, restituir a sua carga de cegos às suas casas sem envenenar ainda mais seu sangue nem seus olhos, nem forçá-los a conquistar o próprio futuro em outro lugar, porque assim era o mundo. Atravessei no escuro uma floresta de pernas e desci, um a um, os degraus das escadinhas que levavam à coberta.

Às vezes, Christopher, sonho que ainda estou ali tateando no corredor interno de um navio a vapor e repetindo o meu juramento, para me dar força, diante de escadas sujas e negras que servem apenas para que sejam levados para baixo as garrafas velhas e o lixo. Uma mulher me segura por um braço e me arrasta consigo. Apoia as minhas mãos em um balaústre e me diz para segurá-la com força. Ninguém mais está prestando atenção em nós. Depois, o *Kangaroo* solta o barrito de um elefante e aquela loucura humana desarraigada, que não via a hora

de apostar o próprio bilhete na loteria da vida, sobe como eletricidade das estivas ao longo da fuselagem, fazendo vibrar o corrimão e as chapas de metal do convés, arrastando-me consigo.

O vento do Novo Mundo atingiu o meu rosto no exato momento em que outro objeto atingiu a minha cabeça.

Foi Mosca, com o couro de um dos seus sapatos reforçados. A ordem partira de Stan. Juntos, me levaram para uma saleta lateral e me despejaram na cauda de um piano, onde também se esconderam. Enquanto o navio era amarrado no molhe de Nova York, ou sabe-se lá de que ilha das lágrimas, passei o tempo construindo na minha cabeça uma cantilena, como um fantoche em uma baleia. Comecei a elencar as coisas negras que conhecia. A pedra de um vulcão que meu irmão me dera. O vestido da minha avó. As manchas de alcatrão na sola dos pés que só saíam com pedra-pomes. Uma fila de formigas no granito da cozinha. A batina de um padre. Uma barata que subiu nas minhas coxas em Londres, embaixo de uma mesa. Os barcos do Tâmisa. As calças dos velhos em Covent Garden. Amoras em uma sebe…

Antes que começassem as operações de descarregamento, eu já a havia terminado.

Negra como uma pedra de obsidiana,
negra como o piche,
negra como uma nuvem de chuva,
negra como uma bola de bilhar,
negra como a bandeira dos piratas e a roupa de um padre,
negra como a fumaça, o barro, o carvão,
negra como a tinta,
negra como um sapato.

Foi a primeira cor da América para mim.

Graças ao estratagema de um ator magro como um fio de cobre e à botina de um anão, foi dentro daquele piano que desembarquei no país da Liberdade, junto a uma carga de instrumentos destinada a um pequeno teatro. Ninguém pediu nossos documentos nem marcou nossas costas. Eu e Stan tivemos uma entrada realmente musical no Novo Continente.

* * *

Quer saber o que achei de Nova York da primeira vez que a vi, Christopher? Descarregaram-nos nos fundos do teatro e ali nos deixaram. O cheiro familiar das tábuas de madeira e das cortinas, à noite, nos atraíram para fora como ratos que farejam o ar de casa. Para mim, sempre foi irresistível, algo que você carrega dentro de si desde a infância. Lembro que uma pequena claridade descia de uma claraboia e iluminava debilmente a sala, todas aquelas poltronas vazias. Dei alguns passos no centro do palco e me esqueci de tudo. De Hetty, de Londres, do meu juramento. Senti-me imerso em uma solidão nova, cheia de promessas. Sim, quantas vezes nascemos na vida? Tantas que precisamos logo aprender a nos criarmos sozinhos, a não parar de nascer. A consciência de ser outra pessoa, de estar em outro lugar, me encheu de felicidade. Eu manteria os olhos bem abertos, isso sim, procuraria ver tudo, até mesmo o lado de trás das coisas. Encheria todos os teatros em que tivesse a oportunidade de representar. Conquistaria aquela cidade. Em um canto, haviam jogado um violino dentro de uma velha caixa preta e arrebentada. Devia ter sido avariado no transporte. Estava ali, encolhido como um cão que levou umas pauladas. Peguei-o e fui para a rua.

Do lado de fora, fomos acolhidos por uma temperatura amena. Embora fosse novembro, parecia verão. As luzes de Nova York, as pessoas que caminhavam depressa, algumas atrevidas, outras, solitárias, a insolência dos arranha-céus, o esplendor dos anúncios luminosos, os velhos que olhavam para os próprios pés sentados nos bancos e os bêbados que procuravam um portão ou uma escada de incêndio para dormir, tudo fazia parte da mesma atmosfera de loucura, um espetáculo que era encenado só para mim e que me mostrava a vida como ela era, sem meio-termo, na sua magnanimidade e no seu inferno.

Tínhamos um acordo com um sujeito, de seis semanas, para trabalhar nos teatros de sua rede, e nos apresentamos pontualmente ao encontro, como Fred Karno havia estabelecido. Se tudo corresse bem, cruzaríamos os Estados Unidos de uma costa a outra, passando pelas *drugstores* do Meio-Oeste, as criações de porcos, a soturna bruma de Chicago e o seu bordel mais famoso, a Casa de Todas as Nações, onde prostitutas de todos os países poderiam me eleger o Rei dos

Fugitivos e dos Emigrantes… Trabalharíamos com outras companhias de comediantes de Montana e desceríamos pelas escápulas ossudas daquele país até sermos finalmente abençoados pela Califórnia, pelas suas planícies cobertas de laranjais, pela sua luz descarada.

Mas as coisas não correram bem, Christopher, não mesmo. A nossa estreia foi um fiasco colossal. Um silêncio glacial acolheu a minha primeira fala e me aterrorizou. O público americano era muito diferente do inglês. Não fiz ninguém rir. Os esquetes pareciam fracos e repetitivos. Era o que eu temia. Eu havia tentado advertir os empresários e os outros atores durante os ensaios, mas todos, exceto Stan, me descartaram como um pessimista lúgubre e carrancudo que nunca bebia e só pensava em guardar o dinheiro que lhe davam. A apresentação terminou em meio à indiferença geral, que é ainda pior do que ser vaiado. Senti o mesmo pânico que vira nos olhos da minha mãe quando ela travou durante a canção de Jack Jones. Grande parte do público abandonou o teatro antes do fim do espetáculo, sem se virar. Desmoronaram todas as minhas expectativas. Levei uma vida para construir a segurança necessária para entrar no palco; bastou-me uma só noite para perdê-la. Pensei que não seria mais capaz de subir em um palco. Por muito tempo, pelo menos.

Com Stan, aluguei um quarto na rua Quarenta e Três, no porão de um edifício de arenito, ao lado de uma lavanderia que emanava um fedor de roupas sujas e vapor. Pela janela, entrava o som da tosse das mulheres que trabalhavam ali, e eu não conseguia dormir. Naquele quarto, Stan e eu ensaiávamos dia e noite, como quando jogávamos hóquei no time de Karno. Durante algumas semanas, repassamos obsessivamente tudo o que tínhamos aprendido até então. Eu lhe ensinei a dobrar a esquina de uma rua apoiado em uma perna só e com o corpo inclinado para um lado. Em Londres, eu tinha visto Will Murray, um ator de variedades, fazer esse movimento e gostei. Porém, na maioria das vezes, eu ficava sentado e observava Stan. “Que *barman* é este que existe dentro da sua cabeça e agita tão depressa todas essas ideias?”, eu lhe perguntava naquele vão embaixo das escadas na Times Square que cheirava constantemente a amido. Stan espremia as bochechas; depois, levantava uma das mãos e, surpreendentemente, na ponta do seu polegar, acendia-se uma chama. Nunca entendi que magia era aquela, senão eu também a teria usado, juro. Mas aquele

número era irreproduzível porque o próprio corpo de Stan soltava pequenas cargas de eletricidade como uma pedra de âmbar amarelo, e, às vezes, eu tinha medo de que ele incendiasse a casa simplesmente ao andar.

Certa noite, ele entrou com os olhos mais brilhantes do que duas lâmpadas de magnésio. Eu estava fritando um ovo. Stan tirou a frigideira das minhas mãos e jogou o ovo para cima. “Pensei em um novo personagem, Charlie”, disse ele. “É um rapaz pobre, como você foi, e completamente desamparado, mas, assim que adormece, sonha que vence todos os perigos e que é invulnerável.” O ovo caiu no centro da frigideira, espatifando-se. “Vou chamá-lo de Jimmy Sem Medo, o que você acha?” Baixou o rosto e, quando voltou a levantá-lo, pareceu-me um bailarino dançando na ponta dos pés ao longo de uma linha traçada com giz entre realidade e sonho, com uma leveza que eu não havia reconhecido em nenhum acrobata. Na verdade, ele estava jogando na minha cara, com elegância, um papel que lhe roubei em Londres depois de uma estreia. Orgulhava-se daquele personagem como de um presente: eu o substituí uma vez. Ele era o melhor, Christopher, e o mais generoso. Mesmo tendo interpretado-o uma só vez em público, a alma do seu Jimmy foi parar direto na alma de Carlitos, quando chegou o momento. Mas a sua invenção mais genial foi se fazer de bobo diante de todo mundo, como se tivesse se isolado para sempre em um canto da sua adolescência. Lamento nunca termos filmado juntos, sobretudo quando ele saiu do circuito e ninguém lhe ofereceu mais trabalho. Mas os Estados Unidos já haviam proibido o meu retorno, a velhice para alguns de nós parecia um insulto e eu tinha vergonha de Stan, por todas as coisas que eu lhe roubara.

No dia após a nossa apavorante estreia, peguei uma camisa, coloquei-a na minha sacola com um par de meias furadas e uma escova de dente e empunhei o violino estragado. Deixei um bilhete para Stan, desejando-lhe toda a sorte que uma pessoa com o seu talento e sensibilidade merecia. Eu o tinha visto nos campos de hóquei, as tacadas que era capaz de dar, a despeito da magreza. E também como voava sobre os patins enferrujados: eu tinha certeza de que ele saberia conceber o fingimento certo para tudo. Para Mosca, escrevi dizendo que não o colocaria em apuros com Fred Karno: eu voltaria para o fim da turnê ou depois de alguns meses. Só estava indo estudar o mundo e procurar o meu destino, se é que existia um destino em algum lugar. Para me tornar o ator que

desejava, eu precisava aprender a entrar na cabeça das pessoas, a me virar sozinho, a olhar. A criar cada movimento a partir da observação da vida. Não existem atalhos. Se eu quisesse ter credibilidade, precisava restituir na ficção aquilo que, de alguma maneira, havia sido verdadeiro para mim. Os truques que eu conhecia não funcionavam daquele lado do oceano.

Foi naquele dia que me tornei Carlitos, *The Tramp*, o vagabundo com o chapéu-coco e a bengala de bambu, e não no galpão de um estúdio cinematográfico três ou quatro anos depois. A turnê que fiz na época pelos Estados Unidos, com meus trajes desmazelados, não foi uma cambalhota de um teatro para outro, como sempre dei a entender, mas uma longa viagem solitária entre pessoas que sobreviviam de expedientes, ou que simplesmente não sobreviviam, no coração de uma humanidade desvairada, excêntrica e miserável. A vida que os outros atores levavam, longe de tudo, concentrados apenas em sua profissão, não me interessava. Em poucos meses, aprendi uma grande quantidade de outros ofícios, além daqueles que eu já havia aprendido em Londres, e conheci um sem-número de situações e temperamentos. Pode-se dizer que fiz um estoque de ideias para o resto da minha carreira. A minha pele adquiriu mais cores do que a de uma lula ou de um camaleão. Foi o aprendizado dos meus vinte anos e encaixou-se perfeitamente com o que eu realizara durante a infância.

Antes que o cinema atravessasse o meu caminho, ou vice-versa, ainda não entendi direito, até pensei em criar porcos e produzir linguiças. Aproveitando a minha estatura, trabalhei como jóquei em alguns hipódromos do Texas e do Novo México, colhi tulipas e lutei boxe em pelo menos uma dezena de academias dos estados do Sul, uma atividade dura, mas rentável: pagavam-me para levar socos durante toda a luta e ir à lona somente no último *round*.

Eu seguia uma dieta férrea, viajava de trem e me lavava muito, sobretudo os dentes, para sempre me orgulhar de rir, embora, muitas vezes, fosse tomado por acessos irracionais de raiva e melancolia. Quando surgia a oportunidade, mas somente na minha última noite em uma cidade, eu jogava cartas.

A minha meta era a Califórnia.

Em Las Vegas, até tentei vender aspiradores de pó multiuso que se transformavam em liquidificadores. Uma patente minha. Eu me apresentava

sempre da mesma maneira, com o sorriso mais aberto e insolente que conhecia: “Bom dia”, eu dizia, “meu nome é Charlie e tenho uma ideia que os deixará ricos.” Somente dois imigrantes alemães vesgos e uma pequena empresa de eletrodomésticos me propuseram a produção em série do protótipo. Ainda acho que, se tivessem levado a coisa a sério, o meu nome teria substituído para sempre o de William Hoover, o rei dos aspiradores de pó.

Nos intervalos, eu tocava violino. Havia consertado a caixa de ressonância com uma cola de sapateiro semelhante às resinas que meu avô usava e montado as cordas ao contrário, porque sou canhoto; em cada cidade que eu visitava, roubava alguns segredos dos músicos locais e os repetia no instrumento. Você não vai acreditar, Christopher, nem eu mesmo ainda acredito, mas, naquela época também trabalhei como embalsamador, treinador de boxe e tipógrafo.

Nunca contei isto a ninguém. Ouça bem.

Interna, noite. 24 de dezembro de 1972

A Morte está sentada na poltrona.

Carlitos caminha adernando de um lado para outro, como se estivesse num navio em alto-mar. Levanta um pé, está prestes a cair. Põe as mãos no chapéu-coco. Está com cara de que não come há dias. Tenta pôr a mesa, mas não consegue. De alguma maneira, acomoda-se atrás da escrivaninha. Apoia a bochecha na mão, com um ar sonhador. Imagina que foi circundado por uma comitiva de mulheres da vida. Faz uma reverência. Levanta-se, como se fosse fazer um discurso. Uma declaração de amor. Mas a sua única interlocutora é a Velha que está à sua frente. Logo volta a se sentar.

Então, pega dois garfos e os enfia em dois pãezinhos que estão em um cesto. Leva-os até quase embaixo do queixo e começa a levantá-los e abaixá-los como se fossem as suas pernas e uma orquestra estivesse tocando para ele. Gira-os no ar. Para um lado, depois para outro. Vira-os, mas os seus dedos têm dificuldade para segurar o garfo. Estão deformados pela artrose e as mãos se movem pesadamente, sem graça. Parecem os passos de um bailarino que não se lembra mais da coreografia e está com os músculos tão destruídos que vive sempre a ponto de cair.

Carlitos se curva para a frente. Está com o rosto sério. Conclui o número com um *spaccato* lentíssimo e esgotante.

A MORTE: Se você acha que vai me fazer rir com esses velhos truques…

Carlitos fica imóvel, com os pãezinhos em *spaccato*.

CARLITOS: Antigamente, eu sabia imitar até Nijinski e a Pavlova.

A MORTE: Antigamente… Vamos, vista pelo menos uma roupa decente.

CARLITOS: Por quê? Não posso ir assim?

A MORTE: Não seria adequado.

CARLITOS: É preciso se embonecar também para jantar no outro mundo?

A MORTE: Não, não é por isso…

CARLITOS: Por quê, então? Com este figurino, eu teria ido até depor no Comitê de Atividades Antiamericanas, como se tivessem me convidado para uma reunião de velhos comediantes. Mas a minha presença não foi necessária para que eu acabasse sendo investigado e mandado para o exílio…

A MORTE: O senador McCarthy tinha razão: você é um comunista incurável.

CARLITOS: Estou cansado de ouvir as pessoas dizerem de que lado estou.

A MORTE: Eu não sou as pessoas.

CARLITOS: E eu sou internacionalista, não comunista.

A MORTE: Internacionalista, pacifista, anarquista, utopista… não muda nada.

CARLITOS: Você não está vendo que arquipélagos de solidão que nos tornamos? Assassinos em massa…

A MORTE: Vocês continuam a ser o mesmo punhado de terra.

CARLITOS: Não posso acreditar, até você se aburguesou, a única que continuava a não fazer distinção de raça, credo, afiliação…

A MORTE: Eu?

CARLITOS: Sim, você mesma, a mais internacionalista de todos, mais marxista do que Rosa Luxemburgo ou Dolores Ibárruri, *la pasionaria*…

A MORTE: Nunca me interessei por política…

CARLITOS: Porque você é como eu: seu único interesse são os homens.

A MORTE: Está bem, venha como quiser, até mesmo com esses trapos, se isso o deixa feliz, mas fique calado.

CARLITOS: Já se passou um ano?

A MORTE: Você teve o que queria. Levante-se, está na hora.

CARLITOS: Não posso.

A MORTE: Não me venha outra vez com aquela história do seu filho.

CARLITOS: Não é por causa do meu filho.

A MORTE: Então, vamos.

CARLITOS: Não posso, estou travado.

A MORTE: Pare de choramingar e inventar histórias. Não tem mais graça. Vamos logo.

Carlitos tenta se levantar, apoia os braços na mesa, mas é como a fotografia de uma cena. A Morte levanta as mãos para o céu, bate-as nos quadris e volta a se sentar. Carlitos continua a fazer força sobre os pulsos, mas de nada adianta. Toca com o nariz um pãozinho… A Morte tamborila o braço da poltrona com os dedos esqueléticos.

CARLITOS: Então *(com voz impaciente)*, quer tratar de fazer o seu trabalho? Vai vir me pegar ou não?

A MORTE: Que absurdo!

A Morte se aproxima, pega-o por baixo dos braços e o puxa.

A MORTE: Um, dois e… três.

CARLITOS: Vamos! Força! F-f-força!

Chaplin ficou arroxeado pelo esforço e a Morte está sem fôlego, mas tenta içá-lo mesmo assim, com os pés bem plantados no chão.

Um estalo!

A MORTE: Aaaai!

CARLITOS: O que você está fazendo? Por que parou de puxar?

A MORTE: A coluna.

CARLITOS: O quê?

Os olhos de Carlitos fixam, atordoados, o capuz da Morte. Daquela escuridão não sai uma palavra sequer, apenas um lamento. As bochechas de Carlitos então se inflam como as de um trompetista e, devagarzinho, sai da sua garganta uma tosse contida que, no final, explode em uma alta risada, que contagia a Morte, e, juntos, os dois riem desenfreadamente.

A MORTE: Raposa velha, você se salvou desta vez também. Ha, ha, ha!

A Morte desaparece com a risada.

Carlitos finalmente se levanta, segurando a barriga, e tenta fugir para o corredor. Mas seus pés não conseguem se mover com muita velocidade.

SEGUNDO ROLO

Na estrada de Santa Cruz, encontrei um sujeito com um áspero cavanhaque louro no centro de um rosto liso que era como um campo de restolhos em uma pradaria. Chamava-se Anthony Deeds e tinha uma loja de doces em Watsonville. Convidou-me para vender nas cidades vizinhas as balas que fabricava. Aceitei porque não tinha nada mais a perder e não podia me dar ao luxo de recusar nenhuma oferta de trabalho. Mas, em três dias, apenas um menino esticou-me a mão com uma moeda de cinco *cents*, pegou a embalagem colorida e saiu correndo. O meu aspecto era mais triste do que o de um espantalho. O doutor Deeds percebeu e, a partir daquele dia, pôs-me um avental e me disse para ficar na loja.

Na verdade, mais do que para as crianças, vendíamos balas para os velhos. Eles enchiam a loja em certas horas do dia, como bandos de aves migratórias que pousam nos galhos de uma árvore e, enquanto eu pesava cem ou duzentos gramas de doces, sentavam-se em um canto e contavam suas lembranças durante tardes inteiras. Havia o senhor Pierre, que tinha um belo sorriso desdentado de casanova aposentado, para quem eu, atrás do balcão, escrevia bilhetes com rimas destinados às suas conterrâneas; e a senhora Dixie, uma beata que alugava quartos e estava cada vez mais convencida de que um dos seus inquilinos, um desempregado que nunca pagava o aluguel, tinha intenção de envenená-la com vinho de sabugueiro e depois incinerá-la na estufa da cozinha; e o senhor McKay, um garimpeiro de ouro que sempre falava de uma mina perdida na sua juventude. Às vezes, aparecia também um velho ator alcoolizado que trabalhava como vigia de um dormitório. A todos, eu dava de presente uma bala de alcaçuz, uma jujuba ou um barquinho feito com jornal.

Não era uma vida ruim; ouviam-se muitas histórias, que saíam tanto quanto as balas, uma atrás da outra, mas a minha inquietação voltara a fazer cócegas em meus pés e, certa manhã, não aguentei mais. Tirei o avental, pendurei-o em um gancho de madeira, escrevi duas linhas para o senhor Deeds em rima

emparelhada, coloquei o chapéu e finalmente tomei de novo a estrada para Santa Cruz.

No fundo, o meu destino não era senão o de um órfão a passeio pelos Estados Unidos, um órfão que não sabia se ainda estava procurando ou se já havia perdido o seu Shangri-La. Antes de chegar a Santa Cruz, parei para observar durante horas a baía de Monterey. Lembrou-me das luzes do Tâmisa, à noite, a milhares de quilômetros dali.

Cheguei a Santa Cruz ao pôr do sol. A primeira impressão foi de uma cidade de casas brancas, como todas as cidades de pescadores, que o céu aquarelava de vermelho ao final da tarde. Os homens nas ruas formavam longas sombras nas paredes. Nem mesmo a minha parecia a de um homem tão baixo, tanto que adquiri o hábito de observá-la com orgulho enquanto caminhava. Foi por isso que, no dia seguinte, topei com Archibald Lawster. O nariz desmedido e curvo foi a primeira parte do seu corpo com que me choquei.

“Que diabo, rapazote, você tem os olhos nas orelhas?”, gritou o senhor Archibald quando conseguiu falar.

Receei ter-lhe quebrado o nariz porque a minha cabeça ardia de dor. Um direto de Jack Johnson, o pugilista mais famoso da época, não poderia ter me causado mais dor do que aquele osso. Fiquei no chão, atordoado, por alguns minutos. Foi o próprio senhor Archibald que me levantou. Acabara de rearrumar o casaco; de resto, não parecia ter sofrido nenhum desconforto.

“Acho que você precisa de um copo d’água”, disse, e me arrastou para o outro lado da calçada, onde ficava a sua loja. Ao entrar, pensei ter visto um esquilo na vitrine, mas não dei importância. Archibald Lawster pegou uma cadeira e me fez sentar. Quando a minha respiração e meus batimentos cardíacos se normalizaram, descobri que estava rodeado de todo tipo de animal: pítons, pastores-alemães, alces, javalis, carneiros selvagens com chifres em espiral, patos e gatos siameses. No chão, uma sombra mais comprida do que todas as outras se estendia até a soleira da porta. Virei-me e, vergonhosamente, um soluço descomposto e incontrolável subiu-me pela garganta. Um urso de dois metros com os braços levantados e a boca aberta me fitava enfurecido.

“Não tenha medo”, interveio o senhor Archibald um segundo antes que eu saísse correndo porta afora. “É Juan Perez, o avô da minha mulher. Eu o

chamava assim quando minha esposa estava viva. Ela sempre levava a mal e ficava com os olhos avermelhados. ‘Está vendo como vocês são parentes?’, eu dizia.”

Eu continuava a tremer.

“É um urso embalsamado, meu jovem. Não foi fácil transportá-lo até aqui: o caçador que o vendeu para mim ganhou muitos dólares, pode ter certeza. Mas Juan Perez é a minha obra-prima. Dei duro durante quatro anos e acho que consegui conservá-lo da melhor maneira possível. Até um faraó do antigo Egito teria ficado satisfeito. Quem não o conhece sempre dá um pulo para trás e perdi muitos clientes por esse motivo.”

“Qual é o seu trabalho?”, perguntei ainda transtornado.

“Embalsamador, meu jovem. Há muitas pessoas que perguntam se posso empalhar o animal de que gostavam, outras que, desde o início, preferem os bichos mortos a vivos, em casa, e compram um cão, um castor, um periquito. Dizem que faz companhia. Antes, eu não as entendia, mas, agora que também fiquei sozinho, me pego com frequência conversando com Juan Perez e interrogando seus olhos de vidro.”

Tomei de um gole só o copo d’água que o senhor Archibald havia trazido e um furacão de ar incandescente se desencadeou no meu estômago. O senhor Archibald logo me deu duas pancadas nas costas.

“Pronto, meu jovem, agora você está bem e em paz com o universo animal.”

“Que diabo o senhor me deu para beber?”, perguntei assim que recuperei a voz.

“Rum, meu jovem. O mesmo que os piratas das nossas costas bebiam há duzentos anos. Se eu derramasse uma gota apenas na garganta de Juan Perez, em cinco segundos teríamos um urso bêbado solto na loja.”

Foi assim que conheci Archibald Lawster. Graças à minha sombra, à carcaça ressecada de um urso e ao rum que os piratas bebiam.

Fiquei dois meses naquela loja. O senhor Archibald me disse que precisava de um ajudante porque já estava cansado demais para levar adiante a sua atividade sozinho: se o céu havia feito com que nos encontrássemos, ou melhor, nos chocássemos, devia haver uma razão. Ele tinha certeza de que fora a esposa que

havia me colocado no seu caminho. Na verdade, acho que conversar com Juan Perez não lhe bastava mais.

“Vou ensinar o ofício a você”, ele me prometeu.

Não pensei um momento sequer: gostei daquele sujeito logo de cara. Mas aquele ofício, nunca aprendi. Não é fácil resumir a personalidade de um animal em uma máscara eterna. Esfolei várias carcaças, esvaziei suas veias, arranquei entranhas e nervos, costurei bocas, manuseei formol e todo tipo de unguento e resina.

Mas, para alcançar o resultado final, era necessário um talento que eu não tinha. As mãos deviam ser firmes como as de um cirurgião e era preciso ter muita paciência. No entanto, tudo isso não é o bastante para restituir a feliz leveza que pode ter um lobo-marinho que se acomoda sobre uma rocha. É necessária uma espécie de adivinhação. É preciso isolar um único gesto entre milhões, uma única pose, um único hábito. Empalhei uma quantidade razoável de aves, serpentes, formigas, peixes, mas seus olhos sempre acabavam tortos ou com comportamentos errados: uma foca com olhar de lince e rãs que davam a impressão de se movimentar como lesmas. Eu não fazia outra coisa a não ser imortalizar caretas. Só me orgulho de uma pequena orquestra de musaranhos que reuni e que, na vitrine, chamava a atenção de todas as crianças do bairro. O meu sonho era um dia embalsamar um elefante, um urso polar ou um cavalo.

“Uma vez, tentei fossilizar uma mulher”, me disse o senhor Archibald certa manhã, do nada, enquanto trabalhávamos em uma coruja cheia de penas.

“Eu era jovem e ambicioso, mas não foi por dinheiro. Exaltava-me a possibilidade de desafiar a Morte até o fundo. Ser um ladrão mais ágil do que a maior ladra que existe. Roubar-lhe um ser humano, um rosto. O pedido me foi feito por um marginal de São Francisco. Mataram sua namorada uma semana antes do casamento e ele queria conservá-la em um caixão de vidro pelo resto dos seus dias. A polícia invadiu sua casa antes que eu pudesse terminar, e foi uma sorte. Eu ainda não estava pronto para um trabalho como aquele: teria sido um desastre. Então, me safei com umas breves férias na penitenciária de Folsom. É verdade, meu jovem, não foram dias ruins. Os outros detentos me respeitavam, assim como os guardas e os carcereiros. Acho que tinham medo do meu apelido: Archibald, o Empalhador. Logo descobri que, em todo o instituto, circulavam

várias lendas a meu respeito. Até os presos mais irredutíveis, os Camisas Vermelhas, os que davam as boas-vindas a todos, me deixaram em paz. Devo a esse feliz equívoco o fato de Folsom ter sido somente uma inofensiva passagem na minha vida."

Archibald Lawster umedeceu com um pincelzinho a cabeça da coruja, concentrado nos seus pensamentos. Observei-o por alguns minutos.

"O senhor não tentou mais desde então?", acabei perguntando, porque não suportava todo aquele silêncio, mas logo me arrependi da minha curiosidade.

"A loucura voltou, Charlie, quando minha mulher morreu, dois anos atrás", respondeu com gentileza. "Eu finalmente tinha toda a experiência necessária para fixar para sempre o corpo e a pele de uma mulher; mas qualquer expressão teria apagado as outras. E eu queria conservar todas elas. Queria me lembrar do rosto que ela tinha quando jovem, quando me olhava por trás de um leque, escondendo as suas sardas. Ou da manhã em que nós dois subimos em um terraço e ela se sentou no chão de uma maneira tipicamente sua, afundando em um roupão de chenile branco com flores coloridas nas bordas. Queria me lembrar também dos seus olhos amedrontados durante a doença e do dia em que venceu todos os medos esboçando os passos de uma valsa no centro da nossa casa antes de se deitar definitivamente na cama. Não, deve haver outro modo para empalhar as nossas lembranças, para vê-las continuar a se mover."

As suas mãos abriram as asas da coruja lentamente, como se fosse uma marionete, depois, o senhor Archibald se levantou e foi fumar um cigarro na rua.

Fiquei trabalhando com ele ainda por certo período, mas, com o passar do tempo, a sua solidão me contagiou, e, quando me dei conta de que estava me tornando mais introvertido e melancólico do que Juan Perez, decidi que estava na hora de retomar a minha viagem. Tracei com um lápis o perfil do nariz exagerado do senhor Archibald em uma folha e escrevi embaixo:

Se existe um modo para embalsamar a memória,
eu o encontrarei, senhor.

* * *

Era uma promessa.
Achei que ele iria gostar.

* * *

Por algum tempo, dormi na catedral de San José antes de passar por um período de experiência na loja de um vidraceiro. Na rua, eu havia conhecido um menino com o boné inclinado para a frente, as mãos nos bolsos e os olhos espertos. Perguntei o que ele fazia, e o menino me respondeu: “Sou um prestidigitador e trabalho em um mundo de enganos.” Então, voltou-me à mente um truque que me fora ensinado por Fred Karno, que fazia aquele trabalho antes de se tornar empresário. Ofereci-lhe uma remuneração diária para que ele, com uma atiradeira, acertasse algumas janelas. Jackie aceitou, mas, na semana seguinte, um guarda com um lado do bigode para cima e o outro para baixo nos descobriu e tive que abrir mão daquele trabalho para evitar problemas piores.

Logo depois, consegui um emprego numa fábrica de velas. A minha tarefa consistia em inserir um fio de chumbo no pavio para mantê-lo reto e limitar os riscos de incêndio. Com as velas, senti-me mais à vontade do que com os animais. Àquela altura, eu já estava razoavelmente confiante com a resina e os óleos minerais, mas, na fábrica, aprendi a manusear também a cera de abelhas, de soja ou de sebo e aquela estranha substância branca e perolada que se chama parafina. Ali eram produzidas velas de todas as formas e logo fui capaz de reconhecer as diferenças de luz que suas chamas podiam produzir.

Naquele período, aluguei um quarto na casa de um velho que tinha ideias mais anárquicas do que as do meu pai. Chamava-se Martin Sycomore e morava em uma casinha bastante deteriorada e já hipotecada, junto a um punhado de netos. Ofereceu-me um quarto no térreo por um preço que me pareceu baixo demais e aceitei imediatamente, temendo que ele reconsiderasse. Mas logo entendi os motivos de uma quantia tão modesta: cada componente daquela família tocava um instrumento musical e praticava nas horas mais estranhas. Em certos dias, ou mais precisamente em certas noites, parecia que eu estava morando em um conservatório. Da cozinha, provinha o assobio agudo de um clarinete; da sala de jantar, os extravagantes acordes de duas notas de uma viola;

do primeiro quarto do corredor, a voz de um rouxinol emanava de uma flauta transversa e uma voz mais encorpada saía dos pistons de uma tuba baixo, um instrumento de marcha tão brilhante, pesado e comprido que podia ser tocado apenas por alguém sentado. Adaptei-me rapidamente e tirei entusiasmado o meu violino do estojo. Ali, eu poderia tocar a meu bel-prazer, todo o tempo que quisesse, e sem medo de perturbar ninguém.

Mas aquela casa não estava repleta apenas de músicos amadores: era possível encontrar ali o tio Boris, que estava sempre às voltas com pós negros e almofarizes de metal e, assim que caía a noite, saía à caça de fogos-fátuos com uma rede para borboletas; ou a tia Penny, que escrevia romances de capa e espada; ou o primo Paul, que colecionava selos. Mas quem me encheu de uma alegria irracional e insensata durante aquelas semanas foi Alice, uma neta que estudava dança e língua russa e era tão linda e radiante quanto um girassol. Não vou me delongar demais, não é do meu feitio: tive um caso com Alice. Começou no depósito daquela espelunca e, depois, apoiado no tronco de uma grande nogueira branca. Eu queria saber como eram os lábios de uma americana, e Alice me mostrou. Por alguns dias, nos devoramos em intermináveis passeios dominicais até a reserva florestal de Los Santos. O seu entusiasmo me surpreendia. Eu havia aprendido a transformar um pão em uma sanfona para fazê-lo durar mais e distrair a fome com um truque de músico, e isso a fazia rir até as lágrimas. Mas Alice sabia ser feliz por tudo. Achei que poderia continuar morando na sua absurda casa pelo resto dos meus dias.

Christopher, Alice foi a primeira garota que adormeceu ao meu lado. Arrumou um lugar entre os meus quadris, tranquila, depois, deixou-se levar pelo sono, entregando-se totalmente aos meus cuidados, e eu parei de respirar, pois é muito raro se tornar refúgio de alguém, mesmo por poucos minutos ou horas.

Uma tarde, paramos para observar a baía de São Francisco de um terraço. A cor do mar variava continuamente. Primeiro, azul; depois, verde-claro; por fim, verde-escuro. Dois grandes barcos estavam encalhados na praia. Li o nome daquele pintado de vermelho: *O viajante sem porto*. Mais para lá, havia uma longa faixa de terra, com as luzes acesas.

“Espero encontrar um homem que tenha as suas mãos”, me disse Alice.

Uma onda cobriu a sua voz.

Na manhã seguinte, encontrei um bilhete de adeus embaixo do travesseiro. Mas sem rimas nem desenhos. Apenas com um pedido de desculpa.

* * *

Alguém precisa manter a minha família e pagar a hipoteca…
O mundo será mais vazio sem você.

Daquela vez, Alice tinha se antecipado a mim. Tomou um trem para trabalhar no Canadá e eu nunca mais a vi. Perdoei-a naquele mesmo instante. Estranhamente, percebi que o pouco de alegria que ela havia me proporcionado bastava.

No dia seguinte à sua partida, cumprimentei o velho Sycomore e todos os seus familiares abraçando-os um por um, em silêncio. Depois, encaminhei-me para a estrada olhando para trás, mas eu não estava triste. Um clarinete entoava o adágio do concerto em lá maior K622 de Wolfgang Amadeus Mozart.

Muitos anos mais tarde, em uma longa noitada ao mesmo tempo feliz e melancólica, eu e um diretor de origem italiana que eu adorava e era ainda mais baixo do que eu nos desafiamos a contarmos um ao outro nossas eternas ilusões e os amores juvenis. Lembrei-me então de Alice. Ele não acreditou nem um pouco em mim, mas gostou do episódio. “É uma ótima ideia para um filme”, disse. Jogamos cartas e perdi.

* * *

“São Francisco é uma cidade nova”, disse o *barman* do primeiro lugar em que entrei para tomar uma cerveja gelada. “Se você tem projetos para a sua vida, rapaz, este é o lugar certo.”

Não era a primeira vez que alguém me dizia aquilo, mas eu já vinha percorrendo os Estados Unidos havia algum tempo e ainda estava sentado no banco de um bar.

“Não se passaram nem quatro anos desde o dia do terremoto”, continuou o *barman*, “e a reconstruímos totalmente, graças a Deus. Os tremores e os incêndios destruíram e queimaram tudo o que havia para ser queimado. As mansões de Nob Hill e os barracos do porto, os teatros, a Ópera, os ônibus; Market Street se tornou uma avenida do inferno. Destroços de um lado e de outro, montes de cartazes publicitários no chão, estruturas metálicas de campanários, fachadas de edifícios carbonizados com as janelas suspensas no ar, sobre o vazio… E, no meio, todos aqueles homens que andavam sem parar, as bicicletas, as carroças. Havia quem consertasse os trilhos e quem fosse para os centros de acolhimento, onde se cozinhava para todos ao ar livre. Veja com os próprios olhos, se quiser: sobrou apenas um punhado de canteiros de obra. O resto já quase voltou a ser como antes. Até melhor do que era, na minha opinião.”

Apoiei os cotovelos no balcão e observei o movimento da rua. Aquele homem tinha razão: os automóveis levantavam nuvens de poeira e de dólares. Eu sentia que São Francisco me colocaria no caminho certo. Se a cidade havia conseguido, após um terremoto e um incêndio daquelas proporções, dos quais todo mundo havia falado, por que não acreditar que eu também conseguiria?

No final de Market Street, me deparei com uma vitrine coberta por uma cortina que chamou a minha atenção. Em um cartaz, estava escrito:

DEIXE QUE A SORTE SEJA LIDA EM SUAS MÃOS
E NAS CARTAS.
UM DÓLAR.

Fiquei parado ali, lendo. Sim, pensei, economizar um dólar não teria me tornado rico. Afastei a cortina feita de conchas e entrei. As luzes tinham feixes vermelhos e uma mulher mandou que eu me sentasse diante de uma mesinha. “Pegue este maço de cartas, embaralhe-o três vezes e depois mostre-me as mãos”, disse com firmeza. Ela tinha bochechas flácidas e estava mastigando alguma coisa, talvez um pedaço de carne. Atrás da mulher, contei sobre uma prateleira uma dezena de frascos que continham um estranho unguento verde. A escrivaninha estava cheia de velas e cascos vazios de tartaruga e, de algum lugar,

emanava um cheiro de incenso e de outras essências. Assim que abri as palmas das mãos, a mulher quase engasgou-se com o que estava comendo. “Nunca vi uma mão como a sua”, disse. “Você terá uma sorte incrível e ganhará montanhas de dinheiro.” Achei que ela estivesse debochando de mim e me levantei da cadeira. “Você logo encontrará o seu caminho, feioso”, disse a mulher, “e será um caminho extraordinário.” Fiquei com raiva. Comecei a gritar que as pessoas pagariam de bom grado até mais que um dólar para ouvir coisas como aquelas, mas que não era o meu caso. Eu não queria ser iludido por ninguém, muito menos por uma charlatã sórdida como ela. Virei-me e fui embora, mas ainda tive tempo de ouvir a última previsão daquela cartomante. “Você morrerá no Natal”, me disse aquela mulher enquanto eu saía da loja, “com oitenta e dois anos, de broncopneumonia.” O eco da sua voz às minhas costas me acompanhou por toda a vida, mas já não falta muito para que a sua profecia finalmente se realize.

Aquele encontro me desnorteou. Parecia que eu não sabia mais qual era o meu lugar no mundo. Enquanto eu percorria a rua Três acompanhado de um monte de pensamentos sombrios, senti um fedor de suor e toalhas molhadas que eu conhecia bem. Provinha de um portão rebaixado em relação à rua, no meio de uma fileira de casas novas, todas cinza. Atingiu o meu rosto como um tapa e não consegui resistir ao impulso de ir ao seu encontro. Desci os poucos degraus que começavam na calçada, depois outra escada interna. No final, o estrondo peculiar de uma academia de boxe fez meu sangue voltar a circular. É inacreditável o ruído produzido por um ser humano que se agita nervosamente sobre as pernas e bate em um saco de pancada ou nos músculos de um adversário movendo o ar com o próprio fôlego. Um universo de golpes abafados, mas fragorosos, no vácuo, onde as vozes só servem para gritar exclamações primitivas à margem de um ringue.

Entrei no escritório do dono e disse que precisava apenas de um refúgio, por algum tempo. Se ele me ajudasse, eu poderia fazer de tudo ali dentro, poderia limpar e até mesmo ser um saco de pancadas. Eu havia sido um ótimo saco de pancadas no passado e havia sofrido cerca de vinte nocautes, por contrato, no último *round*.

“Se você acha que este lugar é uma igreja, enganou-se de endereço. Não sou padre e não acolho os carentes”, respondeu Webster Duncan com a sua voz

rouca de fumante.

“Sinto-me muito mais à vontade em uma academia do que em uma igreja, senhor”, falei, “por isso entrei aqui.”

Eu estava com a barba por fazer e o rosto cansado. Webster Duncan alisou a bochecha enquanto cerrava o maxilar.

“Há quanto tempo você não dorme?”

“Não é fácil dormir com a barriga vazia: nos últimos três dias, só tomei uma sopa.”

“Você não está brincando comigo, não é?”

“Não, senhor, até agora só disse a verdade.”

“Então, vamos fazer um acordo: vou pedir que tragam um prato de repolho e carne e deixarei você dormir no vestiário esta noite. Amanhã, você toma um banho e cai fora, está bem?”

“Está bem”, respondi, sentindo um nó de comoção apertando minha garganta.

Um mês se passou antes que eu pusesse um dedo fora daquela academia. Webster me contratou como faz-tudo e, quando me viu em ação com as luvas de boxe e um par de sapatos leves, decidiu que eu tinha um monte de coisas a ensinar para os seus garotos.

O atleta mais promissor que encontrei foi um rapaz de dezesseis anos com uma sombra de cavanhaque no queixo e rosto pensativo. Nós o chamávamos de Gago Groogan porque tinha um defeito de pronúncia e mal conseguia terminar uma frase. O seu físico era totalmente inadequado para o boxe: braços curtos, tórax estreito e pernas mais frágeis do que um graveto. Mas, quando usava o braço direito, era possível contar as veias inchadas no seu pescoço magro. E seu olhar gélido atrás dos punhos cerrados secava os ossos de qualquer um, como se ele tivesse sido acometido por uma tristeza repentina que queria sair do seu corpo com uma raiva irrefreável.

Ele tinha um fraco por passarinhos. Não sei como conseguia capturá-los: com miolo de pão, acho. Quando entrava na academia, tinha sempre alguns pássaros nos bolsos, e os acariciava com os polegares. Entregava-os a Webster com relutância, antes dos treinos. Abria as suas grandes mãos, que eram como dois animais quentes, e ali dentro dormiam aqueles passarinhos, com o pescoço quebrado, como marionetes de madeira.

Ele poderia vencer as lutas apenas com os olhos, pensei da primeira vez que veio na minha direção no ringue, com a guarda levantada. Um terror irracional se propagou pelos meus braços, e, mesmo tanto tempo depois, eu não saberia explicar o motivo. Gago Groogan fazia você se conscientizar de todos os seus limites e do lugar em que você estava naquele momento, das poucas coisas que havia realizado na vida até então e do nada absoluto que realizaria depois.

Isso destruía irreparavelmente a coragem de qualquer um. Poucos pugilistas têm esse dom. A mola que os faz dançar em cima de um tapete de borracha é diferente da música que move todos os outros. Não se trata nem de dinheiro nem de vaidade, como para muitos campeões. São sentimentos difíceis de nomear, um impulso que vem de uma profundeza remota e diz mais respeito à derrota do que à vitória. Sujeitos como Gago Groogan são raros como uma azaleia em um campo de papoulas. O público sempre os reconhece e se apaixona, pois vê a fragilidade antes da força, e, todas as vezes que eles vencem, tem a impressão de que está assistindo a um milagre, a uma rebelião à ordem natural das coisas. É como nas comédias. Mas, com o tempo, e eles mesmos são os primeiros a saber, a fragilidade que os molda volta a levar a melhor.

Treiná-los não é fácil. É necessária muita atenção: não valem as regras comuns. É preciso alguém que lhes ensine a cuidar de si mesmos. Essa foi a minha tarefa, por algumas semanas: ensinar Gago Groogan a se defender, sobretudo do seu próprio desconforto.

Também estabeleci uma disciplina para mim mesmo: eu comia pão integral, dormia as horas necessárias à minha saúde e mantinha os músculos em exercício. Pela primeira vez na vida, eu precisava servir de exemplo para alguém. Mas eu não teria conseguido convencer por muito tempo com os meus truquezinhos de trambiqueiro nem mesmo o mais despreparado daqueles garotos tolos que circulavam pela academia.

Todavia, Webster Duncan gostava do meu trabalho porque era um homem bom. Às vezes, saía do escritório para nos observar. Eu obrigava o nosso campeão a boxear usando um par de tamancos sobre a areia e mostrava todos os movimentos que havia aprendido com o Eight Lancashire Lads. Uma mina de fintas que teriam desorientado qualquer adversário. Eu me divertia escondendo-me atrás dele e imitando os seus passos. Rodava os braços, agarrava-o pelas

costas, golpeava-o de supetão. Os outros atletas paravam e começavam a rir. Eu queria que ele pulasse como as sílabas das palavras que soluçavam na sua boca para me insultar sem encontrar um caminho. Ninguém, depois dele, soube dançar daquela maneira em um ringue, e foi necessário esperar Cassius Clay para ver novamente algo semelhante. Um verdadeiro *sand dancer*. “Sem dúvida, seus métodos são originais”, comentava Webster examinando a ginga do Gago.

Sim, eu também sabia ser desonesto, se necessário. Antes que outra pessoa o fizesse, estraguei o seu perfil com um *uppercut* não anunciado e, depois, o mandei choramingar na frente de um espelho. Era o que eu queria: que ele cuspisse a sua alma jovem e delicada na pia de um vestiário e voltasse à academia mais nu e amassado do que um recém-nascido. “Nunca deixe que o sol da ira se ponha no seu horizonte”, eu dizia, “a raiva é um dom.”

Durante dias inteiros, o esgotei com a corda e as fintas de ombro, e mandei que corresse pelo bairro. Ele logo começou a parecer um boxeador autêntico, com a ponte do nariz marcada e as maçãs do rosto salientes. Ao final de três semanas, chegamos a um bom resultado e Gago Groogan estava quase pronto para a bênção da campainha, como se diz no jargão. Faltavam apenas alguns detalhes.

Exatamente um mês após ter entrado naquela academia, fui com Webster e nossa jovem promessa a uma luta de exibição de Jack Johnson, o filho de escravos mais famoso do planeta: um negro que admirava Napoleão Bonaparte, amava ópera italiana e, naquele verão, no décimo quinto round, diante de vinte mil pessoas, vencera em Reno, Nevada, James J. Jeffries, o branquelo. Também o pugilato, a seu modo, era um circo de criaturas desmedidas, e, como todos os circos, sempre atraía uma grande multidão. O caubói de dois metros que, alguns anos mais tarde, tirou o título de campeão mundial de Johnson terminaria a carreira no *Wild West Show* de Buffalo Bill.

Mas, naquela noite, parecia que toda São Francisco fora homenagear o gigante de Galveston. Gago Groogan sentou-se entre mim e Webster; eu sentia as suas pernas tremerem encostadas às minhas, como às vezes também acontecia comigo antes de entrar em cena. Parecia que ele estava com febre. Não conseguia chegar ao final nem mesmo de uma palavra de duas sílabas. “Você vai ter que se acostumar se quiser trabalhar nisso, disse Webster. “Da próxima vez,

você vai ser o centro das atenções.” Groogan não respondeu, estava com os olhos úmidos e apertados. O espetáculo do seu sofrimento era intolerável para mim. O que eu faria quando fosse ele a se sentar no canto do ringue? Teria que empurrá-lo para o seu destino com a mesma segurança com que o treinava? E como eu poderia ter certeza de que aquele era mesmo o seu destino? Eram perguntas que não valiam apenas para ele. Precisei me levantar. Pedi licença a dois casais que estavam sentados ao meu lado e me arrastei rapidamente para fora do banco. Na escada que levava às arquibancadas mais embaixo, notei dois grupos de homens que remexiam em suas carteiras no escuro. Eu sabia o que estavam fazendo: recolhendo apostas. Sobre os próximos confrontos ou sobre o número de *rounds* até Johnson soltar o seu lendário golpe de esquerda. Não pensei nem um pouco. Saquei do bolso o pagamento que Webster Duncan me dera pela manhã como remuneração pelos meus serviços e apostei no sete. “Sétimo *round*”, disse, articulando bem as sílabas nos ouvidos de um sujeito com sapatos brilhantes e um terno risca de giz italiano, “Johnson vai derrubar o adversário no sétimo *round*”.

O homem recolheu o dinheiro e marcou em um caderninho a minha aposta. Voltei a me sentar ao lado de Gago Groogan, que continuava a suar sem motivo, e esperei que terminassem os embates preliminares dos jovens pugilistas que tentavam se exibir.

Depois de algumas interessantes trocas de golpes entre um espanhol e um canadense, finalmente chegou a vez de Johnson. A multidão o saudou com uma salva de palmas. A circunferência dos seus braços e das suas pernas era impressionante. Johnson levantou as mãos na direção do público, apertou as luvas do rival, um californiano de Sacramento chamado O’Sullivan, e esperou que o árbitro, de camisa branca, gravata-borboleta e calça comprida, desse início ao combate.

O seu estilo era muito fácil de reconhecer. Johnson saltitava na ponta dos pés, com a guarda baixa, depois mergulhava em ações improvisadas; ao adversário, só restava tentar o corpo a corpo para conter aquela devastadora massa de carne que se lançava como uma locomotiva na sua direção. Por mais que se recebesse muito dinheiro, era necessária muita coragem para estar ali em cima. No sétimo *round*, a cabeça lustrosa do negro começou a suar e a sua esquerda partiu com

uma velocidade imprevisível, acertando o rosto do californiano e fazendo com que ele rolasse nas cordas. Eu avaliara que aquele tipo de combate nunca durava muito pouco, para não desiludir os espectadores, nem demorava demais, para não cansar o campeão. O sétimo *round* me parecia um bom meio-termo. Não me enganei. O'Sullivan tentou se levantar e se jogar para a frente, na direção dos quadris de Johnson, mas foi atacado por outra chuva de socos e, daquela vez, abandonou-se sobre o ringue, tentando aparar a queda. Quando o adversário já estava de joelhos, Johnson o alcançou e desferiu-lhe outro gancho para mostrar a todos que não havia acordo algum entre eles e que, no ringue, nenhum serviço é deixado pela metade. O'Sullivan caiu para trás e ficou literalmente pendurado na última corda do quadrado, com um dos braços balançando para fora. O árbitro foi até o negro e ergueu suas luvas antes que elas voltassem a golpear.

Gago Groogan estava pálido. Ficou sentado enquanto toda a arena se levantava. Aproveitei a confusão para me afastar. Enquanto eu descia a escada, adivinhei o olhar de Webster Duncan que me seguia. Fui até o homem que havia recolhido a minha aposta e retirei o dinheiro que me pertencia. Depois, saí por uma porta secundária, sem voltar até os meus companheiros. Naquela noite, tive sorte, mas nunca poderia ser um exemplo para ninguém. Gago Groogan obteria sucesso mesmo sem mim, assim como Stan. Ele tinha talento, Webster sabia e era um homem inteligente e capaz de ajudá-lo. Era melhor cair fora antes de estragar as mãos de outra pessoa, além das minhas. Apertei o passo rumo ao centro de São Francisco à procura de um hotel, segurando com força, dentro do bolso, o dinheiro que ganhara e jurando a mim mesmo que não poria mais os pés em um ringue.

* * *

Alguns dias depois, li um anúncio na vitrine de uma loja.

PROCURA-SE APRENDIZ PARA OFICINA TIPOGRÁFICA
DUNCAN STREET, 12
FALAR COM WILLIE

Duncan Street era uma avenida em declive com uma fileira de pequenas árvores no centro com forma de diapasão. Todos os edifícios tinham fachadas de arenito marrom. Ao vê-las, fui acometido por uma nostalgia ardente das velhas ruas de Londres, muito estreitas e diferentes das americanas. A nostalgia é sempre um sentimento desleal, esconde-se atrás de uma escada de incêndio e dá uma rasteira em você quando quer. Seria um coadjuvante perfeito para um comediante, se fosse possível saber de antemão as suas falas.

A porta com o número 12 era branca e, lá de dentro, vinha, atenuado, um crepitar metálico e regular. Assim que entrei, o barulho aumentou e, ao pedir para falar com Willie, quase precisei gritar. Diante de uma máquina a pedal, havia um rapaz que me indicou os fundos da loja. Willie era um homenzarrão com braços peludos e luvas pretas. Tinha as mangas da camisa quadriculada arregaçadas até o cotovelo.

“Vi a sua oferta de trabalho”, falei. “Gostaria de saber se ainda é válida e do que se trata.”

“Quantas minhocas você tem na cabeça?”

“Todas as que eu tinha foram embora, senhor. A esta altura do campeonato, a minha cabeça é um campo seco.”

“Muito bem, melhor assim. Até agora, só se apresentou gente estranha. Estudantes engomadinhos de pronúncia perfeita demais ou então senhoras idosas com o rosto carregado de pó de arroz e que não sabem como ocupar os seus dias.”

“Só estou procurando um emprego.”

“Deixe-me olhar para você. Tem o porte adequado. Se não arrumar encrencas, direi o que tem de fazer.”

Não sei por quê, Christopher, mas, naquela manhã, Willie me deixou de bom humor, talvez porque tornasse as coisas simples.

“O salário é o mesmo dos outros operários”, disse, “nem um dólar a mais ou a menos. Aqui, não fazemos distinções: todos trabalham da mesma maneira. E se você não sabe nada disto aqui, não interessa. No início, não é difícil. Você só precisa me dizer uma coisa: quanta paciência tem?”

“Quanta for necessária.”

“Será capaz de ficar parado durante horas em uma cadeira bastante desconfortável?”

“Já fiz coisa pior.”

Pareceu-me satisfeito.

“Tudo bem, então. Naquele armário, tem um macacão que ficará perfeito em você. Vista-o e venha comigo: temos um manual de gramática inteiro a ser entintado.”

O macacão era cinza e estava manchado; não era exatamente do meu tamanho, mas servia. Vesti-o e acompanhei Willie até a sua oficina.

A primeira coisa que aprendi foi como moer a tinta para tirar todos os grumos e torná-la fluida como óleo. Depois de uma semana, minhas unhas estavam pretas e eu demorava horas limpando-as à noite com chumaços de algodão embebidos de acetona. Sujei até o espelho do violino, mas me sentia tranquilo como nunca. Aquele trabalho me dava uma calma até então desconhecida.

Depois da tinta, logo me familiarizei também com aquela outra substância betuminosa e densa que os homens chamam de petróleo e à qual dão um valor desmerecido. Nas tipografias, o petróleo serve para lavar os rolos, trata-se de água suja carregada em baldes e descartada nos bueiros. Era o que eu fazia ao final do dia, mas nem mesmo essa tarefa me desagradava. Eu devolvia o brilho aos punções e tipos de chumbo das chapas com a máxima atenção, como se fosse uma questão de vida ou morte e o meu dever consistisse em restituir um novo alfabeto à humanidade e apagar todas as palavras impressas em um dia para poder recomeçar do zero na manhã seguinte.

A tipografia de Willie Cook, esse era o sobrenome do chefe, reproduzia sobretudo obras didáticas: textos escolares, compêndios de ortografia e métrica, hebdomadários, mas também muitos romances populares em edições baratas.

Quando Willie julgou que eu estava pronto, chamou-me para uma conversa.

“Na sua idade”, disse, “fui ajudante em uma das mais prestigiosas tipografias de São Francisco. Recebíamos várias encomendas de clientes importantes, até mesmo da Europa, e trabalhávamos com as embaixadas. Dávamos duro dia e noite, sem descanso.”

Enquanto falava, Willie agitava o ar com as luvas pretas.

“Agora, vou lhe mostrar uma coisa.”

Lentamente, puxou a ponta da luva esquerda do mindinho. Quando terminou de tirar a primeira luva, a mão que surgiu tinha dois dedos aleijados.

“Apresento-lhe Dom Quixote e Moll Flanders, Charlie. As minhas luvas têm estofamentos especiais que me devolvem os dedos que faltam, mas o seu verdadeiro aspecto é este. Você pode chamá-los de Molly e Dom, se quiser. Dom é o meu Anular de Aspecto Triste. Perdeu uma falange em batalha, enquanto eu prensava uma edição do romance de Cervantes para a tipografia real da Espanha, mas, como pode ver, manteve o seu ar nobre e emagrecido. Molly, por sua vez, foi modelada em um prelo vertical do qual eu estava retirando as últimas páginas do livro daquele velho ladrão e pirata chamado Daniel Defoe. Antes, era um polegar bastante desengonçado, como o de todos, agora, porém, é uma tira de carne com os quadris largos e sensuais, não acha?”

Subiu-me pela coluna o arrepio que costumo sentir todas as vezes que assisto ao espetáculo da loucura humana. Mas eu não conseguia tirar os olhos daquela visão porque Willie mantinha a mão aberta diante do meu rosto, como um troféu.

“Nem sempre é o que acontece, não fique com medo, mas lidar com livros pode ser muito mais perigoso do que se imagina. Aqui todos usam luvas, como você já deve ter percebido. E não apenas para não se sujarem de tinta. Escondem as feridas que os livros causaram. A verdade, Charlie, é que os milhares de páginas que imprimi moldaram o meu físico antes de moldarem minha alma; isso é algo que um tipógrafo conhece bem, mais do que qualquer outra pessoa.”

Continuei a escutar conformado o seu delírio.

“Na melhor das hipóteses, este trabalho deixará em você marcas invisíveis que mudarão radicalmente a sua pessoa. Você tem certeza de que quer prosseguir com o aprendizado?”

Willie Cook me causou certa inquietude, mas me esforcei para reagir com a máxima firmeza.

“Claro, quero aprender tudo o que há para ser aprendido.”

“Muito bem, Charlie, de hoje em diante, chega de tarefas de servente. Quero pôr você à prova.”

“Diga o que devo fazer…”

“Você irá para a composição. Mas ainda preciso escolher com qual livro, isso é importante. Para você, eu gostaria de um livro com um valor especial, mas esta

não é uma tipografia prestigiosa como aquela na qual eu trabalhava quando jovem. Posso oferecer apenas algumas obras baratas. Temos um romance de Theodore Dreiser, um de Mark Twain ou então um de Júlio Verne. Alguma preferência?"

"O de Verne tem que título?"

"*A ilha misteriosa.*"

"É sobre o quê?"

"Pelo que entendi, fala de uma ilha no Pacífico e de um grupo de náufragos, dentre os quais um engenheiro que inventa de tudo para sobreviver…"

"Posso começar por esse, chefe."

No canto da boca de Willie Cook aflorou um sorriso.

"Vou levá-lo à escrivaninha onde você vai trabalhar daqui em diante. Venha."

Fui atrás dele, curioso, sem saber que não me levantaria daquela escrivaninha por alguns meses. Willie me levou para o canto mais silencioso de toda a oficina e em seguida me convidou para me sentar diante de uma mesa sobre a qual havia uma caixinha de madeira dividida em vários compartimentos que continham minúsculas hastes de chumbo.

"Enfie os dedos aí", ordenou.

Obedeci em silêncio e senti o relevo das letras fazer cócegas na ponta dos meus dedos.

"Aqui está tudo o que você precisa. Deste lado, estão as consoantes; a coluna central é a dos números. As vogais, por sua vez, estão à sua direita, na parte de baixo; em cima, ficam as maiúsculas, os caracteres especiais e acentuados. É só segurar com uma das mãos a linha a ser preenchida e pegar com a outra as letras de cada palavra."

Willie me mostrou os movimentos que eu deveria fazer. Observei com uma sensação de desorientação.

"É necessária uma boa dose de paciência, como eu disse. Você precisa se acostumar. Daqui a pouco, passo aqui para dar uma olhada e você me diz o que está achando. Este é o texto que você deve compor. Bom trabalho, Charlie."

Willie deixou sobre a mesa uma velha edição do romance de Verne e se afastou da minha escrivaninha. Abri o livro e comecei a ler e a trabalhar. A

primeira linha que compus foi um título: *Os náufragos do ar*. Quarenta minutos só para quatro palavras. Mas, na hora do almoço, comecei a pegar o jeito.

CAPÍTULO 1*: O furacão de 1865. Gritos no ar. Um balão arrastado por um remoinho. O invólucro dilacerado. Apenas o mar à vista…*

Com muita dificuldade, Cyrus Smith, o protagonista do livro, começou a falar no fim da tarde. Calculei que, com aquele ritmo, precisaria de um ano e meio para terminar a tarefa que Willie me havia designado, pois *A ilha misteriosa* tinha mais de quinhentas páginas.

"Não se pode dizer que você foi um raio", disse o senhor Cook, "mas, por hoje, você não desistiu e isso já é muito."

Naquela noite, me joguei na cama com todos os músculos do corpo doloridos como se não tivesse feito outra coisa a não ser correr o dia inteiro enquanto, na verdade, não havia saído de uma cadeira.

No dia seguinte, as coisas saíram um pouco melhor e, no terceiro dia, mais ainda. Ao cabo de uma semana, eu havia adquirido a velocidade dos compositores mais tarimbados e, depois de duas semanas, corria como um trem da Union Pacific. Completei o livro de Verne em cerca de quarenta dias, participando cada vez mais das invenções de Cyrus Smith e preparando comovido o funeral do capitão Nemo.

Tomei gosto pela coisa, conseguia me concentrar sem esforço e não sentia nenhum cansaço. Willie também estava satisfeito e me observava dos fundos da oficina com ostentado orgulho. A verdade era que eu gostava daquele trabalho, e aquele tipógrafo pirata havia percebido isso desde o início.

Depois de ter atravessado os Estados Unidos de norte a sul, de leste a oeste, eu finalmente tinha um emprego que me forçava a ficar parado em um lugar, com os pés bem plantados no chão, além de me obrigar a ler. Pode-se dizer que aprendi a ler naquela tipografia. Não havia passado muito tempo desde o período em que o meu irmão Syd tivera de silabar em voz alta em um sótão o papel que eu deveria interpretar em *Sherlock Holmes*. Na tipografia de Willie, me dediquei sobretudo aos romances. Eram um luxo que eu só pudera me conceder raramente até então. Mas, desde a primeira linha que compus com os meus dedos, entendi

que não se tratava apenas de ler. Eu cingia as palavras nas mãos, podia pesá-las, medi-las, arranhar-me com elas: antes de qualquer outra coisa, eram para mim chumbo, estanho, antimônio. A partir daquele momento, e pelo resto da minha vida, eu as trataria como um malabarista, procuraria para elas sempre a melhor luz.

Sim, Christopher, era muito mais do que ler: eu desmontava os livros e os remontava. Uma ação que se aproximava da reescrita de verdade. Eu poderia dizer que, no período em que fiquei na oficina de Willie Cook, reinventei inteiramente algumas obras-primas da literatura mundial, letra após letra, palavra após palavra, vírgula após vírgula. Willie apoiou o meu entusiasmo e me encarregou da coleção de ficção de baixo custo a ser impressa para uma editora popular. Pequenos volumes com capas leves e simples. A primeira vez que vi *A ilha misteriosa* encadernada e pronta para ser posta à venda, senti-me tão orgulhoso quanto o autor ou como um carpinteiro que tivesse construído uma bela mesa. Durante dias a fio, fui várias vezes a uma livraria do centro de São Francisco para observar de longe aquele livro na esperança de que alguém entrasse e o pedisse.

Depois de Verne, trabalhei com os capitães corajosos e o homem que queria ser rei de Rudyard Kipling; em seguida, com o conto de Natal de Dickens; um diário de viagem de Mark Twain… Em apenas dois meses, eu havia lido mais livros do que em toda a minha vida. Tornei-me tão bom que comecei a ajudar os outros tipógrafos. Eu era sempre o primeiro a acabar e pegava algumas páginas dos outros volumes que estavam sendo compostos. Sem uma ordem precisa, pelas minhas mãos, passou uma longa série de personagens: Gargântua, o licenciado Vidraça, o capitão Singleton, Gulliver, Tristram Shandy, Werther, o barão de Münchhausen, Oliver Twist, o coronel Chabert, Pecorin, Fabrício del Dongo, Acab, Sissy Jupe, Emma Bovary, Pierre Bezukhov, Raskólnikov, Ana Karênina, Huckleberry Finn, Kurt, Buck…

Eu era o último a sair para terminar de ler. Em algumas noites, Willie Cook aparecia para me oferecer um gole de uísque ou de bourbon do Kentucky. Guardava as garrafas embaixo da sua escrivaninha. “São para quando sinto Molly e Dom formigarem”, dizia. E acrescentava que a impressão, no fundo,

havia surgido de uma prensa usada para vinho e que só um beberrão como Gutenberg poderia tê-la inventado.

Durante meses, o mundo se dissolveu para mim no canto daquele salão que cheirava a tinta e papel. Eu me sentia perfeitamente à vontade ali e ficava surpreso toda vez que, ao final do dia, tinha de voltar para o quarto que havia alugado na região portuária. Eu pegava o bonde que descia do outro lado da cidade com uma indolência incrédula, como se a realidade fosse muito mais incompreensível para mim do que todas as histórias que eu manipulava pescando as minhas letrinhas em uma caixa de madeira. A verdade era aquela leve neblina azulada que envolvia São Francisco todos os dias e que eu não conseguia mais atravessar.

Certo dia, nas últimas páginas de um novo romance que havia me entusiasmado, tranquei o protagonista Martin Éden na cabine de um navio, impedindo que ele estragasse a própria vida, caso isso lhe passasse pela cabeça, levantei-me da cadeira e fui até Willie Cook para pedir demissão.

“Gostaria de agradecer”, falei, “porque me senti bem aqui.”

Willie apoiou com ar cansado as luvas pretas sobre a escrivaninha.

“Eu sabia, rapaz, que você iria embora.”

“Sinto muito, eu gostava deste trabalho…”

“Boa sorte, Charlie.”

“Obrigado, Willie, vou precisar. Só um favor. Faltam poucas páginas no livro em que eu estava trabalhando. Mande-o imprimir assim. Tenho um mau pressentimento em relação ao protagonista e não gostaria que ele fizesse uma bobagem.”

“Acho que não é possível, Charlie.”

“Reembolsarei o seu prejuízo um dia. Prometo.”

“Se esse é o seu último desejo, o autor vai ter de se resignar.”

“Quando ele vier reclamar, pode dizer o meu nome; eu gostaria de conversar com ele quando voltar.”

“Esperarei por você, Charlie.”

“Mais cedo ou mais tarde…”

“Voltarei a vê-lo, tenho certeza.”

Willie se levantou e me abraçou também com os dedos que lhe faltavam.

Interna, noite. 24 de dezembro de 1973

Charlie tenta o número do barbeiro.

Molha um pincel em uma tigelinha de metal cheia de espuma de barbear e começa a passá-lo em cima de uma luminária. Distribui bem a espuma no cilindro de tecido. Observa satisfeito o resultado, depois finge que está lavando as mãos e as limpa no paletó. Pega da escrivaninha uma navalha e começa a afiá-la rapidamente, alargando os braços como se fossem uma sanfona, parecendo estar com soluço.

A MORTE (*da sua poltrona*): Não tem graça. Vagabundo, não acho graça.

Carlitos se concentra no seu trabalho, como se não a tivesse ouvido. Com movimentos decididos, tenta tirar a espuma da lâmpada. A cada vez, passa um lenço branco sobre a navalha.

CARLITOS: Você já teve um cachorro?

A MORTE: Eu, um cachorro? Você acha que eu poderia cuidar de um bicho com tudo o que tenho a fazer?

CARLITOS: Uma pena, teria feito bem a você. Eles têm um grande senso de humor.

A MORTE: O que você quer dizer?

CARLITOS: Você se sentiria menos sozinha e teria um caráter melhor.

A MORTE: Não diga bobagens…

CARLITOS: Uma vez, eu escolhi um no canil para um filme. Não suporto animais enjaulados, você sabe. Ele se chamava Mut. Gostava tanto de mim que, quando precisei me afastar por alguns dias, o bicho morreu de coração partido…

A MORTE: Pare com essa conversa fiada…

CARLITOS (*ressentido*): Esta é uma barbearia e todos podem falar quanto quiserem.

A MORTE: Vá se preparar, Vagabundo, e tire esse bigodinho ridículo. Você já viveu dois anos a mais do que tinha direito.

CARLITOS: Eu gostaria de manter o bigode.

A MORTE: Eu não me orgulharia tanto assim dele. Hitler também o usava.

CARLITOS: Fiz um filme sobre essa coincidência.

A MORTE: É uma coincidência também ele ter nascido apenas quatro dias depois de você? Quase um gêmeo…

CARLITOS: Se ele tivesse sido um ator cômico, e talento não lhe faltava, teria sido melhor para todos. Mas não entendo o que você quer dizer…

A MORTE: Que todas as coisas têm um duplo.

CARLITOS: Felizmente, a mim coube a máscara que só fazia rir.

A MORTE: A sua inocência é exasperante.

CARLITOS: Eu gostaria que não se fizesse confusão, mas é verdade que há muitas pessoas que se comportam mal neste mundo.

A MORTE: Está na hora de fechar o salão, barbeiro.

CARLITOS: Está bem, está bem. Quanta pressa!

Carlitos a ignora, mas percebe de repente que não está mais enxergando direito. Começa a suar. É obrigado a pôr os óculos, porém, mesmo com as lentes, continua a ter problemas. A Morte, então, se levanta e, por trás, põe a mão sobre o seu ombro.

A MORTE: Vamos, velho, está na hora…

Desconsolado, Carlitos assente, enxuga no manto da Morte a espuma que tem nas mãos, depois limpa também a navalha, mas o braço escorrega e, sem querer, desfere um golpe com uma trajetória incontrolável. Com um único gesto, corta de chofre um dos dedos esqueléticos da Morte.

CARLITOS (*cobre a boca*): Desculpe.

Carlitos está mortificado. Curva-se e recolhe a falange, a falanginha e a falangeta que estão caídas no chão. Levanta-as e as olha aturdido. A Morte também está incrédula.

A MORTE: Um número digno do seu amigo Stan Laurel.

CARLITOS: Não fiz de propósito.

A MORTE: Eu sei, não importa.

CARLITOS: Ainda bem que você não sangra.

A MORTE: …

Da profunda escuridão do seu capuz, sobe um soluço. Ela tenta se segurar, mas, no final, é obrigada a se render.

A MORTE: Ha, ha, ha! HA, HA, HA, HA, HA!

Mais uma vez, a sua risada se afasta, deixando um velho palhaço apalermado em pé diante de uma luminária, um palhaço que não entende o que aconteceu e fixa obtusamente um montinho de ossos entre seus dedos carnosos e enrugados.

TERCEIRO ROLO

Cheguei assim à *Ciudad de la Iglesia de Nuestra Señora de Los Angeles sobra la Porziuncola de Asís*. Dá para entender por que abreviaram o nome apenas para Los Angeles. Aluguei um quarto no Los Alamitos Hotel, um hotelzinho perto da Great Northern. Era administrado por um homem de olhos puxados e boca grande. Seu lema era "O SENHOR HOOD NÃO DÁ ABRIGO AOS MENDIGOS". Para tranquilizá-lo, dei um adiantamento. Por certo tempo, meus pés puderam perambular a seu bel-prazer pelas estradas daquela cidade, sem vínculos e sem horários. Eu adorava identificar algumas mulheres na multidão, paradas na frente de uma vitrine, e adivinhar tudo a seu respeito: idade, emprego, tom da voz, a maneira como se sentariam em uma cama ou cruzariam as pernas em um restaurante. Às vezes, dirigia-lhes um sorriso, mas sem nenhum objetivo, e ficava feliz quando alguma delas retribuía, afastando-se na luz do fim da tarde. Lá, eu me sentia incrivelmente à vontade. Estrangeiro entre estrangeiros e, de algum modo, em casa pela primeira vez. O ar primaveril me transmitia uma euforia que eu nunca havia sentido. E eu reconhecia tanto a minha euforia quanto a minha solidão naquela multidão anônima que me circundava. Só quando eu passava na frente do cartaz de um teatro é que meu coração dava uma espécie de salto, mas era só apertar o passo para esquecer tudo aquilo.

Embora tivesse pedido demissão da tipografia de Willie, decidi que não pararia de cultivar a minha instrução, que ainda era muito escassa. A partir do momento em que parei de fazer livros, comecei a comprá-los em sebos. Sempre tive uma queda pelas bancas cheias de volumes amarelados com cheiro de porão. Conhecendo todo o trabalho que havia por trás daqueles objetos, vê-los abandonados sobre uma bancada me causava dor, como uma injustiça. Eu escolhia e me deixava escolher por aqueles que custavam menos — no geral, velhos tratados de filosofia ou manuais de ioga — e os lia furiosamente, do início ao fim, sem nenhuma ordem, pois não tinha mestre. Cartas, diálogos, fragmentos, diários de sedutores… Os nomes de Epicuro, Platão, Kierkegaard, Nietzsche tornaram-se tão familiares para mim como os de amigos de bar.

Muito mais rápido do que qualquer previsão, porém, gastei nos livros todo o dinheiro que eu ganhara naqueles meses. No dia em que eu deveria pagar o aluguel, só me restavam no bolso dez *cents*. Ao senhor Hood, deixei como garantia a mala e todas as minhas coisas, mas não o violino. “Não sei o que fazer com todos os seus livros”, ele me disse. “Você tem um dia de prazo, senão, nunca mais verá as suas cuecas.”

Fui embora e saí andando sem destino pela Carson Street. Quando me senti cansado, sentei-me em um banco e analisei a situação. Tochas alinhadas entre as árvores iluminavam uma pracinha. Todas as mesinhas dos restaurantes estavam lotadas. As pessoas pareciam felizes. Eu não fazia ideia do que significava sentar em um restaurante sem ter verificado de antemão, com muito cuidado, o preço de cada prato e estabelecido qual podia ou não pedir, na melhor das hipóteses. Cada voz de mulher, cada tilintar de copos me provocava uma tristeza lancinante por tudo o que eu nunca experimentaria. Minha barriga estava novamente vazia e eu, prestes a chorar quando, ao meu lado, sentou-se um negro. Uma lufada de vento levantou seus cabelos brancos como se fossem plumas. Faltava-lhe a metade de uma orelha.

“Seu pai está contente com você, amigo?”

Fiquei arrepiado. Que direito aquele homem tinha de me fazer uma pergunta daquelas? Não sei por quê, mas respondi.

“Meu pai já morreu”, afirmei.

O negro ficou em silêncio, mas não parou de me encarar. A sua respiração impregnava o ar de álcool e eu nunca tinha visto ninguém com olhos tão amarelos. Perdi a paciência e dei-lhe as costas. Devia ter sido o meu pai em pessoa, do inferno ou de qualquer outro lugar onde foi parar, quem me mandara aquele beberrão. Mas era improvável: quando necessário, meu pai nunca estivera presente e, àquela altura, minha mãe costurava luvas em um manicômio, batia nas pessoas e via o Jordão correr no chão.

O negro continuou a me estudar. Eu já estava em pé quando ele me deteve com um braço.

“Espere, amigo, quero lhe dar um presente. Hoje deve ser o seu dia de sorte, tome isto.”

Tirou do bolso um pedaço de papel todo amassado. Aplainou-o com dois dedos e, em seguida, entregou-o para mim. Era um recorte de jornal que mal dava para ler. Uma oferta de emprego.

O negro lançou à sua volta uma sonora risada.

Olhei melhor. A Levy Fritz Mutoscope Company, conforme estava escrito naquele retalho de papel, procurava um redator de cartelas. Desde que comecei a vasculhar os classificados, eu nunca havia lido um anúncio mais estranho.

“Se eu tivesse a sua idade, correria para lá. Sou velho demais para eles, mas você não é. Só precisa prestar atenção. Está vendo esta orelha mutilada? Foi um tigre que arrancou o pedaço que está faltando. Estou vivo por milagre.”

Eu estava perdendo tempo, aquele homem era louco.

“Aconteceu quando eu trabalhava no circo Barnum & Bailey como domador. Você não pode confiar nos circos; mais cedo ou mais tarde, arrancam o seu coração. Eu me dei bem. Mas o cinematógrafo é o maior circo que já existiu, sugará a alma de todos.”

“Tudo bem”, falei, “agora, volte para casa, vá dormir.”

“Pessoas como eu não têm casa.”

Procurei os meus últimos dez *cents* no paletó, mas sem sucesso.

“Sinto muito, devem ter caído em um buraco do bolso.”

O negro deu de ombros.

Peguei a mão dele e pus a moeda em sua palma.

“Eu estava brincado. É tudo o que tenho”, eu disse.

“Eu também, agora.”

Começamos a rir como duas crianças.

“Uma última coisa antes que você vá embora: não confie no que dizem por aí. O cinema não pode ter sido inventado pelos brancos.”

“Eu sei, amigo.”

Os seus dentes cintilaram.

“Muito bem”, disse ele. “Lembre-se de que todas as coincidências têm uma alma.”

“Não vou me esquecer.”

Apertou o meu braço e os seus grandes olhos amarelos me seguiram até o final da rua.

* * *

Era o meu último trocado e usei-o para comprar um anúncio de jornal que parecia um bilhete de loteria.

PROCURA-SE REDATOR DE CARTELAS
PARA O CINEMATÓGRAFO
LEVY FRITZ MUTOSCOPE COMPANY
TAMARIND AVENUE

Tirei-o do bolso e reli o nome e o endereço da empresa que oferecia aquele estranho trabalho. Tamarind Avenue. Bem, eu não tinha nada programado para a tarde e podia rumar para aqueles lados. Naturalmente, a sede da Levy Fritz Mutoscope Company ficava do outro lado da cidade, e Los Angeles, já naquela época, era grande demais até mesmo para pernas treinadas como as minhas. Demorei quase três horas e nunca a teria encontrado se uma comitiva de irlandeses não tivesse me acompanhado por um subúrbio de casas baixas e cinzentas, cantando a plenos pulmões uma balada que falava da independência da ilha deles e do Reino Unido. “Se você fosse inglês”, me disse um deles, “não voltaria esta noite.” Despedi-me com as poucas palavras francesas que eu conhecia.

Tamarind Avenue não tinha nada de exótico nem tropical. Só tinha cheiro de graxa, de campo e da mais negra escuridão. Percorri um pedaço da avenida em meio a uma neblina úmida que molhava o meu nariz. Os meus músculos pesavam como se fossem de concreto, mas, vez por outra, abriam-se no céu pequenos fulgores que me distraíam. Depois de um tempo arrastando os pés na mesma lama, cheguei a um portão preto de ferro batido. De um lado, em uma coluna de tijolos, estava escrito:

LFMC
produtora cinematográfica

Senti a mesma alegria de quando terminava uma maratona. Do outro lado do portão, pelo que era possível enxergar, havia dois grandes galpões industriais e

uma paliçada de cor escura com uma espécie de campanário ou torre de controle no meio que devia abrigar os escritórios. De início, suscitou-me a impressão de um quartel ou de uma fazenda abandonada. Mas a neblina velava todos os edifícios. Procurei um lugar para me deitar. O ponto mais protegido era um canto do muro na entrada. Sentei-me no chão e me recostei. Depois de alguns minutos, estava com os cabelos e a jaqueta cobertos de pequenas gotas d'água. Fechei os olhos e imaginei que estava deitado em uma praia, como Jimmy teria feito sem medo, com as ondas que me faziam cócegas nos pés e no rosto. Adormeci quase imediatamente.

Acordou-me um senhor de libré.

"Ei, vagabundo, tire os pés daí, precisamos entrar."

Demorei um pouco para focalizar a situação. O portão fora aberto e, à minha frente, estava o carro mais comprido que eu já tinha visto: uma limusine. Tirei a poeira das roupas e me levantei.

O senhor de libré voltou ao banco do motorista.

Eu não me mexi.

O homem buzinou duas vezes, mas a minha perna direita recuou apenas um passo. Eu não abriria caminho nem mesmo se tivesse à frente as sete trombetas do Juízo Final ou o chefão de tudo aquilo.

Ouvi uma janela sendo abaixada. Plantei os sapatos na poeira e fiquei em posição defensiva, como já fizera tantas vezes no ringue, pronto para receber um golpe, girando as mãos. De trás, surgiu um homem com a barba branca e o rosto gordo. Disse uma única palavra, mas não era dirigida a mim. O longo carro preto começou a se deslocar com uma lentidão maldita. Tremi por inteiro. O capô se aproximou perigosamente das minhas coxas.

"Você vai sujar o carro, seu mendigo", disse então o homem na janela.

"Se isso é uma piada, não tem graça."

"Você banca o herói, rapaz, mas está tremendo."

"Não estou tremendo."

"Dá para ver perfeitamente que você está tremendo."

"O senhor está enganado."

Enquanto isso, o carro continuava a avançar rumo ao portão. Corri o risco de escorregar duas vezes.

“Quem é você?”

“É um pouco desconfortável responder assim.”

Eu estava sem fôlego.

“Não se iluda, só preciso saber para avisar sua mãe do terrível acidente que você está prestes a sofrer.”

“Minha mãe não está aqui e, se o senhor realmente quisesse informar alguma coisa a ela, teria de atravessar o oceano. Mas também nesse caso não sei se ela lhe daria ouvidos.”

“O seu nome.”

“Eu me chamo Charles Spencer Chaplin e sou redator de cartelas. Ouvi dizer que estão procurando um nestas paragens.”

O carro parou bruscamente.

“Li aquele anúncio ontem à noite e vim correndo. Queria ser o primeiro da fila, por isso dormi aqui esta noite.”

“É uma história comovente, mas você está uma semana atrasado, Charles. A seleção já aconteceu.”

“Então, pode passar por cima de mim, senhor”, sussurrei.

“Não é o caso. Na semana passada, não apareceu ninguém para o emprego.”

Parecia que algo havia se suavizado em sua voz.

“E, agora, saia da frente. Espero você no meu escritório daqui a meia hora. Mas, antes, limpe-se um pouco; não gosto de gente empoeirada, Chas.”

Mister Fritz passou a me chamar assim daquele momento em diante.

Meia hora mais tarde, eu estava na frente da sua escrivaninha, no centro de um escritório redondo. Uma enorme janela dava a volta no cômodo e permitia uma vista completa do campo; só em um ponto ou outro haviam pendurado alguns cartazes de teatro para tapar a luz. O patrão me pareceu ainda mais gordo do que dentro do carro. Os cabelos curtos e encaracolados, além da barba, circundavam o seu rosto como um halo branco; a pele era clara, leitosa, e as bochechas eram marcadas por duas bolsas profundas. Ele tirou os óculos e passou um polegar sobre as pálpebras.

“De onde você vem, Chas?”, perguntou.

“Sou de Londres, mas moro nos Estados Unidos há alguns meses.”

Ele abriu o olho direito: o meu aspecto revelava claramente o estado das minhas finanças.

“Meu nome é Fritz, Abraham Levy Fritz, e sou quem põe dinheiro aqui.”

“Eu havia intuído, Mister Fritz”.

“Por que você decidiu trabalhar no cinematógrafo, Chas?”

Era uma pergunta insidiosa, mas me lembrei do que o mímico Marceline disse da primeira vez que ouvi aquela palavra.

“É a invenção do século, Mister Fritz.”

Ele me pareceu satisfeito.

“Os meus amigos estão convencidos de que estou jogando meu dinheiro pela janela”, disse, “e minha mãe gostaria de impedir meu acesso aos recursos da família. Não faz nem um ano que adquiri este terreno e que montamos os estúdios. Cinco curtas-metragens, até agora: nenhum lucro. Mas é preciso tempo. Gente que conheça o trabalho e tenha experiência. Com quem você trabalhou?”

Abri os braços. As minhas calças ondularam como uma bandeira.

“Trabalhei na Grã-Bretanha”, respondi, “e, depois, no norte, na região de Chicago. Primeiro, como bailarino, depois, como ator e, por fim, como assistente de direção umas duas vezes, com Francis Boggs e Thomas Persons.”

Milagrosamente, Christopher, aqueles nomes ficaram impressos na minha memória depois de eu ter assistido a um filme deles em um *nickelodeon* de Albuquerque, a primeira vez em que vi um escrito projetado sobre uma parede. Custou-me apenas dez *cents*, com os quais comprei as notas de uma sanfona que flutuavam no ar, uma hora de fumaça, poeira e escuridão, a emoção de me sentar ao lado de uma mulher, o barulho do projetor e aquela espada de luz que cortava a sala…

“Um amigo pianista”, continuei, “brigou comigo certa noite e atirou um copo de uísque em cima de mim porque dizia que introduzir as cartelas nos filmes foi como quebrar os polegares dos músicos.”

Mister Fritz tocou os óculos. Eu não fazia ideia do tipo de trabalho que ele estava oferecendo, mas a história do pianista era verdadeira. Tocamos juntos, por algum tempo, depois que o mandaram embora do Royal, o primeiro cinema de El Paso, mas por causa do álcool, não dos escritos em uma tela.

Tomei coragem.

“Para resumir uma cena com uma única frase, é necessário ser veloz, conciso”, declarei, “o público deve entender com uma olhada rápida o que aconteceu ou está para acontecer, onde a ação se desenrola e quais são as relações entre os personagens. Muito cabe ao diretor e aos atores, mas boa parte do sucesso de um filme também depende desses detalhes.”

Eu estava improvisando, esperando que aquele ofício fosse tão novo que ninguém soubesse ainda no que consistia. Mas era como patinar no gelo. E eu não acreditava de jeito nenhum que a pantomima precisasse de instruções. A pantomima é uma dança. Eu deveria ter me apresentado como ator, mas a lembrança do fiasco em Nova York ainda fazia a planta dos meus pés arder como um ferro de passar cheio de ferrugem.

“Demiti o seu predecessor”, disse Mister Fritz, “porque ele cometeu erros de gramática no primeiro quadro. Nenhum de nós se deu conta, ocupados como estávamos com todo o resto. As pessoas começaram a rir e não pararam mais. Era para ser um filme sério, mas tornou-se uma comédia. Como você se vira com a gramática?”

“Muito bem, Mister Fritz, corrigi esboços em uma tipografia e a literatura sempre foi a minha paixão.”

“Então, não vamos perder mais tempo. Temos o projeto de um filme baseado em Dickens. *David Copperfield.* Você conhece a história?”

“De cor e salteado.”

“Seria capaz de começar a trabalhar nisso? Desta vez, a minha ideia é iniciar pelas cartelas.”

“O primeiro passo é meu?”

“Poderia ser.”

Não respondi imediatamente. Eu não queria que ele percebesse quanto me interessava aquele trabalho. Mas Mister Fritz precisava de algo além de um simples redator de cartelas, só que queria pagar pouco. E, como esperado, lá veio a sua proposta.

“Dezesseis dólares por semana está bom para você?”

“Vim para a Califórnia porque é aqui que o cinematógrafo criará raízes. Mas, por dezesseis dólares por semana, não vou conseguir colher nenhum fruto.”

“Você é um sujeito empreendedor, Chas.”

“Nas questões financeiras, sempre fui.”

“Quanto você quer?”

“Vinte e cinco dólares e começo agora mesmo.”

“Os outros vão ficar irados se eu pagar tudo isso a você. No fundo, nós nem o conhecemos.”

“Então, o senhor me contrata por dezesseis dólares com um mês de adiantamento. Mas, na entrega do seu Copperfield, aumenta o meu salário para vinte e cinco.”

Mister Fritz se recostou. Achei que a cadeira desmoronaria. Os seus sapatos pretos e brilhantes, como convém a um homem de negócios, estalaram.

“Tudo bem”, disse.

Levantei-me e me exibi na melhor mesura que era capaz de fazer.

* * *

A biblioteca de Los Angeles tinha grandes cortinas azuis. A sala de leitura, com formato semicircular, lembrava um teatro. Eu me sentava sempre no mesmo lugar, atrás da mesa embaixo da primeira janela, e tentava inventar um método de trabalho. Eu havia pedido tudo o que eles tinham a respeito de Dickens e David Copperfield, e uma bibliotecária que gostava de me ouvir falar de Londres na hora do almoço me deixava levar para o hotel um livro por noite, sem que os colegas soubessem.

Voltei ao Los Alamitos Hotel, mas apenas para retirar as minhas cuecas e saldar a conta. Eu não queria mais ver a cara do senhor Hood. Achei um quarto barato em Bunker Hill e o aluguei por um mês. Era melhor ser cauteloso e não ofender a sorte. De noite, a coberta fedia um pouco a amoníaco, mas, por alguns dias, aquela foi para mim a cama mais confortável do mundo. Naquele momento, com o dinheiro do adiantamento, não tinha mais problemas para pegar ônibus. Eu deixava as moedas livres para navegar no bolso e, quando as ouvia bater umas nas outras ao caminhar, ficava alegre. Naturalmente, comprei roupas de baixo e um paletó comprido de segunda mão, com punhos e colarinho de veludo verde, porque o meu estava gasto demais e não se adequava ao novo trabalho. Arrematei-o por alguns dólares em um brechó do Hancock Park,

obtendo um desconto contanto que ouvisse as poesias do dono. Pareceu-me um acordo razoável. Em alguns dias, também para mim, as palavras tinham um preço. Propus a inversão de alguns adjetivos e a mudança dos títulos. Ele ficou tão contente que abaixou mais meio dólar o preço do paletó.

O tempo na biblioteca passava depressa. O problema era a noite no quarto. Em uma única semana, li o romance inteiro novamente e decorei boa parte do último capítulo. Depois do jantar, eu o interpretava para a esposa do estalajadeiro, uma mulherzinha com as orelhas de abano que inclinava a cabeça sempre para um lado, mas eu não tinha a menor ideia de qual era a coisa certa a fazer. Comprei dois pequenos cadernos e optei por tentar dois caminhos diferentes.

No primeiro caderno, comecei a escrever de tudo, desordenadamente: o nome dos personagens, a cor dos seus cabelos, a data de nascimento, os adjetivos que Dickens usava com maior frequência e as frases que me agradavam. O segundo caderno deixei em branco, para o texto definitivo.

À medida que um ia se enchendo, o outro continuava vazio, e eu ficava duplamente nervoso: porque escrevia demais no primeiro e porque não escrevia nada no segundo. Prometi a mim mesmo que resumiria novecentas páginas em dez quadros. Poucas letras sobre um fundo preto. Eu sabia quais seriam as primeiras. *Era uma vez…* Todas as histórias começam assim, não há como errar. Mas e depois? Entreguei-me ao instinto.

Decidi que devia isolar os objetos que apareciam no livro e que podiam ser reproduzidos nos galpões de Mister Fritz. Os livros estão sempre cheios de coisas, mas, para extraí-las, é necessário tratar cada capítulo como se fosse um porão ou um sótão, com as relíquias de família, as ferramentas abandonadas e as que continuam a ser usadas. Perdi dois dias, mas, no final, havia feito uma lista de quatro páginas. Li-a novamente. Em cima, marquei estas duas palavras:

BARCO EMBORCADO

Era a casa do irmão da tia Peggy, a governanta de Copperfield. Um barco emborcado na praia e usado como abrigo. O único lugar feliz de toda a história.

Achei que devia haver alguma relação entre aquela felicidade e o fato de a casa estar de cabeça para baixo. E que as pessoas a entenderiam.

Era a primeira cartela:

Era uma vez
um barco emborcado…

Tinha até uma aliteração.

Três dias mais tarde, eu estava subindo a escada do estúdio de Mister Fritz. Ele estava em pé perto da janela, olhando para fora. Os edifícios caindo aos pedaços na periferia. E os depósitos de madeira que circundavam os seus estúdios. Começou a falar sem sequer se virar.

“É preciso ser louco para acreditar que é possível ganhar dinheiro com um lençol branco pendurado em uma parede.”

“Muitos estão conseguindo, Mister Fritz.”

“Eu sei. Mas estamos sendo perseguidos pelo azar, Chas. Ontem, o ator principal do nosso próximo filme caiu de uma escada e quebrou a perna. O contrato dele previa um seguro para acidentes. Receberá o salário por outros dois meses, mas, enquanto isso, o filme ficará parado. Era o projeto no qual eu mais estava apostando.”

Uma pequena aranha negra atravessou a sua mesa.

“Trouxe o que o senhor havia me pedido, Mister Fritz.”

“Deixe tudo em cima da escrivaninha”, disse ele.

“Trata-se apenas de duas páginas. Datilografei-as em uma máquina de escrever que funciona com fichas da biblioteca de Los Angeles.”

“Duas páginas? Pago dezesseis dólares por semana para receber apenas duas páginas?”

“Se eu tivesse conseguido reduzi-lo a uma página, o senhor teria de me pagar muito mais. Não sabe que é preciso mais tempo para escrever uma carta curta do que uma comprida?”

“Eu já lhe disse, Chas, que você é muito impertinente?”

“A natureza me fez baixo o suficiente para que eu não precise me ajoelhar diante de ninguém.”

Mister Fritz começou a rir. Devia ser a primeira risada balsâmica daquela manhã de céu carregado.

“Você tem razão, desculpe, estava de ovo virado.”

O velho me pediu desculpas. Poderia ter me despedido por eu ter respondido, mas me pediu desculpas.

“Amanhã, começaremos a rodar o seu filme, Chas. Eu não poderia suportar a voz da minha mãe repetindo: ‘Eu disse, pequeno Abraham, o cinematógrafo é um brinquedo que logo vai quebrar.’”

A aranha desceu por uma perna da mesa.

“Dou a você duas semanas e o aumento pedido.”

“Para quê, Mister Fritz?”

“Ora, para rodá-lo, Chas. Você não me disse que trabalhou como assistente de direção em Chicago? Bem, esta é a sua chance. Não é o que todos querem neste país? Você tem caráter suficiente para conseguir. É tudo o que um diretor precisa.”

Amaldiçoei a minha língua, muito mais comprida do que eu. Eu mal sabia apontar Chicago no mapa.

“Quer dizer que eu deveria ser…?”

“Você não conhece o provérbio? ‘Por mais que nos escondamos, o destino sempre nos acha.’ Você deve ter rodado esse filme na sua cabeça nos últimos dias…”

O mundo havia virado de cabeça para baixo, como o barco de David Copperfield.

“Mas… os atores?”

“Eu certamente não os pago para assistir à convalescência de um colega. Você vai usar a trupe que ficou parada, mas deverá demorar no máximo duas semanas, nem um dia a mais. Mãos à obra imediatamente. Vá falar com Henry e peça o que for necessário. Ele providenciará.”

Aquele lugar estava infestado de loucos varridos, pensei, ou de desesperados, se confiavam o próprio destino a um desconhecido encontrado certa manhã dormindo no chão diante do portão do manicômio deles.

“Vou encontrar a equipe”, disse com decisão. Mas a minha voz saiu rouca e incerta. Mister Fritz me desejou bom trabalho.

Sair da torre de comando foi como pôr o pé no vão de um elevador. Era muito pior do que as cartelas. Eu nunca tinha visto uma máquina de filmar nem uma película de celuloide.

A volta com Henry, o contrarregra-chefe, mangas da camisa arregaçadas e suspensórios de cânhamo, não foi estimulante. Eu teria mais ou menos dois ambientes para as externas: a ridícula fachada de duas casas e a esquina de uma rua tão falsa que não enganaria nem mesmo a uma criança. Todavia, na última parte do seu galpão, Henry havia reproduzido um salão burguês com tal perfeição que só faltavam os serviçais. Tudo em seu lugar. A cristaleira com os vidros jateados, as poltronas de veludo, um fícus perto da janela, o papel de parede, a mesinha com os porta-retratos e um tabuleiro de xadrez. Grande parte do trabalho que eu fizera no meu quarto já se tornara inútil. Não eram os objetos presentes no livro de Dickens que eu deveria ter transcrito, mas aqueles que enchiam os galpões da Levy Fritz Mutoscope Company. Partia-se dali, não havia escolha. Uma interna, pelo menos, eu teria recuperado.

Mas eu ainda não levara em consideração a questão dos atores.

Henry os chamou e os reuniu no galpão dos adereços. Apresentei-me com poucas e secas palavras.

“Meu nome é Charles e teremos de passar as próximas duas semanas juntos: é um período bastante breve.”

Os rostos dos homens me fixaram com uma ostentada expressão de desdém. Consideravam-me, certamente, jovem demais para eles. Uma brincadeira do patrão. Nunca aceitariam a minha autoridade.

“Quem não está de acordo pode ir embora agora mesmo”, anunciei.

“É você que vai embora, novato.”

Quem falou foi um sujeito alto, com cabelos negros penteados para trás.

“Meu nome é Charles, como já disse, e não me interessa mais saber qual é o seu. Quem é o próximo a cair fora?”

Eu havia sido suficientemente veloz na resposta para que ele não tivesse tempo de reagir. Eu precisava manter a iniciativa.

O sujeito simulou uma risada grosseira.

“Não estou aqui para brincar com os caprichos de um principiante”, disse ele.

“Sim, o mau humor de um veterano é muito mais divertido.”

A irritação inflamou seus olhos, mas eu também sentia meu sangue espumando por causa da situação em que me metera. O homem veio na minha direção com os braços suspensos. Levantei a guarda e me fechei em posição de defesa. O sujeito me avaliou rapidamente e devo ter parecido um homenzinho baixo, mas bastante robusto e rijo, pois, a poucos passos de mim, deu meia-volta e, pisando duro nas tábuas do assoalho, rumou para a porta. Eu acabara de excluir o segundo ator mais bem-pago do grupo, depois daquele que havia quebrado a perna, mas Henry só me deu essa informação à tarde. “Mister Fritz vai ficar contente!”, exclamei, dando de ombros.

O que não deixaria Mister Fritz nada contente, Christopher, era o resto da história: antes de ir embora, o sujeito chamara pelo nome os seus fiéis. Em apenas cinco minutos, eu já havia perdido um terço da trupe.

Precisei me controlar para não cair em prantos no meio daquele cheiro pungente de tinta, couro e gesso. Sempre dramatizei tudo, e o meu moral nunca deixou de oscilar entre euforia e desconforto. Salvam-me as pessoas entusiasmadas, a coragem e a loucura delas, mas, ali dentro, de quem eu poderia me cercar?

Examinei-os mais uma vez. Três senhores de certa idade e ar cinzento e assustado; um par de mulheres bastante insignificantes; um homem que tinha algo de grotesco no rosto e no corpo. Segundas filas dos teatros de *vaudeville*. Descartes baratos de companhias falidas que nem para figurantes serviam. Era surpreendente que ainda fizessem parte do ambiente. Como tirar dali Mr. Micawber, o advogado Wickfield, o usurário Uriah Heep, Dora e Agnes…?

E quem interpretaria o jovem Copperfield?

Uma mulher com cabelos cor de cenoura se aproximou e se curvou em direção à minha orelha.

“Se me der o papel principal, não falo mal de você.”

Corei.

“Você será a tia Peggy, tem os cabelos como os dela.” Mas a minha voz estava vacilando.

“Voltamos a nos encontrar amanhã às nove na sala do Henry”, falei para os outros com um fio de voz. “De qualquer maneira, obrigado por não terem me abandonado.”

O tom era um pouco patético, mas algo que lembrava um vago esboço de curiosidade iluminou os olhos deles.

“Será que você vai conseguir com uma equipe tão reduzida?”, perguntou Henry quando ficamos a sós.

“Darei um jeito de aumentá-la. Só está me faltando o protagonista”, menti.

“É meio tarde para contratá-lo.”

“Traga um dos operários. Vi carpinteiros trabalhando outro dia.”

No dia seguinte, fui para o meu primeiro *set* com o passo titubeante de quem se virou cem vezes entre os lençóis sem conseguir pegar no sono, mas, de alguma maneira, está seguro de ter as ideias claras. Os atores sobreviventes da diáspora do dia anterior, junto a Henry e Ricardo, um cinegrafista de origem argentina que tartamudeava mais do que Gago Groogan, estavam me esperando com uma pontualidade suspeita. Queriam assistir com prazer mal dissimulado à destruição de um homem, e o espetáculo, contra qualquer lógica, os deixava de bom humor.

Postei-me no meio deles, encarando-os um por um.

“Minha gente, se eu fracassar”, falei da maneira mais lunática possível, “vamos todos para casa. Mister Fritz me disse que não haverá outra chance. Para ninguém. Portanto, bem-vindos ao seu último filme.”

Eu esperava tê-los assustado, ou pelo menos suscitado o mínimo sobressalto em seu orgulho. Enganei-me. Henry era o melhor contrarregra da Califórnia e não teria dificuldade alguma para encontrar outro emprego; os outros teriam se embriagado felizes da vida em uma taberna mexicana.

“Vamos filmar”, falei com um entusiasmo que não me pertencia.

A disparatada companhia me seguiu com certa relutância.

Sei que pode parecer inverossímil, mas, em apenas duas semanas, aprendi tudo o que podia me servir a respeito de fontes de luz, sobre como um rolo de celuloide pode ser interminável, como ler uma cena e então montá-la e como olhar pelo visor de uma câmera, e que, se você a girar, os homens ficam tortos… Por outro lado, eu já sabia que não existe nada melhor do que uma sobrancelha levantada no momento certo, um tremor de lábios apenas esboçado ou qualquer outro pequeno gesto de um ator. Eu também sabia como é possível sobreviver em meio ao caos de um circo ambulante fingindo fazer parte de uma verdadeira

trupe. E conhecia Londres, a Londres dos bairros ao sul da cidade, das *slums*, dos orfanatos e teatros, dos sótãos frios entre Lambeth Road e Southwalk, das filas na frente das agências, das fábricas de picles e dos matadouros. Eu tinha visto com meus próprios olhos o que Dickens retratava quando queria representar a humilhação e a exploração. Se eu levantava da cama com o pé direito, convencia-me de que haviam chamado um dos próprios personagens para dirigir aquele filme. Mas isso raramente acontecia; eu tinha coisas demais em que pensar.

Com Henry e os outros operários, trabalhamos dia e noite para montar um *set* com o mínimo de credibilidade. Mandei que ele o montasse e desmontasse uma dúzia de vezes. Mas, no final, fiquei satisfeito. Pensando agora, tratava-se somente de um cruzamento e de uma pracinha torta e mal iluminada feita com apenas algumas traves de madeira, três lampiões, uma parede de arenito descascada, algumas calhas que estavam caindo aos pedaços e portas velhas. Mas, para mim, era todo um bairro que renascia: os arcos do Canterbury Music Hall, a delegacia de polícia, o portal da igreja de Cristo na qual minha mãe ia rezar, a janela da funerária iluminada mesmo de madrugada, o ambulatório médico, as vidraças de um *pub*, uma loja de porcelanas, os anúncios luminosos do Ziegfield Roof, a esquina de Baxter Hall onde, por um *penny*, comi um pedaço de torta de limão e assisti a um espetáculo de lanterna mágica… Enfim, toda a topografia da minha memória.

Instintivamente, atribuí o papel de David Copperfield ao operário mais jovem do canteiro de obras. Ele vinha do País de Gales e havia trabalhado em uma mina de carvão. Pelo menos não vai suar de emoção, pensei, Charles Dickens pode ficar satisfeito.

Eu escrevia o roteiro à noite, no meu quarto, no papel timbrado da produtora. Em poucos dias, o *set* estava tão apinhado de figurantes de origem inglesa, recrutados entre os outros operários, que adquiri o hábito de carregar o meu sotaque *cockney*. Chamei para atuar também um pequeno grupo de atores surdos-mudos, deixando transparecer para todos como eu os entendia bem. A própria vida havia se encarregado de ensinar-lhes a arte da pantomima. Foi um lance involuntário que deu frutos. Os atores profissionais ainda em serviço começaram a ficar nervosos e, depois de se recusarem, com desprezo, a

colaborar, arregaçaram finalmente as mangas e deram o melhor de si. Com os homens, nunca é apenas uma questão de dinheiro.

Enchi o palco de mendigos, falsos cegos, comediantes de nariz vermelho — como os que trabalhavam nos *music halls* de segunda categoria —, cães vira-latas, prostitutas com grandes seios negros à beira de um Tâmisa invisível, vendedores de frutas que arrastavam com dificuldade as suas carroças de maçãs e tomates ao longo de um trecho de rua que eu mandara molhar com água e salpicar de piche… Pus nas mãos de alguns uma Bíblia, carreguei os lábios das mulheres de batom e enegreci os dentes dos meninos; coloquei um velhinho com um realejo na frente de um quiosque de café e mandei um bando de desocupados se sentar em um degrau. Reconstituí até a vitrine do estúdio fotográfico dos Sharps em Westminster Bridge Road e a decorei com fotos de cena: anos antes, Christopher, naquela loja, expuseram uma foto de quando eu estava com o Casey's Court Circus, o que me inebriou de estupor e me fez saborear o gosto doce que a celebridade poderia ter.

Dei a todos indicações rápidas e decididas. Mas cada dia era como subir no andaime de um arranha-céu sem balaustradas. Na primeira filmagem, um ator agradeceu com um gesto de cabeça excessivo a esmola de uma figurante. Pulei no *set* como um sarraceno. "Aqui não há espaço para cortesias!", gritei. "Essa gente não sente mais raiva nem gratidão: nada de truques. Comedimento, é necessário comedimento, verdade. Pensem na cena e lembrem-se de que há milhares de olhos de espectadores que os estão espiando. Os histriões podem se encaminhar para a saída, eu sempre os detestei."

Eu havia pesado a mão, mas também queria a máxima economia de movimentos até mesmo do último figurante. Estava pedindo que fossem naturais, que não posassem nem exagerassem. Passados quase setenta anos daquela manhã, continua a me incomodar a confusão que se faz entre interpretação e exibicionismo. Passei a vida tentando demonstrar que um ator é algo diferente, algo silencioso e pequeno, mas cheio de expressão, sem excessos, protagonismos ou mistificações.

Olharam-me como se eu fosse um macaco na jaula de um zoológico. Mas eu já havia prometido a mim mesmo que deixaria todos os meus fantasmas ressurgirem como eles eram, eu os tiraria da cartola furada das minhas

lembranças ou de algum outro lugar aonde eles tivessem ido se meter, embora alguns, àquela altura, certamente já estivessem passeando com a ilustre senhora que chamam de Morte. Eu os reuniria lá na Califórnia, entre os laranjais e o deserto, para demonstrar ao mundo como a vida de alguns seres humanos pode ser uma vida de cão.

Em um mês, o filme estava pronto.

Chamei-o de *The Ballad of the Upside Down House*, A Balada da Casa de Cabeça para Baixo, e, pela primeira vez na minha vida, senti-me orgulhoso. Convidei para um chá todos os membros da trupe, para comemorarmos, mas ninguém apareceu. Cansado, adormeci com os braços sobre a mesa, entre as xícaras fumegantes, os *crumpets* e todas aquelas infusões de ervas.

Mas o pior estava à espreita. Quando projetamos o filme para Mister Abraham Levy Fritz, a sua reação foi tão violenta que eu teria preferido estar em um ringue com o gigante de Galveston do que com aquela subespécie de urso-branco embriagado. Mister Fritz começou a se irritar com Henry, depois com todos os funcionários, um por um, e acabou cobrindo de insultos, com a precisão de um contador, até o presidente Taft e todas as estrelas da bandeira americana. Quando já estava bem acalorado, virou-se para mim. Peguei o paletó e me encaminhei para a saída.

“Charles Spencer Chaplin”, eu o ouvi dizer às minhas costas, “verificou pelo menos se não há erros de gramática nas cartelas?”

Parei no meio do caminho entre a sua escrivaninha e a porta e concedi-lhe um último olhar.

“A estreia já foi marcada para a semana que vem no Empire Theatre e não temos como cancelá-la”, disse, dando uma série impressionante de golpes com as mãos nuas na própria cabeça. “Você irá e, se o público e os críticos decidirem justiçá-lo no local, eu estarei lá para ajudá-los”, concluiu com um terrível soco de direita na caixa craniana.

Não era a primeira vez que eu via alguém encher a própria cabeça de socos e não fiquei muito impressionado. A irmã da minha avó, a Cigana, fazia isso sempre que algo dava errado, e também muitos pugilistas, durante uma luta, para se manterem acordados. Mas eu não havia me enganado acerca das intenções

reais de Mister Fritz: a execução havia sido apenas adiada. De qualquer maneira, soltei um profundo suspiro.

“A gente se vê lá, chefe. Serei pontual.”

Por prudência, evitei pedir os meus vinte e cinco dólares daquela semana e, por alguns dias, não dei as caras. Eu temia que a minha sorte tivesse me abandonado definitivamente. Preparei as malas no meu quarto em Bunker Hill e disse à proprietária que estava prestes a deixá-la. Eu podia voltar para a Inglaterra, ou para Willie Cook. E parar de uma vez por todas com aquela loucura de me tornar o maior ator do mundo. Eu já havia passado por poucas e boas. No entanto…

Um sentimento me embrulhava o estômago como uma comida indigesta: a vergonha de saber o que aconteceria.

Por uma semana, passei na frente do Empire Theatre todos os dias, várias vezes por dia. Mas como se fosse por acaso. Eu estudava o campo de batalha, embora soubesse que não haveria batalha alguma, apenas uma derrota humilhante.

No dia da estreia, começou a chover na hora do almoço. Mister Fritz fizera tudo direitinho: viam-se cartazes em todos os bairros da cidade, os jornais deram grande destaque à notícia. Não havia um lugar em toda Los Angeles no qual eu teria podido me esconder.

Do meu amigo de Hancock Park, comprei diversas camisas brancas de segunda mão de uma companhia de teatro que fora um fiasco e um par de calças listradas. Tive de escutar um poema inteiro sobre a viagem de um antepassado seu português pelo Atlântico meridional, mas o desconto foi considerável.

Vestido daquela maneira, com o meu paletó verde e aquela camisona larga, não passei despercebido. Na entrada do teatro, o porteiro me parou com ar rude.

“Sou o diretor”, falei.

“E eu sou São Pedro, que faz com que as pessoas sem ingresso entrem”, ironizou ele.

Mister Fritz teve de intervir pessoalmente, no meio de um bando de bisbilhoteiros, para que aquele homem me deixasse passar.

“Bem-vindo ao inferno”, murmurou o caro Abraham para me encorajar.

Acomodei-me em um camarote escoltado por Henry e Ricardo.

“Lamentamos, mas recebemos ordens para trancá-lo aqui dentro.”

“Teria sido melhor se eu não tivesse vindo.”

“Estamos seguindo você há três dias.”

Ouvi o barulho da chave girando. Mister Fritz realmente havia pensado em tudo.

Na plateia, um músico negro começou a tocar em uma pianola um ragtime infeliz e as luzes se apagaram. O *Réquiem* de Mozart teria sido mais alegre do que aquela ladainha insuportável.

No escuro, surgiram as primeiras cartelas:

Era uma vez
um barco emborcado…

e um menino que havia perdido
o pai antes de nascer

Sonho da morte do pai

A tia Peggy tem os cabelos vermelhos
como um coral

A mãe é obrigada a se casar:
os ignorantes condenam,
os sábios sentem piedade…

Mr. Murdstone é um padrasto severo

Também a irmã de Mr. Murdstone
é uma tia severa

No internato,
com uma bolsa de couro sobre os ombros

Descoberta da amizade
e da rebelião

Fôlego meu:
o último suspiro de uma mãe

Orfão

Trabalhos forçados: os depósitos de vinho
e as fábricas de Londres

A generosidade tem o endereço
da família Micawber

O tratamento das sanguessugas

O usurário Uriah Heep ganha nos dados
a alma de Mr. Micawber

Fuga da Inglaterra
em uma carroça de madeira

Da casa da tia Betsey, vê-se o mar

Para estudar, é preciso dinheiro

A casa do advogado Wickfield

Os olhos de Agnes

Estágio

Seduções e naufrágios

Uma esposa menina: Dora

Morte de Dora e de Jip, o seu cão

Uriah Heep ameaça Agnes e seu pai

A luta

Agnes, por que desprezei você?

O nariz de Heep
depois da condenação

A dança de Mr. Micawber, sem dívidas,
partindo para outro continente

Retorno definitivo de David
à Inglaterra

Curiosamente, mais tarde, ninguém jamais falou daquele filme ou se deu conta dele, e evitei confessar aquela distante e fortuita estreia na direção. Acho que não existe mais nem um rolo. Porém, no dia seguinte, saiu no *Los Angeles Time* um artigo assinado por um tal Dean Coquerty. Eu o guardei durante todos estes anos e o estou deixando aqui dentro para você. Apesar de um pouco amassado, ainda é possível ler.

* * *

The Ballad of the Upside Down House é um curta-metragem fora do comum. Conta a verdadeira história de David Copperfield, e não a fábula açucarada que

todos nós conhecemos. Cada cena é, ao mesmo tempo, intensamente visionária e dolorosamente realista. Os personagens de Dickens revivem com uma força desconhecida o próprio destino, e o filme adquire, fotograma após fotograma, dignidade e beleza. Todos os olhos dos espectadores presentes no Empire Theatre ficaram grudados na tela até o último quadro, alternando diversão e comoção. Após um longo silêncio devido à surpresa e ao envolvimento, explodiu na sala um aplauso espontâneo e interminável. Temos certeza de que alguns episódios permanecerão impressos na memória dessa nova arte que só agora está começando a descobrir as suas extraordinárias possibilidades expressivas. A longa sequência que descreve a morte do pai de Copperfield antes do seu nascimento é uma intrusão inovadora da fantasia do diretor no esboço romanesco. Assim como a cena em que o usurário Uriah Heep desafia nos dados todos os homens do seu bairro e diabolicamente ganha suas almas. Ou então a cena em que uma mulher com longos cabelos corvinos administra um tratamento de sanguessugas ao pequeno David durante um ataque de febre, ou a viagem ao longo de um soturno campo inglês rumo a Dover em uma caleche… O filme satisfaz às melhores expectativas e certamente será bem recebido pelo público e pela crítica. Já podemos afirmar que o jovem diretor dessa melancólica mas também divertidíssima *Balada* se impõe como uma das mais talentosas promessas do cinema americano, em pé de igualdade com David Wark Griffith. Guardem o seu nome. O produtor me disse que ele se chama Chas Chaplin. Vocês podem tranquilamente apostar no seu futuro.

* * *

Fora do teatro, continuava a chover. Poucos minutos antes do filme terminar, tentei girar a maçaneta da porta do meu camarote. Mister Fritz devia ter dado ordens de abri-la quando se deu conta de que o público misteriosamente estava gostando da projeção, pois a porta se escancarou sem opor resistência. Naquela noite, as pessoas voltariam para casa contentes. Rasguei um pedaço do cartaz ensopado que mal resistia sobre o tripé na rua. Coloquei-o no bolso como fizera um mês antes com a tira de papel que aquele negro de olhos amarelos havia me dado. Sabe-se lá por que pensei em minha mãe e no navio que me levara para os

Estados Unidos e me perguntei quantos oceanos eu ainda teria que atravessar antes de encontrar meu lugar no mundo.

* * *

Mister Fritz mandou que me procurassem por toda a cidade durante três dias inteiros. Inutilmente. Fui eu que voltei aos estúdios no fim da semana, mas apenas para pegar o meu salário e ir embora.

“Fui dar comida aos gansos”, disse a Henry antes que ele me perguntasse onde eu havia me enfiado, e ele se curvou de tanto rir. Talvez estivesse simplesmente feliz por ter me reencontrado. Ou talvez ele também fosse louco, como todos por ali.

“Vá até o chefe, ele quer falar com você”, disse quando se acalmou.

“Muito bem. Bom trabalho, Henry, e cumprimente os outros quando os vir.”

“Tenho a impressão de que você também precisará vê-los muito em breve.”

“Não faço a menor questão.”

Henry inclinou a cabeça e abriu os braços. Talvez realmente tivesse começado a gostar de mim.

Eu não estava com vontade de subir na torre, mas, como se tratava da última vez, fiz um esforço. Mister Fritz estava como sempre sentado à sua poltrona, olhando para fora.

“Vi você chegar, Chas. Eu o estava esperando.”

“Só vim por educação”, rebati.

“E pelos seus vinte e cinco dólares.”

“Fiz por merecê-los.”

“Claro, você fez por merecer. E ganhará muito mais a partir de amanhã.”

“Não, Mister Fritz, nós dois não nos veremos mais. Vou embora.”

“Não estou entendendo.”

“É uma questão de lógica: se você entra para uma mesa de pôquer e tem a sorte deslavada de desbancá-la, é melhor trocar de mesa depois. É a minha regra.”

“Você é um sábio, Chas.”

“Das poucas vezes em que venci enquanto viajava pelos Estados Unidos, sempre fui embora. Sinto muito. Não sei por que não deveria fazer a mesma coisa desta vez.”

“Qual é o problema?”

“O meu destino é partir e perder as coisas, Mister Fritz. Com o senhor, tive uma boa estrela, mas não acredito que possa existir para mim um lugar onde seja possível amarrá-la; esse é o problema. O vento soprou a favor, foi uma grande aventura, acredite, mas não vai durar. Por que estragar tudo fingindo ser o que não sou?”

“Essa é velha, Chas. Eu já sabia.”

O gordão ria. Eu acabara de pronunciar o discurso mais sincero e sentimental que havia feito a outro ser humano e ele ria. Com lágrimas nos olhos. Segurava a barriga flácida com as mãos para que não tremesse demais.

“O que o senhor sabia?”

“Que você não era um diretor. Eu já sabia, claro…”

Precisei esperar um pouco antes que Mister Fritz se acalmasse e fosse capaz de continuar.

“O que você acha? Que não me informo sobre as pessoas que trabalham comigo? Eu sabia que você nunca trabalhou no norte, na região de Chicago. Que você nunca foi assistente de direção de Francis Boggs nem de Thomas Persons: eles mesmos me disseram, pessoalmente, são meus amigos. Eu também sabia que você nunca tinha escrito roteiro nem cartela alguma…”

“Então, por quê, Mister Fritz?”

“Por quê? Não sei, foi uma aposta. Chame de faro para os negócios. Você era o único que tinha coragem suficiente para ir até o final e voltar com os meus sonhos intactos. Você tem um monte de ideias na cabeça, e o que mais aprecio em um homem é a inventividade. Mas eu também sabia que, aos cinco anos, você tinha subido em um palco e que havia trabalhado em um circo… Este é o seu novo contrato: doze curtas-metragens até o final do ano que vem. Só precisa controlar a sua imaginação, o resto está feito.”

“Não é o que o senhor pensava quando viu o filme pela primeira vez.”

“Fiquei com medo.”

“Ainda não conheço o ofício, Mister Fritz.”

“Agora é você que está com medo.”

“Qual é o salário?”

“Dou um aumento de dez dólares por semana.”

“Vinte.”

“Fora de cogitação.”

“Para mim também. Adeus, Mister Fritz.”

“Doze, nem um *cent* a mais.”

“Dezoito, nem um *cent* a menos.”

Concordamos com quatorze. Em um mês, meu balancete passou de dez *cents* à vertiginosa cifra de trinta e nove dólares por semana.

Do lado de fora, Henry e Ricardo me esperavam.

Um sorriso desabrochou como uma orquídea em ambos.

* * *

Poucos dias depois, eu estava filmando com eles, em uma película de 35 mm, meu primeiro *western* no deserto de Mojave, na fronteira com a Serra Nevada. Era a história de uma garota índia que se perdera e fora adotada por um grupo de colonos brancos. Aos vinte anos, foi reconhecida ao acaso por alguns membros da sua tribo por causa de uma tatuagem na perna. O cacique, que havia jurado vingar o seu desaparecimento, decidiu então atacar os colonos brancos, matá-los e queimar sua aldeia.

O filme lotou incompreensivelmente todos os *nickelodeons* da Califórnia e uma cópia foi vendida até na Pensilvânia para os irmãos Warner, do Cascade Theatre de Newcastle, contou-me com orgulho Mister Fritz. A coisa estava ficando boa.

Eu até havia encontrado um método de trabalho. Mister Fritz pôs à minha disposição um pequeno quarto nos fundos de um depósito, com uma máquina de escrever — uma Smith — e uma mesinha estreita. Ele dizia que, sem espaço, se trabalhava melhor. Eu me sentava ali e esperava. Se necessário, também dava uns socos na cabeça. A folha me servia apenas como impulso, porque eu não sabia datilografar. Só me levantava quando tinha uma boa ideia. Depois, eu a

apresentava aos outros, oralmente, e começávamos, sem incertezas nem delongas, e, sobretudo, sem roteiro.

Algumas vezes, bastava que eu apoiasse um joelho no chão, fechasse os olhos e tapasse as orelhas no meio do *set* para visualizar a cena que devíamos realizar exatamente como ela ficaria.

Os curtas-metragens que rodei naquele período falavam de tipógrafos bêbados que derramavam garrafas de álcool nas rotativas, ladrões que se redimiam graças ao amor, gente que perdia o trabalho e adoecia, mas era salva por um talismã ou um livro, crianças maltratadas ou com os braços inertes que encontravam por acaso uma jazida de ouro, pequenas costureiras, músicos de rua, inventores falidos… Todas tramas um pouco capengas e ilógicas que ainda guardo na cabeça como em um arquivo.

Aqueles curtas-metragens tinham duração de mais ou menos quinze minutos. Finalizávamos até três por semana, mas nenhum saiu com o meu nome. Se algum jornalista aparecia perguntando, eu dava um nome falso, por precaução, e exibia um sorriso fabricado. Alguns anos mais tarde, eu introduziria o costume de indicar o diretor com um quadro no início de cada filme, mas apenas para me defender de todos os sósias de Carlitos que começaram a circular.

Na verdade, sempre pensei que o anonimato teria sido mais justo e elegante porque eu não inventava nada. Não sabendo direito por onde começar, eu copiava dos outros. Ricardo e Henry eram os meus anjos da guarda e, juntos, estudávamos todos os curtas-metragens que eram lançados em um ritmo cada vez mais intenso. Havia muita demanda, tanta que não dava tempo de satisfazê-la. A diferença era somente que eu copiava melhor do que os outros. Ou mais depressa. Com mais escrúpulo. Cada filme continha uma intuição que podia ser desenvolvida, mas era necessário reconhecê-la. Algumas pessoas nem sequer percebiam, pois era tudo novo e as possibilidades pareciam infinitas. Ninguém ainda havia codificado em uma técnica o primeiro plano, o plano detalhe, o que posteriormente foi chamado de plano americano, o plano geral, o *fade-out*, a câmera em movimento, a montagem alternada. Mas nós já os usávamos. Sempre fui instintivo: antes de estudar as coisas, eu as intuía.

Também tive algumas pequenas ideias originais, confesso, mas se tratava ainda assim de uma imitação, nesses casos, da natureza. Certa tarde, quando eu

estava montando uma sequência de um homem que havia perdido o trem na estação de Los Angeles e chegava atrasado ao encontro com a mulher da sua vida, Ricardo tentou inutilmente me dizer algo, mas ficou travado dois minutos na mesma palavra, até sufocar e soluçar de raiva. Foi assim que inventei a montagem balbuciante ou tartamuda: consistia em girar ao contrário várias vezes os dentes da máquina e assim obter um curioso jogo de suspensão e duplicação. Na tela, os atores se mexiam aos solavancos e o resultado era, para mim, de uma comicidade irresistível. Mas a técnica não teve sorte e a sua descoberta nunca foi atribuída nem a mim nem a Ricardo, o único operador que eu conhecia capaz de se sufocar com uma palavra. De qualquer modo, nunca gostei de efeitos especiais. Um homenzinho que gira uma colher na xícara de chá é, para mim, mais interessante do que um incêndio. Da mesma maneira, sempre preferi filmar a sombra de um trem sobre o rosto de um ator a toda uma estação.

Esse também foi o período em que comecei a conhecer as primeiras estrelas de Hollywood. Lembro-me do rosto redondo e ambíguo de Mary Pickford, da melancolia de Blanche Sweet, do nariz perfeito de Lillian Gish e da feliz impertinência da sua irmã Dorothy. Em todas, eu procurava os traços adolescentes de Hetty Kelly ou a alegria de Alice Sycomore. Com algumas, até fui jantar, no Levy’s Café ou no Barney, e algumas vezes fomos assistir a uma luta de boxe. Chamavam-me de Charlie, Boodie ou Hon, canguruzinho ou mel, mas o ofício de sedutor exigia um tempo que nunca tive. Eu morava em um hotel modesto, economizava o máximo que podia, de vez em quando ia comer na praia. Haviam se passado apenas alguns meses desde a Balada da Casa de Cabeça para Baixo e todos me tratavam como alguém que estava naquele meio desde sempre.

Interna, noite. 24 de dezembro de 1974

Carlitos está de costas. Olha com atenção um dos quadros do seu quarto. O retrato a lápis de uma mulher, pendurado ao lado da porta. Um presente de Picasso. Interpreta o papel de um velho que visita o museu. Curva as costas e, com a ponta dos dedos, de dentro das mangas, levanta o casaco preto que está usando. Mantém o chapéu suspenso sobre o colarinho. Aos poucos, torna-se cada vez mais alto.

A MORTE: Se você acha que vai me impressionar…

CARLITOS: Uma vez, fiz um grupo inteiro de estudantes rir com este truque.

A MORTE: Terminei o jardim de infância há séculos…

Carlitos tira o casaco e o deixa cair no chão. Pega no bolso uma maçã, dá uma dentada, mas percebe que tem um verme. A Morte não se mexe. Carlitos joga fora a maçã e rodopia, fingindo que entrou em uma porta giratória. Sai atordoado. Calça, então, as luvas de boxe. Abaixa-se para passar sob as cordas do ringue. Leva um balde para um canto e se senta em um banquinho. Massageia a barriga. Quando se levanta, aperta a mão de todos: do adversário invisível, do árbitro, dos treinadores. Vai também até a Velha.

A MORTE (*gélida*): Você vai me dar a mão daqui a pouco.

CARLITOS: Você não vai me desejar boa sorte?

A MORTE: Para quê?

CARLITOS: Para a luta de boxe, na minha idade.

A MORTE: Você não chegará ao fim do primeiro *round*…

CARLITOS: Viu como eu tinha razão?

A MORTE: A respeito do quê?

CARLITOS: Era melhor a época do cinema mudo.

A MORTE: Você não faz rir.

Carlitos dá de ombros, faz o gesto de abaixar as cordas para subir no ringue, mas as suas costas demandam muita atenção. Olha à sua volta, faz de conta que está fugindo, mas é como se alguém o estivesse empurrando por trás.

A MORTE: Pare de bancar o palhaço, isto aqui é coisa séria.

De repente, Carlitos balança a cabeça, como se alguém tivesse tocado o gongo do primeiro *round*. Se houvesse um árbitro, Chaplin se esconderia atrás dele e seria irresistível, como sempre foi, mas não há ninguém no seu quarto, somente ele e a Velha. Tenta começar assim mesmo o seu balé, porém as pernas são lentas. Lança socos no vazio e se abaixa com dificuldade, mas, somando-se tudo, até que ainda aguenta bastante bem o ringue.

A MORTE (*impiedosa*): Você não se moveu.

CARLITOS (*sem fôlego*): E não estou aguentando mais. Você não via uma cena tão bonita assim nem mesmo quando eu era jovem.

A MORTE: Você não saiu do lugar, apenas imaginou que se mexeu.

Carlitos é vencido pelo desconforto. O peso das luvas de boxe o faz cambalear. Seu equilíbrio é precário.

A MORTE: É só você se olhar naquele espelho.

Ele se aproxima da parede. Está seminu. Veste apenas um par de ceroulas brancas, o chapéu-coco e duas pantufas furadas.

A MORTE: Agora você acredita?

Carlitos está confuso. Longos pelos brancos cobrem seu peito.

A MORTE: Antigamente, você fazia pulgas invisíveis saltarem dentro de uma caixa, agora, você é a pulga que dança.

A sua barriga é grande e pesada.

CARLITOS: Está vendo como você é? Sempre quer ter a última palavra.

A MORTE: Se realmente faz questão, vamos testar a sua memória: saberia me dizer os nomes dos sete anões?

Carlitos começa a contar, na ponta dos dedos, murmurando: Mestre, Zangado, Soneca… Mas, toda vez, para na metade e é obrigado a recomeçar. No final, derrotado, abaixa os braços. Da sua poltrona, a Velha tapa a boca. Indica-o com um dedo, depois, volta a tapar a boca. Parece que o está imitando. Uma risadinha histérica escapa mesmo assim do capuz. É como uma rachadura em uma parede. Após poucos segundos, é um soluço, depois, uma risada. A Velha não se controla mais.

A MORTE: A gente se vê no próximo Natal… (*continua a rir enquanto se afasta*)

Carlitos fica sozinho no meio do quarto.

QUARTO ROLO

O despertar, como acontece certas vezes, foi brusco e imprevisível, e se deu em uma manhã de setembro ainda quente. Mister Fritz convocou todos nós para comparecer a sua torre. A carta que ele havia recebido estava aberta sobre a mesa. Enxugou com um lenço bordado o suor do rosto e olhou pelo vidro.

“A MPPC nos processou”, disse.

“Por quê?”, perguntou Henry.

“Pelo mesmo motivo pelo qual processou muitos produtores independentes: o uso de câmeras que violam a lei das patentes. Não podemos distribuir nenhuma obra, terra de covardes, nem mesmo para o menor dos depósitos de Los Angeles. Ou pagamos uma taxa ou não podemos fazer nada.”

A sala se encheu de vozes raivosas.

“Com licença, senhores”, intervim, tentando restabelecer um pouco de calma, “me expliquem, quem é essa MPPC?”

Um alienígena não poderia ter feito uma pergunta mais idiota. Apenas Mister Fritz me respondeu.

“É a Motion Pictures Patents Company, Chas. A empresa mais poderosa que existe no nosso setor. Reúne a Edison e a American Mutoscope & Biograph, e mais um bom número de estúdios menores como o Vitograph ou o Lubin. O fato é que eles são uns tubarões e querem controlar tudo: distribuição, produção, exibição. Temos até que usar o filme que eles mandam: o Eastman Kodak. Não conseguiram monopolizar o mercado sozinhos. Tentaram, mas o tribunal já deteve a Edison várias vezes. Então, se uniram e estão voltando ao ataque para limpar o campo de todos os mosquitinhos que ousam desafiá-los.”

“Mas do que estão nos acusando?”

“De ter usado o Latham *loop*.”

“O quê?”

“É um mecanismo da câmera.”

“E nós o usamos?”

“Claro, Chas, as câmeras que você usa são as melhores em circulação.”

“Então, eles têm razão?”

“Não, seu inglês cabeça-dura, eles não têm razão. É uma técnica já antecipada nas patentes de outras câmeras. Agora, porém, eles têm tanto poder que poderiam comprar todo o Supremo Tribunal dos Estados Unidos.”

“E se pagássemos a taxa?”

“Isso não tem graça, Chas. Se aceitarmos o abuso deles, será nosso fim. Não se trata apenas de uma patente, eles querem fechar nossas portas. Mas não sou suficientemente forte para enfrentá-los.”

Mister Fritz enxugou os cabelos. O sol não dava trégua e incendiava as janelas.

“Se ouvi bem, Thomas Alva Edison também está por trás disso tudo”, falei em meio ao desânimo geral.

Mister Fritz curvou a cabeça, cansado.

Senti sede. Peguei um copo d’água da mesa, tomei um longo gole e levantei a voz o suficiente para não deixar dúvidas quanto às minhas intenções.

“Tudo o que Edison foi capaz de inventar”, falei aquele dia a Mister Fritz e aos seus funcionários, “foi a cadeira elétrica.”

Eu estava pescando em águas turvas, mas é o que havia lido em um livro de física de segunda mão. E a cara daquele homem que eu via nos jornais sempre me pareceu a de alguém que só tinha talento para ganhar dinheiro.

“Homens como ele não fazem outra coisa a não ser fraudar o mundo e mentir.”

Os outros me observaram sem esconder sua curiosidade.

“O cinema não foi inventado nem pelos irmãos Lumière, nem por Edison, nem pelos alemães”, afirmei com uma voz grave.

“E por quem foi, então?”

“Um negro que trabalhava em um circo.”

Explodiu a primeira risada coletiva daquela manhã.

“Você devia fazer o meu trabalho”, disse Brandon, um dos mais previsíveis escritores de *gags* da história do cinema. “Você tem muito talento.”

Só Mister Fritz não estava rindo. Ele sempre me levava a sério, desde o meu sucesso com o filme sobre Copperfield. Tinha uma confiança infinita nos meus recursos.

“Está bem, Chas, então encontre esse negro genial o quanto antes ou não apareça mais por aqui.”

* * *

Durante uma semana, não fiz outra coisa a não ser andar pelas ruas de Los Angeles. Apesar da confiança, Mister Fritz reduzira o meu salário ao valor inicial de dezesseis dólares. “Mais as despesas”, dizia ele. “Para um cargo como o seu, você não pode reclamar”, acrescentara. No último dia, eu estava tão absorto em meus pensamentos que quase acabei esmagado embaixo de uma carroça que transportava tonéis de vinho.

“Você anda sempre assim, tão na beirada?”, gritou o carroceiro.

Era verdade. Sempre andei daquela maneira, desde criança. Na beirada da rua, seguindo o meio-fio. Eu também havia experimentado outras variantes, saltando como um pugilista ou deslocando-me de lado, com a elegância pomposa de um toureiro. Mas sempre acabava andando a meu modo, um pé atrás do outro. Era natural para mim. Como um acrobata em cima de uma corda, pensei irritado.

Apertei o passo. Logo em seguida, estava correndo, por força do hábito. No final da rua, havia um grupo de garis que limpava aquela região.

“Ei, é melhor você parar”, disse um deles.

Apoiei-me em uma grade.

“Estou fora de forma”, respondi sem fôlego.

“Aonde você vai correndo assim?”

“Vou voltar para a Inglaterra.”

“Então, você vai precisar treinar muito.”

Riram um pouco, tristemente, depois, continuaram a trabalhar.

“Achávamos que você também tinha um ingresso de brinde”, disse o gari que falara primeiro.

“Um ingresso de brinde para o quê?”

“Para o espetáculo desta noite. Você não é o primeiro que vem aqui reclamar. Quando comecei o turno, eles já haviam ido embora. Talvez façam sempre

assim: distribuem ingressos de brinde para a última noite, e na véspera desaparecem. Veja aqui. Devem ser muito organizados.”

Peguei o ingresso. Era todo colorido.

GOLDSTEIN & GABOR CIRCUS
BRINDE PARA UMA CRIANÇA
ANIMAIS EXÓTICOS E SHOW DE ABERRAÇÕES
20H — LINCOLN PARK
SEJAM PONTUAIS!

“Só sei que eu tinha prometido trazer meu filho porque um homem mais seco do que a minha vassoura me deu de presente dois ingressos. Agora, é papel velho.”

“Você os viu indo embora?”

O gari parou e levantou a cabeça.

“Você estava com eles?”

“Não, mas pensei que talvez pudesse perguntar uma coisa para eles. Ninguém sabe para onde foram?”

“Podem ter seguido qualquer direção. Saíram na calada da noite, como ladrões. Temo que, por mais que você corra, será impossível alcançá-los.”

“Mas deve ser uma caravana inteira. Não dá para sumirem assim.”

“Já sumiram.”

Olhei à minha volta. Aquele homem tinha razão. Do Goldstein & Gabor Circus restavam apenas os míseros resquícios da sua passagem. Um círculo amplo no terreno. Papéis, barbante, filamentos, algumas caixas de ração. A marca dos animais na poeira revirada. Um passarinho morto. Algumas ferramentas abandonadas. Um pino de boliche. Aquela cena me contagiou com uma angústia sem motivo. Como se todas as coisas estivessem prestes a escapar. E também as folhas das árvores estivessem de mudança. Assim como os peixes dos laguinhos. E todos os balanços dos parques de Los Angeles tivessem sido roubados. Como se o universo houvesse repentinamente se despovoado.

Eu estava prestes a voltar desconsoladamente para o meu quarto quando, do final da rua, ergueu-se uma nuvem de poeira. Demorei um pouco a focalizá-la. Sabe, Christopher, a capa daquele disco que você sempre escuta, *Sgt. Pepper’s*

Lonely Hearts Club Band? Aos poucos, um após o outro, apareceram uma longa fila de carroças, duas girafas, um elefante, homens de libré. Tocaram tambores, ressoou uma fanfarra. O espetáculo multicolorido do circo Gabor. Alcançaram-nos diante do olhar pasmo dos garis. Da primeira carroça, saltou um homem com uma peruca vermelha.

"Nós nos enganamos", disse. "Estávamos com o calendário do ano passado."

E abriu os braços.

Uma onda irresistível de alegria subiu dos meus pés até a garganta. Era absurdo e irracional, Christopher, mas me senti feliz. Fiquei a tarde inteira assistindo às operações de remontagem da grande tenda. Antes que terminassem, perguntei quem era o proprietário. "O senhor Gabor", responderam. Pedi que me indicassem onde poderia encontrá-lo.

Yitzakh Gabor estava sentado em uma banqueta para tigres e fumava um Hoyo de Moterrey.

Aproximei-me e disse que precisava falar com ele.

"Siga-me", respondeu.

A tenda ondulava um pouco ao vento, como um balão inflado. Sentamos na beirada do picadeiro vazio e o senhor Gabor começou a me contar a sua história antes que eu fizesse qualquer pergunta. Ele havia nascido em uma viagem, como todos os seus irmãos: ele, no vilarejo de Pécs, na Hungria; os outros, às margens do Danúbio ou do Tisza. Janusz, o mais velho, no lago Balaton. A mãe logo se convenceu de que o lugar no qual cada filho viera à luz determinava o caráter deles e os dividiu mentalmente entre meninos de rio, meninos de lago e meninos de terra. A cada uma dessas categorias, atribuiu uma qualidade específica que reconhecia na superfície de suas índoles. Tinha filhos impetuosos que, quando falavam, formavam longas curvas nos discursos e muitas vezes acabavam transbordando; tinha outros, como Janusz, que sabiam ficar horas a fio em silêncio e tinham o dom da paciência, inspirando tranquilidade e confiança em todos. "Para mim", me disse o senhor Gabor, "minha mãe havia previsto o destino de um homem sedentário, arraigado como uma cebola no meio de uma horta. Achava que, mais cedo ou mais tarde, eu teria deixado a nossa vida passada entre barracões e animais para me isolar em uma província, casando-me e construindo uma casa de madeira porque, para ela, eu era um menino-árvore,

com os pés dentro da terra. Não podia imaginar que eu, para chegar até aqui, no Novo Mundo, teria visto mais água do que a que encheu os olhos dos meus irmãos desde o dia em que nasceram até o último. Mas, no fundo, ela não se enganou: a argila que moldou os meus pés não era a dos campos húngaros, mas a terra vermelha e poeirenta de todos os circos do mundo…”

Escutei-o em silêncio.

“E você, que homem é? Um homem-árvore ou um homem-peixe?”

“Ainda não sei, senhor, mas eu também atravessei o meu oceano.”

“E chegou do outro lado?”

“Acho que não, ainda não.”

“Sabe, minha mãe era uma judia russa e conheceu meu pai em Minsk durante uma turnê. Ele fazia um número após o dela, estava vestido de branco, com um chapéu pontudo, esperando entrar em cena quando a viu. Enquanto o público aplaudia o fim da sua exibição, meu pai irrompeu no picadeiro e postou-se à sua frente. A declaração que fez para ela foi pronunciada em um idioma composto por todos os dialetos da Europa oriental, diante de duas mil pessoas. A plateia achou que o número fazia parte do espetáculo e começou a rir. Era uma situação irresistível que meus pais replicaram durante anos, e sempre com sucesso: um palhaço branco que faz juras de amor a uma contorcionista de cabelos compridos e boca vermelha e a segue por todo o circo, dentro e fora do círculo de luz que os ilumina, até a saída. Talvez seja por isso que nunca levei o amor muito a sério. Porém, certa noite, meu pai foi dormir dizendo que estava sentindo uma pequena dor na boca do estômago. Abriu as calças e se deitou. Na manhã seguinte, não houve jeito de acordá-lo. Ao funeral, compareceram palhaços de todas as partes do império, todos enrolados em suas echarpes e fantasiados. Alguns com trombones dourados, o nariz desmedido e recurvo, os cílios pintados; outros de bicicleta e com calças com a cintura bem alta. Uma pianola à manivela tocava música italiana. As mulheres chamavam as crianças, debruçavam-se nas janelas. Um espetáculo como aquele nunca havia sido visto. A certa altura, minha mãe foi tomada por um ataque de riso tão violento que teve convulsões e, em seguida, febre. Em vinte e quatro horas, já havia alcançado meu pai na sua última e definitiva apresentação. É também por isso que não posso levar nem a morte muito a sério.”

O senhor Gabor riu contra a tenda e saiu fumaça do seu nariz. Não sei por que estava me contando todas aquelas histórias, mas a sua voz era gentil e me desagradava interrompê-lo.

“Meu pai havia me ensinado a fazer as pessoas rirem”, continuou, “e chorarem, e tudo o que pode servir a um palhaço ou a um mímico. Ensinou-me também a tocar acordeão, um instrumento cheio de botões brancos de madrepérola que se fecha como uma mala e tem um fole preto no meio de uma armação de madeira decorada por espirais e arabescos. Tive três acordeões na minha vida. O primeiro, toquei diante do imperador Francisco José; o segundo queimou em um incêndio numa aldeia após um atentado ao czar; o terceiro, eu não trouxe para os Estados Unidos para que ninguém tivesse a ideia de queimar outras casas… Mas o meu talento não se manifestou nem na música nem na arte da mímica. Eu entendo os animais. Consigo ser obedecido sem dor de cabeça até pelos camelos. Durante meio século, mantive uma correspondência frequente com os adestradores de tigres e elefantes de pelo menos dois continentes. Perguntam-me as coisas mais descabidas. A julgar pela quantidade de correspondência que não paro de receber, parece que sou o único andarilho capaz de intuir a natureza de um animal até mesmo por carta, e muitos domadores me agradecem por tê-los alertado a tempo. Mas, algumas vezes, as minhas respostas chegam atrasadas e outros empresários me comunicam que o seu artista sofreu um incidente trágico.”

Veio-me à mente o negro com os olhos amarelos e a orelha mutilada que eu encontrara alguns meses antes. Mas o senhor Gabor logo recomeçou a me contar a sua vida. Temi que ele fosse continuar a falar para sempre, mas eu dispunha de tempo.

“Da primeira vez que vim aos Estados Unidos”, disse Gabor, “trabalhei por algum tempo como especialista em cavalos no *Wild West Show — Rocky Mountain and Prairie Exhibition*, de William Frederik Cody. A humanidade o conhece como Buffalo Bill, mas, para mim, não passa de um velho ator de pele branca, cabelos compridos e um filete de barba no queixo: o meu amigo Willie. Até os índios que faziam parte do seu espetáculo me respeitavam por causa da minha capacidade de domar qualquer potro. Touro Sentado em pessoa me perguntou qual era meu segredo. ‘Conheço idiomas’, respondi. Ah, o que era

aquele show, meu rapaz! Mulheres que, na sela de um cavalo, atiravam em cartas de baralho a trinta metros de distância e acertavam o naipe, pistoleiros com bigodes arqueados para baixo que simulavam batalhas famosas e caciques com duas penas na testa, o rosto magro e tranças que chegavam até as pernas. Fiquei ali dois anos, e foram dois anos inesquecíveis. Mas nunca consegui perdoar Willie por ter matado pelo menos dez mil bisões. Então, um dia, decidi ir embora. Chegara o tempo de parar de mexer com os bichos e começar a mexer com os homens. Em toda a minha vida, nenhum animal jamais havia me metido medo, e certamente não seriam os americanos que me assustariam. Para domar os Estados Unidos, eu só precisaria de alguns anos. Foi assim que me tornei um estimado empresário da Costa Oeste e montei o meu circo com o meu sócio Nathan Goldstein."

A essa altura, finalmente, o senhor Gabor girou o charuto e deu um trago longo e profundo. Aproveitei para intervir.

"Talvez o senhor possa me ajudar."

"De que conselho precisa? Você é um tocador de rebanho, um palhaço ou um funâmbulo?"

"Sou um cineasta e não preciso de conselhos, mas de uma informação: muitos anos atrás, eu não saberia dizer quantos, talvez vinte ou mais, veio para os Estados Unidos uma amazona húngara que o mímico Marceline e o malabarista Zarmo consideravam a mulher mais bonita da Inglaterra. Mas algo aconteceu com ela e sua carreira terminou."

"Chamava-se Eszter?"

"Sim."

"Se é ela que você está procurando, eu tinha uma amiga com esse nome que havia trabalhado nos melhores circos europeus da época: Herzi, Nagy, Richter… Uma equilibrista que se exibia sobre os cavalos. O seu número era de tirar o fôlego."

"Sim, acho que é ela."

"Como eu, Eszter abandonou a Hungria para fazer fortuna em outro lugar. Fez muito sucesso na Grã-Bretanha, depois, também se sentiu atraída pelos Estados Unidos. Mas não teve sorte."

"Sabe o que aconteceu com ela?"

“Ouvi dizer que, em Youngstown, Ohio, sofreu um acidente. Caiu durante uma pirueta sobre a sela e o cavalo esmagou uma de suas pernas com o casco. Os ossos daquela mulher sempre me deram a impressão de serem de vidro, não sei se você me entende. Ficou aleijada e não pôde ir embora com os outros. Muitas vezes, quase fui visitá-la.”

“Onde?”

“Em Youngstown. Acho que ela abriu uma loja de flores lá.”

O seu charuto encurtara alguns centímetros.

“Obrigado, senhor Gabor. Encontrá-lo foi de grande utilidade para mim.”

“De nada, rapaz, venha quando quiser para conversarmos um pouco.”

E me desejou boa sorte.

* * *

Com as têmporas latejando, voltei no dia seguinte à Mutoscope. Na entrada, não cumprimentei ninguém e fui direto para o escritório de Mister Fritz. Subi os degraus de três em três. Como sempre, encontrei o chefe em sua torre, sentado atrás da mesa, olhando para fora.

“Mister Fritz, desisto: nunca encontrarei o homem que inventou o cinema.”

Ele nem se virou na cadeira.

“Esqueça o que eu disse. Volte a me contratar na posição que eu ocupava antes.”

“Voltar a contratar você como diretor?”

“Não consegui fazer muitas outras coisas até agora.”

“A Motion Picture me deixou acuado, Chas. A audiência foi marcada para daqui a menos de dois meses. Não temos como nos salvar. Minha mãe ficará feliz. Sempre disse que o cinema era apenas o meu último brinquedo, mas que eu também acabaria por destruí-lo.”

“Sua mãe está enganada.”

“Em geral, talvez, mas, no que diz respeito a mim, não. Eu também não consegui fazer outra coisa além disso na vida. Investi tudo o que tinha. Achei que daria um salto, Chas, mas continuei sendo um garoto mimado e sem sorte. Uma pena, porque os nossos filmes estavam começando a vender bem.”

“Então, o que vamos fazer?”

“Dou mais um mês a você.”

“Não adianta, Mister Fritz.”

“Prefere ser despedido imediatamente? Alguma coisa você deve ter encontrado nesses dias. Sei lá, uma pista, um indício. Você pesquisou ou ficou dormindo a semana inteira?”

Olhei para ele conformado.

“Invente alguma coisa, Chas. Você é o único que tem imaginação para fazer isso aqui dentro. Mesmo que seja um pequeno pretexto. Não me serve muita coisa. O suficiente para ganhar tempo no tribunal.”

Aquele homem me dava raiva. Estava tão ligado às próprias ilusões que não queria entender.

“O senhor acha que é possível seguir a pista de uma amazona húngara e aleijada que nem sabemos se ainda está viva e a de um sujeito que dava comida para os elefantes e que só vi uma vez quando criança?”

“Gott erhalte, Gott beschütze…”

“Não é o momento para começar a cantar, Mister Fritz.”

“*Unsern Kaiser, unser Land!*”

“Por favor…”

“*Mächtig durch des Glaubens Stütze, Führt er uns mit weiser Hand!*”

“O que é isso?”

“O hino do Império Austro-Húngaro, Chas. *Salve, Deus, o reino austríaco.* A música foi composta por Joseph Haydn. Durante muitos anos, estudei canto lírico: minha mãe nunca perdoou o fato de eu não ter me tornado um tenor famoso e esse é o motivo de todo o seu rancor em relação ao cinematógrafo.”

“O que o senhor quer que eu faça, Mister Fritz?”

“*Gut und Blut für unsern Kaiser…*”

“A única coisa que sei é a cidade em que ela morava”, falei.

“*Gut und Blut fürs Vaterland!*”

“Fica a pelo menos dois mil quilômetros daqui.”

“Pago a você dezesseis dólares mais as despesas, Chas.”

“Será como jogá-los pela janela.”

“Um motivo a mais para que minha mãe me odeie. Devo comprar uma passagem em seu nome para que lugar?”

“Para Youngstown, Ohio.”

“Então, vá para casa fazer as malas e embarcarei você no primeiro trem para aquelas bandas. Sabe pelo menos o nome dela?”

“Chama-se Eszter.”

“Será suficiente.”

“Pode ser uma pista falsa.”

“Siga-a até o fim do mundo.”

“O senhor é louco, Mister Fritz.”

“Não menos do que você. *Gottes Sonne strahl in Frieden Auf ein glücklich Österreich*, Senhor Chaplin.”

* * *

Algumas horas mais tarde, eu estava viajando rumo a Salt Lake City em um trem da Union Pacific. Em Ogden, enveredaríamos pela mítica First Transcontinental Railroad até Omaha, Nebraska; dali, eu prosseguiria na direção de Chicago, até Youngstown.

Naquela manhã, na estação de Los Angeles, a fumaça das locomotivas enegrecia o ar. Olhei a hora no alto, na grande torre branca. Eram seis horas. Circulavam por ali pessoas que esperavam para partir. Trabalhadores, caixeiros-viajantes, a mesma humanidade sonolenta e perdida que ocupa as plataformas de todas as estações do mundo. Pedi informações a um homem de macacão que arrastava garrafas de leite. Ele me indicou uma plataforma com um trem parado. A locomotiva era preta, brilhante, e tinha um número embaixo da chaminé:

7108

De quantos detalhes inúteis, Christopher, nos lembramos na vida. Subi no vagão ao fundo, guardei a mala e acomodei-me perto da janela. Depois de pouco tempo, entraram no meu compartimento um homem pequeno como eu, com

óculos redondos e bigodinho preto, e uma mulher ruiva. Cumprimentei-os fazendo um gesto genérico com a cabeça. Com um tranco, na hora devida, o trem deu a partida.

“O senhor também vai para o norte?”, perguntou o homem do bigodinho.

“Mais ou menos”, respondi.

“E a senhorita?”

“Vou a Denver”, respondeu a mulher ruiva.

“É melhor nos apresentarmos, visto que passaremos alguns dias juntos. Eu me chamo Giò.”

“Prazer”, falei sem muita vontade, “eu me chamo Charlie.”

Eu não estava muito a fim de conversar; em trens, sempre me isolei, mas o homem não desistia.

“E a senhorita?”

“Meu nome é Vittoria. Vittoria Silk. Silk com k, o funcionário do cartório me registrou assim. Mas vocês podem me chamar de Vicky, se preferirem.”

Vicky também não parecia ser de poucas palavras.

“Muito prazer em conhecê-la, Vicky”, disse o homem do bigodinho, apertando cerimoniosamente a mão da moça. “Na verdade, o meu nome também não se escreve Jo, à americana. Não me chamo Joseph nem John, mas G-I-O, que é o apelido de Giobba, Giobba Fumìa.”

“Giobbe? O senhor é judeu?”

“Não, não é Giobbe, embora, como no caso de Jó, não me falte paciência. Giobba, senhorita, e não sou judeu.”

“Nunca ouvi esse nome”, disse Vicky.

“Assim que cheguei aos Estados Unidos, vindo da Itália, a primeira coisa que aprendi foi a pedir emprego. Eu procurava qualquer pessoa que pudesse oferecer trabalho e dizia as três únicas palavras que eu conhecia em inglês. JOB FOR ME. JOB FOR ME. JOB FOR ME. Devo ter trocado de trabalho tantas vezes que repeti essas palavras até enjoar, com a minha péssima pronúncia… Tantas vezes que, logo, para os meus concidadãos, me tornei GIOB FU MIA. O padeiro do bairro em que eu morava me via subir a rua e dizia: ‘Aí vem o Giobba Fumìa.’ E o mesmo acontecia com o dono da banca de revistas, os jornaleiros ambulantes, os

operários que controlavam as caldeiras: ‘Oi, Giobba, hoje nada de trabalho, hein?’ E riam.”

Vicky também riu. Eu não estava a fim de lhe dar confiança, mas aquele homem começava a me parecer simpático.

“O que vocês querem? Já me acostumei, não me lembro mais do meu nome verdadeiro. Mas, agora, é diferente, fiquei noivo. De uma moça que se chama Mary. Ela mora em Nebraska. Fica no centro dos Estados Unidos e, ali, ninguém me conhece. O pai dela tem uma madeireira. Trabalharei com eles: vamos nos casar em setembro. E você, Charlie? Pelo seu aspecto, parece que também não é americano…”

“Nasci em uma caravana de ciganos, na Inglaterra”, respondi.

Os dois riram.

“Você é um sujeito espirituoso”, disse Vicky.

Mudei rapidamente de assunto.

“Então, você vai para o norte se casar, Giò?”

“Me casar e trabalhar. Quem me chamou pela primeira vez de Giobba Fumìa não se enganou. Procurar trabalho é o meu destino.”

“É o destino de todos, mais cedo ou mais tarde. E você?”, perguntei a Vicky.

“Vou a Denver porque quero escrever para um jornal e tenho uma amiga lá que pode me ajudar. E você? É por acaso um proprietário de terras?”

“Eu, um proprietário de terras? Não.”

“Um campeão de beisebol?”

“Não levo jeito nenhum para beisebol, infelizmente. Saio-me melhor em hóquei e corrida.”

“Um produtor de vinho?”

“Vocês estão longe do alvo.”

“Um garimpeiro atrasado, então”, provocou Vicky.

“Em certo sentido. Você vai longe no jornalismo, tenho certeza.”

“Se precisar de alguém para ajudar a cavar…”

“Sinto muito, Giò, tenho um emprego, mas estou indo perdê-lo.”

“Humm, se você precisar de alguém para perdê-lo mais rápido, sou um especialista no ramo.”

“Seria realmente mais fácil descobrir uma jazida de ouro do que encontrar a pessoa que me fará manter o emprego.”

O trem continuava a correr.

“É uma mulher que você está procurando?”, perguntou Vicky.

Não respondi.

Ficamos sem falar por um tempo.

Campos sem fim de restolhos de milho ladeavam a ferrovia. Depois, quilômetros de pradarias arenosas. Giobba se agitava nervosamente na poltrona. Começou a conversar com outro passageiro, sentado na extremidade oposta do compartimento. Um sujeito com uma voz rouca, mas irresistivelmente expansiva: em poucas horas, todo o vagão sabia tudo a seu respeito. Aquele homem se chamava Ted. Era um mascate, do Novo México. O último de três gêmeos, dizia orgulhoso. Estava indo para Wyoming fechar seu último contrato. Um fornecimento de sabonetes com perfume de canela. Pegou um e deu a Giò para que o cheirasse. No vagão, espalhou-se um odor adocicado que me lembrou as tortas de maçã da minha mãe. Ted tinha uma capacidade inesgotável de encontrar assunto para convencer os outros de como seu produto era bom. Teria conseguido vender qualquer coisa a qualquer pessoa: conquistava os clientes pelo cansaço. Mas devo confessar que eu também senti uma grande vontade de ter aquele sabonete e só não o comprei imediatamente porque os dólares que Mister Fritz havia me dado não eram tantos assim.

Vicky tentou dormir, mas não parecia incomodada pelas conversas de Giobba e Ted. Só o cheiro de canela impedia o seu sono. Eu pensava na minha bailarina a cavalo e nos seus ossos de vidro. Quem sabe era tão bonita a ponto de ser possível enxergar através dela? Fiquei preocupado. Aquela história devia ter envenenado o meu sangue. Pelo menos as palavras de Giobba ou de Ted ou de Vicky não eram perigosas e tinham o mérito de preencher o tempo vazio da viagem.

Por certo tempo, brincamos de quem via mais aves aquáticas voando sobre a extensão branca e solitária do Grande Lago Salgado, em Utah, após quase dois dias desde a partida, e, depois de termos superado a primeira noite naqueles beliches desconfortáveis e mirrados, avistamos a distância as agulhas do templo mórmon de Salt Lake City.

“Você poderia saltar aqui”, disse Ted a Giò, “e se casar com três ou quatro santas moças missionárias que vivem na cidade em vez de se entregar à sua Mary e ao pai. Ouvi dizer que, nestas paragens, eles praticam a poligamia.”

“Você é louco. Depois, eu teria que trabalhar para três ou quatro famílias, todas juntas. Para alguém como eu, que até agora não conseguiu sequer se manter no mais miserável dos ofícios, não seria um grande negócio.”

“É verdade”, disse Ted desapontado. “Nem para você nem para eles.”

Dali em diante, até Ogden, acompanhou-nos uma espetacular cadeia de montanhas nevadas na linha do horizonte. Ogden me pareceu uma cidadezinha fria e exposta ao vento, ainda espantada, após meio século, por ter sido atravessada pela primeira ferrovia que cortou os Estados Unidos de um lado a outro. Alguém mais louco do que eu e Mister Fritz havia sonhado em unir a costa atlântica à do Pacífico e as pessoas acreditaram e começaram a trabalhar: quilômetros e mais quilômetros de ferragem batida e rebatida no meio da neve, no deserto, através da Serra, das Montanhas Rochosas e das tribos indígenas, com irlandeses que bebiam como esponjas, e poloneses e italianos que morriam.

Finalmente, fizemos uma parada. Desci para esticar as pernas. A ferrovia prosseguia à minha frente, noite adentro. Talvez tivesse sido melhor se eu nunca houvesse me deslocado, se tivesse permanecido em Londres, na minha ilha. Senti-me tão sozinho quanto um trem.

* * *

A minha história era como aquela ferrovia, Christopher. Um corte dentro da terra, uma ambição desmedida, um desejo de algo que eu não sabia nomear. Passei quase uma semana ali, no entanto, nunca me senti cansado. Sozinho, sim, mas não cansado. O movimento do trem sincronizava com a minha respiração, me capturava. Eu poderia ter continuado a viajar infinitamente, sem jamais saltar. Dar a volta ao mundo e retornar.

O tempo, no nosso vagão, transcorria lento como a paisagem de Wyoming. À noite, cada um se estendia na própria cama. De resto, jogávamos cartas. Rummy e, depois, pôquer. Vicky leu para nós em voz alta os primeiros capítulos de um romance sentimental. Ted falou por um dia e meio sem parar dos dois irmãos

gêmeos e apostou conosco que conseguiria vender aos outros passageiros todas as amostras de sabonetes antes de chegar ao seu destino. Giobba contou episódios da sua infância, passada em um internato administrado por padres: as montanhas que via pela janela o faziam lembrar da sua região, na Itália. Eu listei todas as coisas que ainda não haviam sido inventadas: um aspirador de pó para sugar a tristeza e o mau humor; um liquidificador para trazer ideias quando elas estão em falta; um balde de petróleo para apagar as palavras erradas que são pronunciadas.

Estação após estação, o trem chegou à cidade de Green River.

O primeiro a descer foi Ted.

“Lamento, rapazes, perdi a aposta”, disse, mostrando-nos a sua mala ainda cheia de mercadoria. “Fico lhes devendo um almoço.”

“De qualquer maneira, você fez bons negócios, ao que me parece”, comentou Giò.

“Poderia ter sido melhor.”

“Não reclame, pois daqui a pouco todas as mulheres de Wyoming estarão cheirando a canela”, disse Vicky.

Ted nos olhou um a um.

“Hum, difícil.”

“O que você quer dizer?”

“Não vendi um sabonete sequer.”

“Como é possível?”

“Foi o que aconteceu. Não tenho nenhum contrato a ser assinado.”

Ficamos todos em silêncio.

“Vou arrumar um”, disse Ted.

“Claro que vai”, incentivei-o.

Saiu saltitando com as suas pernas magras, desejando sorte a todos nós.

Em Cheyenne, algumas horas mais tarde, foi a vez de Vicky nos deixar. Ali, passava a linha que a levaria até Denver.

“Lerei os seus artigos, Vicky. Assim que eu vir no Denver Post as iniciais V.S., saberei de quem se trata.”

“Sinto muito, Charlie.”

“Por quê?”

“Eu também enrolei vocês”, disse levantando-se da poltrona a seu modo. “Vou trabalhar como garçonete em Denver: minha prima tem uma lanchonete.”

Os seus cabelos eram ainda mais ruivos do que os da atriz que interpretara a tia Peggy.

“Então, logo passarei por lá para ver como é a comida”, disse Giò.

“Combinado. A gente se vê lá, está marcado.”

“De qualquer maneira, é Ted quem vai pagar.”

“Claro que sim. Até logo, então.”

Vicky se afastou com um sorriso forçado. Na plataforma, esperou que o trem partisse para nos cumprimentar com um aceno de mão. Giò abaixou a cortininha. Continuaria a viajar comigo por mais uns dois dias. Mas não estava mais a fim de bater papo. E o silêncio, em um sujeito alegre como ele, doía, porque soava como uma nota desafinada.

“Charlie, não preciso chegar ao destino para confessar que não existe Mary alguma”, disse-me ele na última noite.

“E a madeireira?”

“Também não. Disseram-me apenas que, por estas bandas, foi descoberto um novo mineral e que é possível encontrar trabalho sem ter que pedir.”

“Vamos até Chicago, Giò…”

“Não, obrigado, Charlie. Nenhuma profissão que exerci durou. Eu já disse, sinto que Nebraska é o lugar certo para mim. Um novo começo: é o que estou procurando. E não há lugar melhor para se esconder da má sorte do que em uma mina.”

Na estação de Lincoln, nos abraçamos em silêncio três vezes.

“Pena”, disse Giò. “Teria sido melhor nunca descer desse trem, pois sabemos o que nos espera.”

Fiquei sozinho, no meu lugar, com o nariz amassado no vidro até vê-lo desaparecer a distância.

A próxima parada seria a minha.

Omaha.

O fim ou o começo da First Intercontinental Railroad, depende de como virarmos o mapa. Dali, outro trem me levaria a Chicago. Já se passara quase uma semana desde a minha partida de Los Angeles.

O último trecho de ferrovia atravessou um campo que alternava filas de árvores secas em contraste com um céu cinza e chaminés enfumaçadas no horizonte. No lugar de Vicky, sentou-se um monge trapista. Tive medo de que ele quisesse iniciar alguma discussão religiosa, então não levantei os olhos na sua direção, porque Deus é um assunto que não me interessa. Quando o alto-falante anunciou a última estação, as pessoas começaram a pegar desordenadamente as próprias malas, as crianças saltavam, as mulheres punham vistosos chapéus. Toda a vitalidade reprimida por dias inteiros esguichou como água em um cano furado. Desci milagrosamente incólume com o monge e uma rajada de vento nos arrebatou assim que pusemos os pés no chão. Levantou a túnica do monge, mostrando os seus pés nus calçando as sandálias, e me fez perder o equilíbrio. Um arrepio de frio penetrou meus ossos.

Passei pelo meio da multidão. Da plataforma ao lado daquela em que desembarcamos, partia outro trem, seu destino era Nova York. As pessoas na janela pareciam alheias a qualquer preocupação. Era um trem de luxo, com uma locomotiva imponente. Invejei quem a havia projetado. Eis um trabalho realmente agradável, pensei, projetar locomotivas. Eu deveria dizer aquilo a Giò, da próxima vez.

A estação me acolheu com toda a sua majestade: quatro gigantescas colunas brancas delimitavam a saída e faziam com que você se sentisse menor do que uma formiga. Mas eu estava acostumado. Acho que a minha estatura condicionou a minha visão das coisas. Olho o mundo e os outros seres humanos a partir de um ponto de vista no qual tudo é sempre desmedido e inacessível. No entanto…

Chicago ainda não era a cidade racional e interminável que se tornou mais tarde. Mas o aspecto que assumiria já fazia parte da laboriosidade que se respirava nas ruas. Os parques à margem do lago Michigan remetiam a outros parques futuros, assim como os bulevares remetiam a outros bulevares, e as pontes sobre o rio Chicago, a outras pontes. Naqueles anos, qualquer um que tentasse imaginá-la era capaz de ver como Chicago seria. E isso também me fazia lembrar da ferrovia que, de Omaha, chegava até Sacramento, e dos homens que sonharam com ela antes de torná-la real.

Talvez eu também devesse me esforçar e sonhar com o servente de um circo capaz de inventar o cinema antes dos irmãos Lumière e com uma equilibrista a cavalo com a perna machucada. Só assim eu a encontraria, na sua casa americana, e ela me contaria toda a história diante de uma xícara de chá ou de uma infusão de cinamomo.

Por duas noites, aluguei um quarto na margem norte da foz do rio. Era um hotelzinho despretensioso, com uma mulher de meia-idade na entrada. Perguntei quanto custava. Ela me disse o preço. Arrumou os cabelos louros eriçados e me entregou uma caneta. Assinei o registro, paguei um sinal e recebi a chave. Primeiro andar, último quarto ao fundo. Eu precisava de uma parada. Subi a escada, fechei a porta atrás de mim, abri a janela e olhei para fora por certo tempo. Via-se um segmento azul do lago, no final da rua. Respirei várias vezes, lentamente, depois fechei as venezianas e me deitei na cama. Parecia que eu não tocava em um colchão havia um século. Todos os ossos doíam. Enfiei a mão embaixo do travesseiro e peguei no sono.

Acordei no dia seguinte, na hora do almoço. Passei aquela tarde batendo perna. Em um local, folheei uma revista. Algumas produtoras cinematográficas procuravam diretores. Havia anúncios por toda parte. Talvez ali eles não dessem a mínima para as patentes da Motion Picture Patents Company e do Latham *loop*. Ouvi dizer que os produtores de Chicago haviam investido muito dinheiro no cinematógrafo e estavam concorrendo com os de Los Angeles. Pensei que poderia tentar. Eu já tinha referências de verdade e talvez fosse contratado por alguém. Aquela cidade logo me agradou. Um novo começo, como dizia Giobba. É tudo de que precisamos, é só escolher o lugar certo. E Mister Fritz já não sentia a minha falta. Sem dúvida, não seria um drama se eu não voltasse; mais cedo ou mais tarde, eu enviaria pelo correio para ele o dinheiro das despesas.

Fiquei pensando naquilo a noite toda. Anotei alguns endereços nos quais poderia me apresentar. Na incerteza, fechei novamente a mala e depositei o ônus da decisão em uma moedinha. Se desse cara, eu ficaria em Chicago. Joguei-a para o alto, mas não a peguei, Christopher. Deixei-a por lá, no chão daquela pensão. No dia seguinte, os meus pés acordaram curiosos e descansados e decidiram por conta própria partir para Youngstown. Era só falar com aquela mulher, não demoraria muito.

Voltei para a estação e entrei no escritório de informações. Havia cinco ou seis homens sentados atrás de três mesas compridas cheias de carimbos, papéis, livros e arquivos, sobre as quais pendiam os fios das lâmpadas elétricas. Nas paredes, estavam pendurados dois mapas de toda a rede ferroviária americana e, entre as janelas, um calendário com números gigantescos. Perguntei qual era o modo mais rápido para se chegar a Youngstown.

“Por que você quer ir até lá?”, quis saber um funcionário de colete e gravata e com um sorriso maroto, sem levantar a cabeça.

“Preciso resolver uma questão”, respondi estupidamente.

“Você por acaso engravidou alguma garotinha?”, disse o mais jovem do grupo. Tinha a testa assustadoramente branca.

“Eu só gostaria de saber qual trem devo pegar para ir a Youngstown.”

“Ah, isso você não deve perguntar a nós”, disse um terceiro, ele também de colete, paletó e óculos redondos. “Tente falar com o diretor de tráfego, é ele quem sabe tudo. Talvez até lhe dê um conselho sobre como se dar bem com a tal garota.”

Mordi a língua e entrei na brincadeira.

“E onde encontro esse diretor?”

Queria dar-lhes uma oportunidade.

“O diretor dessa linha certamente não está aqui. Você poderia tentar telefonar para a Filadélfia ou Washington, mas, a esta hora, ele sem dúvida estará ocupado. Se eu fosse você, tentaria pegar carona em um vagão qualquer que transporta gado. O que me dizem, colegas?”

“Sim, claro. Daqui a pouco, parte da plataforma quatro um comboio de porcos. Talvez tenha lugar.”

Já haviam se divertido bastante.

Aproximei-me da primeira mesa, peguei um carimbo, pressionei-o bem na almofada de tinta e, para surpresa geral, estampei-o na testa do funcionário mais jovem, a mais branca que eu já vira em um homem. Ficou impresso como em uma folha imaculada.

“Obrigado, de coração, em nome de toda a clientela”, falei. E saí antes que caísse em cima de mim uma chuva de tinteiros, cachimbos e réguas.

Para evitar mais problemas, subi no primeiro trem que partia. Estava me sentindo bem como não acontecia havia muito tempo: eu acabara de descobrir o prodigioso poder taumatúrgico de carimbar a testa de alguém. Além disso, eu tivera sorte. Involuntariamente, aqueles funcionários da Chicago and North Western Railway cumpriram com sua obrigação: puseram-me em um trem que seguia na direção que eu desejava. Mais ou menos. Ia para Pittsburgh, Pensilvânia, mas eu saltaria antes.

Interna, noite. 24 de dezembro de 1975

Carlitos está sentado no centro do cômodo.

Mexe uma perna, como se escutasse música. Balança a cabeça. Depois, se levanta, pergunta a uma fileira de cadeiras vazias se alguma moça quer dançar com ele. Tira o chapéu e pega o ar pela mão. Cinge os seus quadris e executa os primeiros passos de uma valsa.

Dá as costas à Velha. De vez em quando, suspende a calça com a bengala. Encaixa-a no cós e a mantém levantada. Depois, deixa a companheira imaginária e continua sozinho, abrindo os braços como um pássaro.

No final, pega o violino sobre a mesa e convida a Morte para dançar. Ela balança a cabeça.

A MORTE: Você não deve me fazer dançar, Carlitos, deve me fazer rir…

Carlitos dá um tapa na cabeça, como se tivesse se esquecido da aposta. Inclina o chapéu-coco. Livra-se de algo que o incomoda na altura dos pés, talvez um cão, um gato ou uma criança, depois, abre um sorriso largo e uma perna some de dentro da sua calça como em um truque de mágica.

CARLITOS: Venha que eu ensino.

A MORTE: O que você quer me ensinar?

CARLITOS: Como se faz. Uma perna desaparecer, quero dizer… Veja.

Carlitos começa a cantar uma velha canção e repete o movimento. A perna encolhe dentro da calça. Mancando, vai até a parede e volta. Procura se apoiar com as mãos. Pega alguma coisa na mesa. A Morte o observa atenta.

CARLITOS: Tome, vista.

A MORTE: O que é isso?

CARLITOS: Bombachas, madame. Chamam-se *knickerbockers*.

A MORTE: E eu deveria vesti-las?

CARLITOS: Claro. Servem para o número, senão não funciona.

A MORTE: Mas são masculinas.

CARLITOS: Você não vai criar caso…

A MORTE: Pelo menos, vire-se. E não olhe pelo espelho.

Carlitos se vira de costas. A Morte tira o manto negro, senta-se, estende a calça à sua frente e, com grande dificuldade, enfia os pés lá dentro.

CARLITOS *(para preencher o tempo)*: Sabe, quando criança, eu sempre queria fazer o papel de vilão.

A Morte joga novamente o manto sobre os ombros.

CARLITOS: Gostaria de ter interpretado você, uma vez.

A MORTE: Estou pronta.

Carlitos olha para ela. Levanta as sobrancelhas brancas.

CARLITOS: Eu nunca tinha visto as suas pernas.

A MORTE: Pare, por favor…

CARLITOS: Tudo bem, mas chegue mais perto e me dê a mão.

A Morte a oferece timidamente para ele. Carlitos a segura, não é a primeira vez.

CARLITOS: É só você balançar o joelho e puxá-lo para perto de si, assim.

A Morte o imita. É um pouco desajeitada, mas se esforça.

CARLITOS: Não. Assim, não…

A MORTE: Não entendo como você faz.

CARLITOS: Tente cantar, vai ajudar.

A MORTE: Sou desafinada.

CARLITOS: Não importa. Tente. *Señora palafima, voulez-vous le taximeter, la zionta sur le tita, tu le tu le tu le wa…*

A MORTE: Não faz sentido.

CARLITOS: Não importa. Vamos, repita: *tu le tu le tu le wa…*

A MORTE *(com um fio de voz)*: *Tu le tu le tu le wa…*

CARLITOS: Não, eu desisto, você não tem jeito.

A MORTE: Por favor, deixe-me tentar novamente…

CARLITOS: Não, sinto muito.

A MORTE: Uma última vez.

CARLITOS: Faça este exercício, então: tente segurar o seu tornozelo.

A Morte estica os dedos esqueléticos em direção ao calcanhar. Carlitos a ajuda. Ele também levanta uma perna e a estica um pouco no ar. A barriga sai pelo paletó por causa do esforço. Dá para ver a regata por baixo da camisa

desabotoada. Por alguns segundos, os dois se equilibram em um pé só, apoiando-se no ombro um do outro. Um estalo e a Velha fica com a tíbia na mão. Imóveis, ela e Carlitos se olham no espelho sem reação alguma, como se estivessem observando um pôr do sol na Golden Gate.

CARLITOS: Ficamos reduzidos a isto.

A MORTE: Só osso.

A Morte se vira para o Vagabundo e desata a rir sem vergonha.

QUINTO ROLO

Fiz o último trecho da viagem, entre a cidade de Akron e Youngstown, caro Christopher, em meios de transporte improvisados. Primeiro, peguei uma carona com um atacadista de tecidos que vinha de Cleveland. Ele me viu andando do meu jeito na beirada da larga avenida de Akron, atravessada por bondes. Dirigiu-se a mim e eu não perdi a oportunidade. “Preciso de uma carona para Youngstown”, eu disse. Ele esticou um braço robusto e eu subi no automóvel.

Poucos quilômetros mais à frente, em pleno campo, ele parou diante de um galpão gigantesco. Podia ser um dos armazéns de Henry, onde filmávamos as internas. Ou então um depósito de feno para os animais do circo do senhor Goldstein.

“Se você tiver um tempinho, vale a pena descer, meu filho. Vou lhe mostrar uma coisa”, disse o homem.

Obedeci. Já não faltava muito.

O homem era gordo e se movimentava lentamente. Foi na minha frente. Chegou em uma paliçada e chamou um jovem que estava sentado em um bidão de metal.

“Jeremiah, abra, tenho um estrangeiro. Vamos mostrar a nossa maravilha para ele.”

“De onde você vem?”, perguntou Jeremiah, vindo na nossa direção.

“Da Califórnia”, respondi. “Los Angeles. Estou viajando há uma semana e meia.”

“Muito bem. Então, siga-me. Não sei se nas suas bandas alguém já viu algo do gênero.”

O homem dos tecidos ria satisfeito. Provavelmente, levava até ali qualquer pessoa que passasse por aquelas terras.

“Não consigo resistir”, disse. “Quando passo por esta estrada, paro aqui sempre. É algo que me faz bem.”

Eu estava começando a ficar curioso. Jeremiah empurrou uma grande porta de madeira e me deixou entrar. O brilho do sol penetrou no galpão e atravessou

em diagonal as tábuas, lutando com a sombra que desvanecia. Quando todo o espaço à nossa volta ficou iluminado, distingui o estranho objeto que estava à minha frente: era um balão. Um balão cinza em formato de charuto. E um escrito na lateral: AKRON. Poderia lembrar a tenda de um circo se não estivesse suspenso. Somente os tirantes o impediam de tocar o teto. Sob a barriga, havia uma pequena nave branca e, na proa, duas abas como as de um timão.

"Chama-se aeronave", disse Jeremiah. "Há uma fábrica aqui perto, a Goodyear, que gostaria de construí-las em série. Estamos fazendo testes atualmente. Sei que eles estão em negociação com uma empresa alemã."

"É o futuro, meu filho, não acha?", comentou o homem dos tecidos.

Eu estava atordoado.

"Como funciona?", indaguei.

"A gás, meu filho. Gás e ar quente. É a evolução dos balões."

"Quanto gás é necessário para levantar um balão desse tamanho?"

"Muito. Mas é mais simples do que você imagina. Esta tarde, vamos levá-lo para dar uma volta: quer experimentar?"

"É seguro?"

"Na semana passada, dois pegaram fogo, mas nunca com pessoas a bordo."

"Você não disse que queria uma carona?", perguntou o homem dos tecidos.

"Aonde você quer ir?", questionou Jeremiah.

Pronunciei o nome de Youngstown.

"Nós o levaremos até lá, fique tranquilo. Você tem um compromisso?"

"Mais ou menos."

"Com uma mulher?"

"…"

"Perfeito. Você verá como é maravilhoso."

Almocei com Jeremiah em uma mesa improvisada na frente da oficina. Comi uma fatia de pão com presunto cru e cebolas. Pouco depois, chegou uma tripulação de quatro pessoas.

"Temos um passageiro", disse Jeremiah. Ele tinha um buraco entre os incisivos que só dava para ser notado quando ria. O homem que devia ser o capitão da equipe me deu uma olhada.

"Você está um pouco pálido. Por acaso está com medo?"

Neguei com força, com a força que me restava.

“Ele tem um encontro em Youngstown”, disse Jeremiah, dirigindo-se a todos os presentes.

“Muito bem, vamos preparar o nosso pássaro, então”, ordenou o capitão.

Jeremiah e os outros homens entraram no galpão e começaram a puxar alavancas mecânicas. Logo em seguida, com um assustador barulho de roldanas e molas, o teto se abriu. O capitão me convidou para tomar assento na pequena cabine embaixo da barriga daquela gigantesca máquina. A última coisa que vi do lado de fora foi o sorriso semidesdentado de Jeremiah que me desejava boa viagem. Escolhi uma poltrona no fundo e me aboletei nela sem falar nada.

A aeronave AKRON levantou voo.

Eu nunca havia voado, Christopher, e, daquele dia em diante, sempre tive problemas. Naquela tarde, viajei em um dos primeiros dirigíveis que surgiram nos Estados Unidos. No início, tive uma sensação de náusea, senti tontura e fiquei com medo de olhar para baixo. Mas nunca sofri de vertigem e, uma vez, em Nova York, até me aproximei da beirada do terraço de um arranha-céu. Com muita prudência, aproximei-me da janela. A aeronave já havia subido muitos metros e estava flutuando levemente no ar. De vez em quando, o vento provocava alguns solavancos na cabine, mas, no geral, a navegação era bastante tranquila. O capitão decidiu que eu merecia um reconhecimento turístico de toda a região. Sobrevoou primeiro a cidade de Akron, que dava nome à aeronave. Vista do alto, com os seus tetos escuros, agulhas e chaminés que enegreciam o céu, aquela cidade me pareceu insuportavelmente cinzenta. Viramos sobre a retícula ordenada das suas ruas e nos dirigimos para o campo. Lá de cima, era possível avistar com exatidão a divisão de cada lote de terreno. Ultrapassamos um conjunto de pequenos lagos, com casas ao redor, depois, começamos a acompanhar as curvas de um rio; eu conseguia distinguir as árvores nas margens, os pescadores e os caçadores de rãs. Em alguns trechos, a terra era seca e arenosa, como se fosse ferrugem; em outros, estava coberta de vegetação ou de fábricas. Continuamos assim por certo tempo, então, de repente, o capitão disse alguma coisa na cabine de pilotagem. Não consegui compreender o sentido das suas palavras. Poucos minutos depois, outro integrante da tripulação foi até mim.

“Está pronto?”

“Para quê?”

“Já estamos quase chegando.”

Olhei para baixo. Um pequeno grupo de casas, alguns edifícios com mais de dez andares, uma praça central e uma rua reta no centro como em tantas outras cidadezinhas do interior. A verdadeira província americana, com a bandeira estrelada e listrada que tremula em cima do banco.

“Prepare-se porque você vai descer daqui a pouco.”

Eu não fazia ideia do que ele queria dizer, mas logo entenderia. A aeronave começou a dar voltas como um pássaro que está escolhendo o melhor galho no qual pousar. A cada volta, perdia altitude. Eu sentia uma forte dor na boca do estômago. O capitão entreviu uma clareira adequada e mandou os homens prepararem os contrapesos. Sem saber como, e sem que eu me lembre de nada, em meia hora, eles me descarregaram e eu estava caminhando sozinho ao longo do rio Mahoning, com a minha mala, acompanhando com o olhar a cauda do dirigível que se afastava no céu.

Tenho de admitir que a chegada ao meu destino, depois de mais de uma semana de viagem entre trens, automóveis e balões aerostáticos, foi bastante teatral. Pena que não houvesse nenhum saltimbanco ou Esmeralda assistindo ao espetáculo. Só alguns vagabundos que andavam ao longo do rio, olhando para o chão. Dois deles estavam na grama, bebendo. Um de cada vez despejou a cerveja na garganta e, em seguida, eles jogaram a garrafa na água. Observaram-me em silêncio.

“Você trabalha com carvão ou aço?”, perguntou-me o mais gordo.

Tinha um sotaque estranho e a boca mole.

“Nem uma coisa, nem outra”, respondi.

Os dois se olharam, hesitantes.

“Então, o que você veio fazer aqui?”

“Aqui não há mais nada: carvão ou aço, aço ou carvão. Escolha.”

“Procuro uma mulher com ossos de vidro, uma húngara”, eu disse.

“Que pena! De cervejas húngaras, nem sombra, por aqui”, rebateu o primeiro e se pôs a rir.

O outro também riu.

Aqueles dois estavam bêbados como cossacos. Fiz uma mesura e voltei a caminhar.

“Espere, estrangeiro. Aqui tem gente de todo tipo: africanos, judeus, gregos, escoceses, irlandeses como nós. Conheço até um sírio. Mas húngaros, não. Acho que não.”

“Obrigado de qualquer maneira!”, gritei sem virar a cabeça. Curioso: toda vez que eu procurava alguém ou alguma coisa, me deparava com irlandeses.

“Mesmo se não veio dar duro na nossa fábrica, você é um desgraçado, dá para ver pelo seu jeito de andar”, disse o segundo.

Continuei a percorrer a minha trilha poeirenta e, em dez minutos, cheguei finalmente a Youngstown. A cidade, aparentemente, era tranquila, com calçadas amplas e casas de tijolos brancos ou cor de ferrugem. O bonde passava ruidoso no meio da rua principal enquanto, ao lado, estavam estacionadas as primeiras carroças a motor, que alguns já chamavam de automóveis. “BEM-VINDO A YO-TOWN”, dizia um cartaz. Considerei-o um bom augúrio. Mais à frente, encontrei a praça arborizada que tinha avistado do dirigível e sentei-me em um banco. À minha frente, reconheci o perfil da imponente sede do DOLLAR BANK.

Muito bem, até ali, eu havia chegado. Agora, se tratava apenas de descobrir a loja de flores de uma acrobata manca emigrada para Yo-Town sabe-se lá quantos anos antes. Cabia a mim iniciar a partida. Mas ali estava na moda o beisebol, não o hóquei, como na Inglaterra. Arrastei os pés na grama e me encaminhei para o montinho do arremessador. Ainda estava indeciso entre tentar uma bola rápida ou um arremesso com efeito. Pensei em Walter Johnson. Ele jogava nos Washington Senators. Dentre os jovens, era o melhor na sua posição. Um jornalista o apelidara de The Big Train porque nunca foram vistos arremessos mais rápidos do que os seus. Fechei a mão em punho e me levantei.

O ar era denso e meu coração voltara a bater de maneira irregular. Atravessei a praça e enveredei por uma rua interna. A mala começava a pesar. Controlei as pulsações e, em seguida, entrei na primeira loja que vi. Uma confeitaria de doces judaicos. Na vitrine, estavam expostas tortas de trigo, tranças de pão, biscoitos de frutas secas e vinhos *kosher*. Atrás do balcão, um velho com um avental, barba comprida até o peito e um quipá na cabeça recebia os clientes; uns dois metros mais atrás, alguém que podia ser seu filho, um sujeito com vastas

sobrancelhas, bigodão e bochechas redondas, me observava com certa desconfiança.

Pigarreei e me dirigi a ambos.

“Vocês moram nesta cidade há muito tempo?”

Nenhum dos dois respondeu.

“Eu estava pensando que, se vocês moram aqui há muito tempo, talvez pudessem me indicar uma loja de flores.”

Como primeiro arremesso, não era grande coisa. Os Los Angeles Angels nunca avançariam muito daquela maneira.

“Você pode tentar o cemitério”, disse finalmente o mais jovem, e suas sobrancelhas ficaram ainda mais espessas.

“A que estou procurando deve ser a mais antiga, ou pelo menos uma das mais antigas, se é que ainda existe.”

“Não há nenhuma loja de flores mais antiga do que a do cemitério”, afirmou o velho.

“Acho que não é a que estou procurando.”

“Talvez Makrouhie, uma armênia que mora aqui há cinquenta anos, possa ajudar.”

“E onde…?”

“É só chegar ao final do bairro e perguntar. Todos sabem onde ela mora.”

“Muito bem, obrigado.”

“De nada, estrangeiro.”

“Bom trabalho.”

“Para você também. E tomara que consiga encontrar o seu florista.”

Eu estava desorientado. Em apenas uma hora, já havia me deparado com dois irlandeses bêbados, dois judeus provavelmente ortodoxos, e estava prestes a encontrar uma armênia. Àquela altura, já não me surpreenderia nem mesmo se um falcoeiro do Quirguistão passasse a cavalo na minha frente.

Makrouhie me foi indicada por um menino negro que estava encostado em um muro, brincando com tampas de garrafa. Esticou um dedo na direção de uma mulher que varria a entrada de casa. Aproximei-me e perguntei se podia falar com ela. Os seus cabelos ainda eram escuros e ela usava um lenço em volta da

cabeça. Esquadrinhou-me de cima a baixo com olhos penetrantes e ameaçadores. Estudou a minha mala. O meu ar melancólico e desleixado.

“Está procurando um lugar para dormir?”

“Também.”

“Quantos dólares você tem?”

“O suficiente para pagar por um leito, se você o oferecer.”

“Estou cozinhando o jantar, venha.”

Ela morava em um apartamento modesto, mas cheio de coisas. De um forninho de ferro, saía uma fumaça acre de carne queimada. A mulher a virou duas vezes sobre a grelha, polvilhou um pouco de sal e, em seguida, me entregou um prato e mandou que eu me sentasse à mesa.

“Faz muito tempo que não como com um homem.”

Ela podia ter uma idade infinita, a idade de todas as pessoas que vieram para o Novo Mundo. Pensei que devia ter sido bonita.

“Disseram-me que você poderia me ajudar.”

“Faz muito tempo que não ajudo ninguém.”

“Estou procurando uma mulher”, eu disse, começando a comer.

“Este não é um lugar fácil para encontrar pessoas.”

“Do pouco que vi…”

“Os chefes desta cidade estão se reorganizando. À noite, reúnem-se perto do rio e queimam cruzes de madeira. Adotam um nome ridículo que parece o som de uma lata rolando pelo chão, Ku Klux Klan. Com as suas túnicas brancas, brincam de linchar os negros, enforcando-os na árvore mais próxima. Mas também têm raiva daqueles como eu, dos judeus, de quem não é protestante. Se posso lhe dar um conselho, volte para o lugar de onde veio, o quanto antes.”

Um arrepio percorreu minha espinha de refugiado e imigrante.

“Vão nos expulsar em poucos anos. Incendiarão as casas; esta cidade não será mais a mesma.”

Temi ter me deparado mais uma vez com os delírios de outra louca. Eu não sabia o que dizer.

“Que tipo de desarraigado você é? Espanhol ou turco? Libanês? Egípcio? Ou mestiço? Seja qual for a sua nacionalidade, você só se salvará se ganhar muito

dinheiro. Com o dinheiro, mudamos. Só com dinheiro nos tornamos americanos.”

As palavras alteravam o seu rosto, mas eu não tinha ido até ali para falar de raças e nações.

“A mulher que procuro é húngara. Muitos anos atrás, não sei exatamente quantos, ela abriu em Yo-Town uma loja de flores.”

Mastiguei com raiva outro bocado. Aquela carne era dura. E tudo o que eu dizia me causava vergonha, como se eu estivesse tentando enganar aquela velha. Mas eu nada podia fazer além de fingir que acreditava que tudo era verdade.

Makrouhie se levantou da mesa. Tinha as pernas pálidas, mas o passo ainda enérgico. Foi até o fogão, tirou a grelha e começou a limpá-la com um trapo. Eu a vi enxugar a boca. Talvez eu a tivesse ofendido, sem me dar conta.

“Tudo bem, Makrouhie”, eu disse, “tudo bem. Pelo que sei, essa mulher, a esta altura, pode estar morta ou ter se mudado para outra cidade, ou fugido com o primeiro circo que passou por estas bandas.”

Uma luz melancólica atravessou o seu olhar. Virou-se para o outro lado.

“Amanhã, levo você até lá”, disse baixinho.

Nada mais, naquela noite. Só aquelas cinco palavras.

Amanhã, levo você até lá.

Deitado em um colchão de lã, uma hora mais tarde, repeti-as sem emitir som. Demorei um pouco a adormecer.

* * *

Na manhã seguinte, Makrouhie me acordou cedo. Perguntou se eu tomava leite. Eu disse que sim. À mesa, encontrei biscoitos de gengibre. Eram bastante secos, mas os molhei e os comi de qualquer maneira. Makrouhie sentou-se ao meu lado.

“Temos de sair da cidade, mas não ando mais tão depressa quanto antigamente.”

“Não temos pressa”, falei.

Eu tinha muitas outras coisas a perguntar, mas ficamos em silêncio. A mulher enrolou-se em um xale, depois pegou de um canto da parede uma bengala de

madeira.

Na rua, estava ventando. Seguimos rumo à periferia de Yo-Town, do lado oposto ao que eu havia percorrido ao chegar. Logo as casas foram ficando mais esparsas e, depois de pouco mais de um quilômetro, estávamos em pleno campo. Makrouhie me indicou uma placa com a bengala. OAK HILL. Fomos naquela direção e seguimos ao lado de uma cerca na grama. Atrás, no campo, a nova estação inflamara todas as folhas dos bordos. Antes que chegássemos ao portão, surgiram as primeiras lápides. Eram brancas e arredondadas em cima. Emergiam da terra, desordenadamente. As mais antigas estavam meio caídas como pedras esquecidas por alguém. Duas pequenas colunas de mármore tocavam os galhos das árvores, ao fundo.

Makrouhie empurrou o portão e entrou. Todas as perguntas que eu queria fazer sumiram na minha garganta. Prosseguimos até a sombra de um carvalho. Diante de uma lápide menor do que as outras, Makrouhie parou. Fiquei alguns passos atrás. Aproximei-me. Li a inscrição na pedra.

ESZTER NEUMANN
(Budapeste — Youngstown)

acrobata

“É ela que você está procurando?”, perguntou Makrouhie.

Eu não conseguia tirar os olhos da pedra. Apenas aquele nome. Nem data de nascimento nem de morte.

“É”, respondi, “acho que sim.”

“Ontem, quando você falou de uma húngara e de uma loja de flores, logo pensei nela. Mas eu achava que era impossível. Depois, você mencionou o circo e entendi que não havia me enganado. Fazia muito tempo que eu não vinha visitá-la.”

Alguns insetos pousaram nas raízes do carvalho. Aquele dia estava se tornando uma música triste, que não me agradava. Depois, Makrouhie fez uma coisa estranha. Curvou lentamente as costas, tanto quanto a idade lhe permitia, e deixou a bengala cair no chão.

“No início, eu a visitava sempre”, disse, voltando a ficar ereta com dificuldade. “Vinha toda semana e trazia uma bengala. Se, na semana seguinte, não a encontrava, trazia outra, e mais outra. Durante um ano, nunca deixei que lhe faltasse uma. Achava que serviria porque ninguém sabe quanto devemos caminhar na morte. E ela tinha uma perna inútil.”

A nostalgia manchava a voz de Makrouhie da mesma maneira que a velhice havia estragado o seu rosto. Subitamente, senti-me exausto. A minha viagem terminava ali, naquele campo, em volta daquela pedra coberta de grama.

Makrouhie continuou a falar, mas eu não a escutava mais.

“No início, ninguém em Yo-Town acreditou na sua história. Achávamos que ela era louca. Como é possível acreditar em uma aleijada que chega em uma cidadezinha e, com poucas palavras erradas, diz que é acrobata? Todos começaram a rir.”

Eu não a escutava mais, não tinha vontade. Sentia apenas um grande vazio no estômago, maior do que no balão no dia anterior.

“Mas ela levava jeito com as flores. Para aquilo, tinha talento. Amarrava-as com movimentos rápidos e seguros; havia aprendido com a avó. Ninguém em Yo-Town jamais embalou um buquê de rosas ou uma orquídea melhor do que ela. Percebi seu talento e sugeri que ela abrisse uma lojinha de flores em South Avenue junto com a sua amiga Viola, que era cega e não sabia como se manter. Eszter disse: ‘Uma manca e uma cega, claro.’ Ninguém teria apostado naquilo, mas a ideia funcionou.”

Àquela altura, eu quase não prestava atenção à voz de Makrouhie.

“Certa noite, Makrouhie me pediu para acompanhá-la. Fomos até a beira do rio, ela sempre com o seu passo difícil, incerto. Uma bela lua iluminava o campo. Na margem, ela soltou os cabelos. Eram ruivos como as folhas destas árvores. Compridos. Atirou para mim a sua bengala. Nunca havia se separado dela até aquele momento, pelo menos não na minha frente. Ficou em pé com uma perna só, como uma cegonha. ‘E, agora, veja’, disse. Primeiro, começou a dar piruetas, dando impulso apenas com os braços e a única perna, estrelas, saltos, cambalhotas, depois mergulhou no ar e, por poucos minutos, se transformou em um peixe que deslizava pela superfície das coisas, um ser sem peso que dançava na luz e atravessava as sombras; era tudo o que você não

esperava ver, uma anomalia, uma desobediência, a nota mais alta de um violino, o orgulho de quem volta a ser si mesmo do outro lado do mundo, em um outro rio, a milhares de quilômetros do local de nascimento, e isso eu entendia, sentia na pele, e gostaria de ter descido até aquela margem e também ter começado a saltar, com a mesma repentina e bendita leveza, mas os meus pés sempre foram pesados e as minhas pernas não valiam nem metade das dela. Nunca aprendi a adestrar os desacertos, os danos, o arrependimento, o fôlego me prendia ao lugar de onde eu observava aquela cena, mas a sua rebelião me fazia bem, um pouco daquela alegria respingava em mim como um remédio, arrebentava as cordas que nos prendem à terra. Depois, Eszter prendeu novamente os cabelos com uma fita, retomou o passo intermitente e reassumiu as feições de sempre. Daquela noite em diante, não duvidei mais dela, das suas histórias, e, no final, fui eu que fiz com que ela gravasse essa palavra nessa pedra, porque ela era nada mais do que isso, uma acrobata, e eu queria que também o sapateiro e o advogado enterrados ao seu lado soubessem disso."

Olhei sem querer as duas outras lápides ao lado, mais retas do que a sua: Andy Vargas, *sapateiro*, estava escrito em uma. Na outra: Hubert Moore, *procurador*. Na última, espalhado pelo chão, um buquê de flores amarradas.

"A nossa amiga Viola acreditou nela desde o início, porém, sem garantias. 'As vozes nunca mentem', ela me dizia. Mas isso ela vai contar pessoalmente, estou cansada de falar. Ela não mora muito longe daqui. Vamos."

Era uma ordem, ditada com a segurança de quem sempre tomou decisões para si e para os outros. Mas, agora, era a minha vez de desobedecer.

"Sinto muito, não vou."

Makrouhie tentou me interrogar em silêncio.

"Viola está esperando você", disse.

"Lamento, não adianta."

"Ela está esperando há muitos anos."

"Como assim?"

"Eszter disse que, mais cedo ou mais tarde, um homem viria procurá-la. Esperava que você um dia a encontrasse; eu e Viola também esperávamos. Antigamente, eu era romântica, agora, sou apenas velha e tenho os pés tortos."

O coração voltou a pulsar no meu peito.

“Vamos, Viola nos contará tudo.”

Eu a segui sem mais resistir. Saímos do cemitério caminhando devagar, de acordo com as forças de Makrouhie. Não havia ninguém por perto, apenas vento entre as árvores, o barulho dos nossos sapatos. Makrouhie se apoiou no meu braço, agora que não tinha mais a bengala. Eu sentia seus ossos. A vida havia consumido todo o seu corpo, grama após grama, deixando apenas poucos galhos ressecados, um limão espremido. Descemos a mesma estrada que havíamos percorrido, deixando a colina para trás. Mais abaixo, recomeçava o movimento da cidade.

Um grupo de rapazes estava parado perto de um armazém. Haviam apoiado as bicicletas na parede e fumavam na calçada. Olharam-nos com insistência, chutando, vez por outra, pedrinhas.

Makrouhie apertou meu braço.

Eu sentia todos aqueles olhares em cima de mim e ouvia o barulho dos nossos sapatos.

Um rapaz se afastou do grupo e postou-se à nossa frente. Um tipo alto, com uma camisa listrada e um chapéu redondo. Tinha dentes grandes, um pouco irregulares e manchados de nicotina. Cuspiu na calçada, depois tocou no chapéu.

“Nunca vi você por estas paragens”, me disse.

Encarei-o sem medo.

“Se você veio aqui para procurar trabalho na fornalha, lembre-se de que não precisamos de outro operário maltrapilho e estrangeiro. A nossa cadeia está cheia de gente que queria criar um sindicato.”

Makrouhie afundou novamente os dedos nodosos no meu braço e tentou me arrastar para a frente. O rapaz se deslocou para o lado, com os olhos acesos.

Eu não queria envolver a velha; fiz apenas uma pergunta.

“Como se chama este bairro?”, perguntei a Makrouhie em voz alta.

Quem respondeu foi o rapaz.

“Por que você quer saber, turco?”

“Porque não quero errar o caminho, quando voltar.”

“Este é o bairro de Dan. Venha quando quiser: estou à sua espera.”

“Até mais, Dan”, eu disse.

“Não vejo a hora, turco.”

Era um encontro marcado. Eu voltaria, claro que voltaria, assim que tivesse tempo. Apertei o passo. Eu respirava sem respirar, como se estivesse debaixo d'água e precisasse voltar à superfície, mas não seria capaz de concluir nem sequer uma frase. Estava morrendo de vontade de dar meia-volta, mas continuava a andar, quase que por inércia. Queria deixar a salvo aquela estranha mulher que eu havia conhecido na noite anterior. Ou pelo menos o pouco daquela mulher que a vida ainda não consumira e a morte ainda não levara.

"Estão nos perseguindo", disse Makrouhie após um longo silêncio. Já estávamos fora do perímetro deles e costeávamos uma fileira de casas populares. "Faz um tempo que as coisas estão desse jeito. Os avós deles eram escravistas. E os pais deles também perseguiram Eszter porque ela era estrangeira e manca. E tinha muitos amigos negros, como Viola. Agora, Dan e os seus amigos herdaram as tradições de família."

Enquanto Makrouhie falava, eu via outras mulheres saindo pelos portões. Duas meninas atravessaram a rua.

"Incendiaram a loja dela uma vez. Só um vaso com sete girassóis se salvou. Foi a única coisa que ficou intacta em meio a toda aquela cinza. Causava um efeito estranho: sete girassóis na fumaça, com o caule um pouco torto, mas a flor ainda aberta, de maneira irreverente. Quando tudo acabou, Eszter os pegou e foi para o centro de Yo-Town com aquele vaso nas mãos. Parecia uma Nossa Senhora aleijada em procissão."

Pensei que, naquele momento, também ela, que avançava capenga, apoiando-se em mim, parecia uma Nossa Senhora coxa.

"Foi culpa minha. Errei ao passar por lá, mas eu não queria dar toda a volta na colina."

Eu gostaria de ter dito a Makrouhie que não havia nada de errado, mas a minha voz ainda tremia.

"Eu devia ter imaginado que, ao meu lado, eles o tomariam por armênio, turco ou libanês. Para eles, não faz diferença. Sírio, judeu, italiano, africano, cigano… Os coitados como nós andam de um lado da calçada e eles, do outro. Voltaram a se organizar, como eu disse ontem. À noite, se encontram nos campos e realizam cerimônias estranhas, vestem longas túnicas brancas para nos amedrontar e queimam cruzes de madeira, iluminando toda a planície. Querem

purificar os Estados Unidos, que coisa ridícula, expulsar os estrangeiros, fechar-nos todos em um gueto.”

O desejo de voltar até Dan era cada vez maior.

“Vivi mais de cinquenta anos nesta cidade, vi a chegada do trem e o surgimento das fábricas, lavrei a terra e amassei pão com a farinha destes campos, mas de nada serviu, é como se eu nunca tivesse chegado aqui.”

Eu não tinha coragem de encará-la.

“A verdade é que todos nós viemos de terras desgraçadas. A sua qual é?”

“A minha é uma ilha”, respondi.

* * *

Viola não morava no bairro de Dan, Christopher, mas no bairro do carvão. Dali, toda manhã e toda noite, dependendo dos turnos, dezenas de operários se encaminhavam para o vale das fábricas, como eles o chamavam, não muito distante do rio.

A casa de Viola ficava no térreo de um edifício de pedra e tijolos. Fora, havia um pequeno sino. Makrouhie pediu que eu puxasse a cordinha e o tocasse. Pouco depois, nós ouvimos passos confusos e uma voz perguntou quem era.

“Sou eu, Viola. Tenho uma surpresa.”

A porta se abriu, lentamente. Atrás dela, apareceu o sorriso de uma moça mulata e de uma mulher mais negra do que as teclas negras de um piano, com uma bengala.

A moça me observou como se observa um fantasma e me disse para entrar. Uma salinha modesta: insistiram para que eu me sentasse na única poltrona. Elas se acomodaram nas cadeiras em torno. Em uma prateleira, notei um *Flora of the Northern United States,* de John Torrey, um *Philosophia botanica*, de Carl von Linné, e um *De florum coltura*, de um padre jesuíta.

Eu estava me sentindo constrangido porque elas continuavam a me olhar sem nada dizer; depois, finalmente, Makrouhie, assim que descansou e retomou o fôlego, nos apresentou.

“Ela é Naima, a filha de Viola.”

A moça mulata sorriu para mim. Tinha cabelos compridos, seios grandes e usava uma roupa leve.

“Ela, por sua vez, é Viola, de quem falei.”

A mulher inclinou a cabeça. Era corpulenta, uma saia a envolvia completamente. Sem querer, fixei suas pálpebras semicerradas e a concavidade dos olhos, e me senti envergonhado.

“E você”, disse Viola, “qual é o seu nome?”

“Eu me chamo Charlie Chaplin”, disse, “mas estou aqui por causa de Arléquin.”

Eu poderia ter mencionado o nome do senhor Gabor, mas a relação dele com Eszter não me era totalmente clara; eu suspeitava de outro amor desafortunado e concluí que era melhor confiar na pista original.

Acomodei-me e esperei a reação delas.

As três mulheres ficaram novamente em silêncio. Depois, Viola ergueu a mão e a filha se levantou com uma elegância luminosa e tranquila, foi para outro cômodo, ouviram-se ruídos de gavetas que se abriam e se fechavam, e ela finalmente voltou com um envelope de papel. Naima o entregou para mim com certa deferência. Tinha mãos gentis e a pele lisa. Peguei o envelope e o apoiei nas pernas, girando-o.

De um lado do envelope, estava escrito *Para Arléquin*.

A primeira a falar foi Viola:

“Há mais de vinte anos nos perguntamos se alguém viria retirar esse envelope. Eszter havia me avisado: ‘Será um homem mais negro do que a noite, como você.’ Eu disse: ‘Você está brincado.’ Ela começou a rir.”

A emoção alterava um pouco a sua voz. Enquanto falava, passava lentamente as mãos sobre a saia.

“Com Eszter, nunca sabíamos se a conversa era séria ou não. As suas histórias eram muito inverossímeis e absurdas: imperadores e czares que assistiam ao seu espetáculo, buquês de flores todas as noites, saltimbancos que brigavam por causa dela… Eu sabia que a sua voz era sincera, mas, mesmo que não fosse, o que teria mudado? Transformar a própria juventude em uma fantasia não é uma bela maneira de relembrá-la? A quem ela estava fazendo mal? Porém, desde o primeiro dia em que chegou a Yo-Town, sempre correram boatos a seu

respeito: sobre o seu acidente, a sua solidão, o seu passado. A verdade não me interessa, senhor Chaplin, não a julgo mais tão necessária, as pessoas como nós sempre viveram sem ela, por isso, não vou perguntar nada, mas eu e Makrouhie logo nos solidarizamos em relação a Eszter e ao modo tão extravagante e zombeteiro que ela escolheu para se defender. Imagine a reação de todos os senhores de Yo-Town quando ela declarou que era filha de um célebre trapezista húngaro chamado Sandor Neumann, que passara a vida nos circos de meia Europa, que fizera durante anos a fio um dos números de funambulismo mais apreciados do Império Austro-Húngaro e do reino da Inglaterra e, por fim, que havia desastrosamente caído de um cavalo durante a primeira turnê nos Estados Unidos. Adoramos a sua coragem. Não sei explicar, mas foi como se as suas tiradas nos redimissem de muitas humilhações. Entretanto, parecia que Eszter podia desmoronar de um momento a outro. Os corretos maridos de Yo-Town e as suas devotíssimas esposas não entenderam nada. No início, riram, depois começaram a cuspir veneno e a tratá-la como uma desequilibrada. Eles a atormentaram com a vulgaridade de suas alusões, tornaram-lhe difícil encontrar qualquer trabalho. Makrouhie teve a ideia da loja. ‘O que vocês têm a perder?’, nos disse. ‘Você teve essa filha, foi abandonada por um homem e não enxerga; já você’, disse para Eszter, ‘acabou de abandonar o seu mundo, seja lá qual tenha sido ele. Sempre tem algum infeliz que compra flores.’ Pareceu-nos um bom conselho, apesar das dificuldades. De resto, não tínhamos muita escolha. Foram muitas vezes, à noite, destruir as plantas e quebrar os vasos; nos ameaçaram com cartas anônimas. FORA DE YO-TOWN, PUTAS MANCAS E NEGRAS. Mas Eszter não retirou uma palavra daquela que chamava de a sua versão dos fatos, acrescentando, aliás, sempre detalhes novos e mais surpreendentes ao próprio passado. Até que a loja pegou fogo.”

Eu estava escutando Viola com atenção.

“Eszter jurou a si mesma que devia reabri-la a todo custo e devolver à minha filha o que o incêndio havia lhe tirado. Trabalhou com afinco, mas conseguiu. Os outros imigrantes começaram a entrar, a ter confiança. Quando fiquei em condições de retomar o meu lugar e oferecer a minha pequena ajuda, por menos importante que fosse, a loja já havia voltado a ser como antes. Com a sua vitrine adornada por flores e vasos. Toquei em todas as coisas e comecei a chorar.

Durante um certo tempo, nos esqueceram, nos ignoraram. Ela se tornou mais prudente. Começou a envelhecer. Mas, determinada manhã, eu a ouvi se trocar na estufa dos fundos e juro que senti inveja: apesar da sua perna defeituosa e da idade, adivinhei a clareza da sua pele intacta e brilhante. O seu corpo cortava o ar, entre as rosas, e tinha algo de doloroso e intolerável que a tornava presente mesmo que eu não pudesse vê-la. Imagine como era com trajes de palco. Um vestido cintilante no meio de um circo. Os meus olhos cegos, senhor Chaplin, imaginaram os olhos dos homens que assistiam ao seu número. Olhos de reis e de acendedores de lampiões, olhos de marinheiros, ladrões, usurários, olhos de merceeiros, bêbados, atores, músicos, militares, olhos de advogados, médicos, camponeses, aventureiros, ferreiros, carpinteiros, olhos de doentes do coração, olhos de padres… Antes do incêndio, Eszter nos disse que, por ela, enlouqueciam também os palhaços e os empresários com os quais trabalhava e que dois irmãos de sangue chamados Bastiani brigaram de maneira tão irreparável a ponto de desfazer uma sociedade, se ela não escolhesse um deles. Sob a tenda daquele circo, constelada de estrelas fosforescentes, Eszter recusou ambos, e o primeiro engoliu uma espada, rasgando a garganta, enquanto o outro vendeu tudo e sumiu.”

Nesse ponto, Viola se interrompeu e me perguntou se eu precisava de algo. Eu estava com a garganta seca, disse que aceitaria um copo d’água. Sua filha foi pegá-lo e pude admirar outra vez os seus movimentos cheios de harmonia.

“Depois, certa manhã, na porta da nossa loja, chegou Hans”, continuou Viola. “Ele parecia esperto, deixou que eu tocasse sua cabeça e seu rosto. Os olhos ocupavam grande parte da face e ele era mais baixo do que um caule de ranúnculo. Ninguém em Yo-town jamais vira um anão. Houvera Amos, que tinha o corpo todo torto e movia-se apoiando-se nos braços, e Homer, que era doente mental e possuía um dedo a mais em cada pé. Mas nenhum anão, nunca. Abri a porta para ele e tenho certeza de que alguém, na rua, parou para olhar. Devia ser uma cena bastante esquisita para os habitantes da nossa cidadezinha: uma cega e um anão parados diante de uma porta. ‘Eszter Neumann trabalha aqui?’, perguntou Hans com uma voz aguda. Deixei-o entrar, abobalhada. Depois, voltei a fechar a porta rapidamente. Eu tinha medo de que mais alguém pudesse chegar: um homem de cartola, um encantador de serpentes, uma confraria de

macacos, todos os habitantes daquelas histórias delirantes. Eszter começou a chorar assim que o ouviu falar.”

“Mas nós o estamos aborrecendo”, interveio Makrouhie, “e não é necessário contar uma história que você já conhece.”

“Conheço apenas parte, Makrouhie, é indispensável para mim saber o resto.”

Viola me olhou com gratidão, como se precisasse levar a cabo a sua narrativa, em voz alta.

“Por favor, continue”, eu disse enquanto sua filha Naima servia mais água.

Viola alisou a saia e esperou que eu acabasse de beber antes de recomeçar a falar.

“Hans ficou alguns dias conosco. Com Eszter, falava um idioma que podia ser húngaro, russo ou alemão, pelo que sei. Acredito que ele também estivesse apaixonado, mas Eszter começava a rir quando eu falava isso para ela. Certa noite, ao final do jantar, Hans pigarreou e anunciou que iria embora na manhã seguinte. Ouvi-o tirar algo da sua saca. ‘Quem mandou isto foi Arléquin’, disse. ‘Arléquin?’, perguntou Eszter.”

Viola passou pela última vez as mãos sobre a saia.

“Senhor Chaplin, não sei quem é Arléquin, nunca o conheci. Eszter nos contou que era um gigante com ombros enormes e mãos pequenas e que ninguém fazia ideia do lugar de onde ele vinha, mas era claro que devia ser um pouco fraco de cabeça. Ela nos disse que o mantinham no circo porque, na Europa, não era fácil encontrar homens com pele tão negra. Os empresários perceberam que ele estarrecia o público como um animal exótico, como uma girafa, um elefante, portanto, usavam-no como assistente em vários números, mas ele não tinha uma habilidade especial. É isso mesmo, senhor Chaplin? Ele simplesmente levava as facas para os atiradores, os instrumentos para os funâmbulos, as cadeiras para os palhaços, alimentava os animais, limpava a tenda após a saída do público… Quando Eszter perguntou a Hans o que era aquela caixa à manivela que estava na sua mão, Hans respondeu que era um presente que chegara atrasado. No dia em que ela partira para os Estados Unidos, cada empregado do seu velho circo lhe deu alguma coisa. Até a mulher barbada lhe deu um par de brincos, e todos achavam que ela a odiava. Arléquin não tinha nada para dar…”

Viola parou.

“Esperamos Arléquin anos a fio, senhor Chaplin. Até mesmo após a morte de Eszter.”

“E, agora, estamos felizes que o senhor esteja aqui”, concluiu Makrouhie.

“Obrigado”, mal consegui dizer.

Naima, a filha de Viola, sorriu para mim, e eu me levantei. Não havia mais nada a ser acrescentado.

Viola estendeu a mão na minha direção.

“De vez em quando, eu e Makrouhie repetimos essa história para preencher a nossa velhice. Perdoe-nos. O senhor foi muito paciente conosco.”

Olhei para ela uma última vez.

“Só falta uma coisa”, disse Viola.

Sua filha foi para o outro cômodo, revistou o ventre amarelo de alguns móveis e reapareceu com aquela caixa de madeira.

“Leve-a. Para mim, não serve. Naima e Makrouhie sabem o que tem dentro. Entregue-a a Arléquin junto ao envelope.”

Eu não disse nada. Peguei a minha bolsa e toquei no braço de Viola.

* * *

Naquela noite, voltei tarde ao apartamento de Makrouhie. Eu precisava caminhar para dissipar toda a tensão acumulada. Do bairro do carvão, desci até o vale das fábricas e, depois, até a praia do rio. O Mahoning escavara a terra como um animal em fuga, desenhando continuamente curvas fechadas por toda a planície. Por um longo trecho, segui seu andamento tortuoso até ficar com as pernas cansadas e a cabeça vazia. Quando voltei a Yo-Town, a luz do dia estava se extinguindo.

Makrouhie estava me esperando, sentada na entrada de casa. Balançava-se lentamente, apoiando-se nos ombros.

“Tem comida na mesa, se estiver com fome”, disse.

“Amanhã vou embora, Makrouhie.”

“De qualquer maneira, coma, você vai precisar.”

“Está bem. Obrigado.”

Na mesa, encontrei queijo e um tomate. O pão estava em uma cesta. Peguei uma fatia e servi-me de um copo d'água. Quando terminei, lavei o que havia a ser lavado e arrumei a mesa. Em cima da pia, na parede, Makrouhie havia fixado uma prateleira com uma velha balança, flores secas dentro de um copo, um vaso quebrado e uma grande quantidade de velas. Enxuguei as mãos e voltei para fora.

Makrouhie continuava a se balançar na cadeira, observando a praça deserta de crianças, àquela hora.

"Vou dormir", eu disse.

Fiquei um pouco na entrada, sem saber se devia acrescentar outras palavras. Eu sabia que, na manhã seguinte, ela ficaria trancada em seu quarto até que eu tivesse ido embora. Queria tocar seu ombro e interromper aquele movimento incessante: seria como fazer o tempo recuar e capturar todas as coisas que oscilam, impedir que vacilassem novamente. Ou como roçar o cardigã de pontos largos de uma mãe sentada atrás de uma janela, do outro lado de um oceano, e levá-la de volta.

"Foi um belo dia", eu disse finalmente, após um longo silêncio.

Só peguei o envelope de Eszter para Arléquin quando já estava na cama. Verifiquei seu peso. Em seguida, peguei a caixa de madeira que aquelas mulheres me deram e a posicionei à minha frente. Farejei-a. Cheirava a cerejeira. Tinha dois furos na parte de cima, com duas lentes de vidro, e uma manivela na lateral. Eu havia atravessado os Estados Unidos e ainda não sabia para quê.

Mas não tive coragem de aproximar os olhos. Eu temia que a magia que havia ali dentro pudesse desaparecer ao primeiro olhar. Eu a mostraria a Henry e Ricardo quando voltasse. De acordo com os meus cálculos, devia preceder de alguns anos tanto a invenção das câmeras patenteadas pela Motion Picture Patents Company quanto do rolo de filme ou das películas da Eastman Kodak. Seja lá qual diabrura fosse, uma lanterna mágica ou um dispositivo cronofotográfico qualquer, o homem que a fabricara era um estrondoso pioneiro. Sem querer ofender o Latham *loop*.

Rearrumei tudo e preparei rapidamente a minha bagagem. Aquele louco do Mister Fritz podia se orgulhar do meu trabalho. Tudo se desenrolara bem mais rápido do que o previsto. Em Los Angeles, eu pediria os meus salários atrasados,

a imediata restituição do meu cargo de diretor e a cabeça de Brandon. Aquele almofadinha que só sabia fazer piadas sobre mim não teria mais muito motivo para rir. Eu só precisava voltar a tempo para preparar a audiência contra a Motion Picture da melhor maneira, junto aos advogados de Mister Fritz. Desde que tivesse sobrado dinheiro suficiente para pagá-los e que sua mãe não o tivesse deserdado. Falariam daquele processo desde a Califórnia até o estado de Nova York como a maior contraofensiva da história americana ao monopólio de uma indústria nascente. Adormeci imaginando as manchetes dos jornais:

UM PEQUENO INGLÊS DESAFIA THOMAS ALVA EDISON

EPITÁFIO PARA OS IRMÃOS LUMIÈRE

A COMOVENTE HISTÓRIA DO SALTIMBANCO QUE INVENTOU O CINEMATÓGRAFO POR AMOR

UMA PEQUENA PRODUTORA CINEMATOGRÁFICA DESMANTELA A EXCLUSIVIDADE COMERCIAL DE UM COLOSSO DO MERCADO

A SURPRESA EM *OFF* DE CHARLES CHAPLIN

MOTION PICTURE: TIRE AS MÃOS DO CINEMA…

Um eco de toda aquela campanha jornalística chegaria até a Europa e talvez o próprio Arléquin, se ainda estivesse vivo, lesse, mais cedo ou mais tarde, um artigo a seu respeito. Se é que ele sabia ler.

O sono chegou leve e repleto de sonhos.

Na manhã seguinte, levantei-me cheio de energia. Como previsto, o quarto de Makrouhie estava fechado. Ela não queria me ver partir. Fiquei-lhe grato também por isso. Bastou-nos um dia para que nos afeiçoássemos e nos perdêssemos. Fechei a porta e atravessei a rua.

Daquela vez, eu faria as coisas sem imprevistos. Nenhuma aeronave. Nenhuma discussão com os funcionários da North Western Railway. Apenas um trem a pegar, aquele certo. Para Omaha e, dali, no caminho de volta até Ogden, Las Vegas, Salt Lake City…

A estação de Yo-Town ficava fora da cidade. Eu vira os trilhos da ferrovia no dia anterior, perto do rio. Aquela cidade havia me dado sorte. Restituiu-me algo parecido com a infância. Quando os amigos de Dan surgiram atrás de uma colina de areia, eu estava assobiando uma canção popular que meu pai costumava cantar.

Dan apareceu por último, eu continuei a assobiar.

“Ei, turco, nós dois tínhamos um encontro marcado no meu bairro.”

Segui em frente.

“Não gosto de quem tem memória curta”, disse Dan.

Usava a mesma camisa listrada do dia anterior e sorria mostrando os grandes dentes irregulares e sujos.

Fiz de conta que não tinha ouvido. Dan se aproximou e pôs a mão no meu peito.

“Também não gosto de quem assobia, turco.”

“Estou seguindo os seus conselhos”, eu disse com muito esforço, afastando a sua mão. “Vou embora da sua cidade, pode ficar tranquilo. E não sou turco.”

“Tarde demais, tampinha. Se entendi direito, ontem você me desafiou publicamente, e ninguém desafia publicamente Dan McRoy e depois rói a corda. Nestas bandas, isso se chama covardia. É isso mesmo, turco que diz não ser turco?”

Não respondi.

“É só você admitir na frente dos meus amigos. Depois, por mim, pode ir embora.”

“É uma proposta generosa, Dan”, disse um dos seus amigos.

“Vamos, repita conosco: sou um me-dro-so, sou um me-dro-so”, ironizou outro.

Apoiei a minha saca e pus a jaqueta em cima, depois, arregacei as mangas da camisa.

Dan sorriu.

“Em guarda”, eu disse, avançando para ele.

“Ei, rapazes”, disse Dan, “o ratinho se transformou em leão. Acho que vou dar no pé.”

Os amigos riram desafinadamente.

Dan esquivou-se de um direto, demonstrando que tinha bons reflexos, mas nem viu o segundo golpe que o atingiu. Era uma combinação que eu reservava para as melhores ocasiões. Ele caiu como uma marionete mole na areia. Fiquei quase decepcionado. Peguei no chão o seu chapéu e joguei-o em cima dele.

Eu acabara de pegar as minhas coisas quando uma paulada explodiu nas minhas costas. Não sei o que me atingiu, mas, a despeito do que fosse, devia ser muito duro. Caí de joelhos. Um segundo depois, levei uma saraivada de chutes e cacetadas. Àquela altura, eu também estava rolando na poeira e nada podia fazer senão aguentar. Eles deviam ser pelo menos três. Tentei proteger a bolsa. Curvei-me sobre ela e envolvi-a com os braços. Eu só pensava na caixa, tinha medo que a danificassem, e esse pensamento me deixava louco.

Fui encontrado duas horas mais tarde por um grupo de operários que haviam terminado o turno na fornalha. Alguém achou melhor eles não se meterem e avisarem às autoridades, mas aquele que devia ser o capataz disse que chamar as autoridades já seria um risco. As opções eram me deixar ali ou me socorrer. Quando ele começou a tirar o macacão, ninguém se rebelou. Amarrou-o ao de um outro operário que havia feito o mesmo, depois, colocou-me ali como em uma rede e mandou que os outros me levassem para a cidade, até as suas mulheres. À noite, administraram as primeiras medicações, mas muitos apostaram que eu não passaria da alvorada. Na fábrica, ninguém me conhecia. Não tinha importância. Quem me deixou naquele estado nunca errava o alvo. Um ou outro grupo de valentões, não fazia diferença. Visavam sempre os mesmos infelizes e atacavam em bando.

Um menino disse que, no dia anterior, me vira sair do cemitério de Oak Hill junto com aquela velha que morava em Yo-Town havia cinquenta anos. Mandaram chamá-la imediatamente porque eu estava delirando. No meio da noite, Makrouhie fez com que me levassem para a casa de Viola e me confiou à sua filha, que logo começou a cuidar de mim. Ao raiar do dia, eu estava ardendo em febre e com o corpo escoriado e inchado, mas ainda estava vivo.

Demorei dias para sarar. Dias de emplastros, unguentos oleosos, infusões de raízes de salsaparrilha e bagas secas de sabugueiro. Dias de dor nos ossos, de náusea, de hematomas e olhos inchados, Christopher. Canudinhos para beber. Ataduras. Sangue pisado entre os cabelos, barba por fazer e agitações noturnas.

Naima medicou os meus silêncios e as minhas cóleras, a minha impaciência e os meus incômodos como fizera a vida inteira com a mãe. Mostrou-me que a bolsa e o seu conteúdo estavam a salvo, aos pés da cama. “Fique tranquilo”, me dizia, “assim que você for capaz de ficar em pé e de lavar o rosto sozinho, poderá ir embora.” Toda noite, eu a sentia velando-me em silêncio.

Conformei-me. Aquela interrupção adiava tudo. Mas era como uma trégua. Percebi que não passava tanto tempo em uma cama desde a época em que tivera varíola, quando criança. Desde então, ninguém mais cuidara de mim com tanto desvelo. Apesar das feridas, aquele mês eram as primeiras férias que a vida me impunha.

Acomodaram-me em um quartinho na entrada, mas não me faltava nada. De vez em quando, Viola também ia me ver. Eu ouvia a sua bengala encostar na parede. Entretinha-me falando das propriedades medicinais da *Nelumbo nucifera*, comumente conhecida como flor de lótus. Mais raramente, Makrouhie ia me visitar. Apoiava-se na cadeira. Observava-me dormir.

Quando consegui me suspender um pouco sobre os travesseiros, pedi a Naima uma caneta, um tinteiro e o caderno que eu guardava na bolsa. Ela não teve dificuldade em encontrá-lo. Levou também um leitoril de madeira para que eu pudesse escrever, depois me deixou só. Segurar a caneta entre os dedos doía, mas me esforcei. Abri o caderno e redigi uma lista de coisas, pois tinha medo de esquecê-las.

Um empregado negro: Arléquin
Eszter: uma bailarina a cavalo
Eszter tem ossos de vidro
Eszter cai e quebra uma perna
Eszter vende flores em Youngstown
O pai de Eszter era um trapezista
Por amor a Eszter, um dos irmãos Bastiani engole uma espada; o outro some
Arléquin constrói uma caixa mágica para capturar o tempo
Alguns anos mais tarde, um anão vai visitar Eszter

Primeira conclusão: o cinematógrafo foi inventado em uma jaula de tigres.

É a lista de um louco, pensei. Se aquela folha caísse nas mãos de um médico, o seu diagnóstico teria sido certeiro. Mas ver minhas reflexões no papel me tranquilizou. Como se cada uma daquelas palavras fosse mais leve do que um balão aerostático e agora eu as tivesse atado a um poste. No entanto, o tempo passava. Eu tinha mais ou menos os dias contados, em todos os sentidos.

Como prometido, quarenta e oito horas depois de me levantar da cama, Naima me acompanhou até a estação com um grupo de operários. Por via das dúvidas. Colocaram-me no primeiro trem para Omaha. Vi-os desaparecer na plataforma assim como um bando de figurantes some de um último fotograma, a silhueta esbelta de Naima ao fundo. No vidro da janela, ficou impresso o reflexo do meu desajeitado e esforçado sorriso.

* * *

Passei a última semana de convalescência no trem, dormindo e esperando que as forças voltassem a cada parte do meu corpo. Meus músculos ainda estavam doloridos e esponjosos e eu tinha dificuldade para simplesmente abrir ou fechar a mão. Cheguei a Los Angeles poucos dias antes do processo com a Motion Picture. Dei os últimos trocados que tinha no bolso a um sujeito com um chapeuzinho de couro abaixado sobre a fronte e um automóvel negro com os raios das rodas vermelhos. Um Ford modelo T. Perguntei se ele podia me levar o quanto antes à Tamarind Avenue. Ele me mandou subir.

O homem que os operários da Fritz Mutoscope Company viram descer em uma nuvem de poeira diante do portão arrastava um pouco as pernas e se apoiava em uma bengalinha de bambu, tinha um cotovelo enfaixado, as maçãs do rosto ainda inchadas e as botas gastas como aquelas que meu avô recauchutava, mas a silhueta deveria lhes parecer familiar. No entanto, aparentemente, ninguém me reconheceu. Avancei rumo ao galpão em que Henry trabalhava. Após poucos passos, todos já haviam perdido o interesse em mim. Detiveram-se apenas para observar o Ford preto que já estava partindo e levantando poeira. Certamente, não era uma comissão de boas-vindas festiva. Afinal de contas, ninguém tinha como saber da minha chegada. O primeiro a me

cumprimentar foi Bennet, um montador que havia sido bastante útil para mim em algumas ocasiões.

“Ei, Charlie”, chamou-me ele.

Fui na sua direção com entusiasmo.

“Caiu da bicicleta?”, indagou, dando um tapinha nas minhas costas.

Eu estava prestes a responder que nunca havia aprendido a andar de bicicleta, mas que, nas aeronaves, eu era insuperável. Mas ele não me deu tempo.

“Até mais, Charlie, estão me esperando”, disse apressadamente e saiu correndo para o armazém onde filmávamos as internas.

Observei-o se afastar com um passo enérgico e satisfeito. Levantei o olhar. Tudo ali dentro dava a impressão de ter sido contagiado por uma feliz histeria. Como se as pessoas não estivessem mais correndo em círculos, em meio à desordem e à precariedade. Carpinteiros, eletricistas, técnicos, operários… Todos pareciam conhecer a própria tarefa. Mas era somente uma impressão. Afinal, quem sabia se era uma boa ou má notícia? Encaminhei-me para a torre de controle. Subi as escadas o mais depressa possível, nas minhas condições. Mister Fritz estava sentado no lugar de sempre, afundado na sua poltrona. Os seus cachos brancos haviam se tornado um pouco mais compridos desde a minha partida. Sua mesa estava cheia de papéis e, do seu escritório, entravam e saíam duas mulheres muito atarefadas.

Ele só me notou quando cheguei perto da sua escrivaninha e obstruí a luz. Levantou os olhos. As bochechas também me pareceram mais gordas e molengas. Tirou os óculos, enxugou o suor com um lenço e sua boca finalmente se abriu em um sorriso.

“Chas, conhece as minhas novas secretárias?”

Neguei com um gesto de cabeça.

“Essa é Evelyn e essa é Katie. Estou pensando em encarregá-las da assessoria de imprensa.”

“Oi, Chas”, disseram Evelyn e Katie em uníssono.

Cumprimentei-as com outro aceno de cabeça, depois vi-as desaparecer rumo a algum lugar.

Mister Fritz voltou aos seus papéis.

“Perdão, Chas, mas preciso terminar de ler este fascículo até a tarde. Enquanto isso, me diga como vai a sua vida.”

Talvez estivesse estudando os autos para a audiência.

“Encontrei as provas que estávamos procurando”, disse em voz baixa.

Mister Fritz pareceu não ter notado.

Repeti a frase destacando cada sílaba.

“Encontrei a prova, Mister Fritz.”

Ele tirou os olhos dos papéis. Tinha uma expressão ausente, como se estivesse sem memória.

“Prova de quê, Chas?”

Durante uma semana, no trem, rodei na minha cabeça inúmeros curtas-metragens nos quais, quando tudo já estava perdido, eu chegava para salvar a situação, estropiado como haviam me deixado os amigos de Dan, cheio de hematomas, mas com os olhos sorridentes. Também por esse motivo não enviei um telegrama. Para que eu permanecesse sendo até o final a última esperança da empresa e a minha aparição fosse como a de alguém que volta do fim do mundo trazendo reforços para libertar a fortaleza do cerco. Mas, entre tantas reações possíveis, aquela frase de Mister Fritz era algo que eu não havia previsto.

Senti que minha voz começava a soar nervosa.

“Estou circulando pelos Estados Unidos há semanas em todos os meios de locomoção possíveis, levei uma surra perto de um rio e o senhor não se lembra do motivo?”

O rosto de Mister Fritz permaneceu inalterado e não traiu nenhuma curiosidade; ao contrário, parecia incomodado, como se eu fosse uma interrupção desagradável.

“O senhor me deu um mês de adiantamento, dezesseis dólares por semana”, continuei.

Só então suas bochechas se mexeram.

“Você sempre teve uma ótima memória para dinheiro, Chas, mas eu achava que aquela era a sua rescisão de contrato. Uma bela maneira para se livrar dos problemas, muito original. Faz muito tempo que eu queria lhe dizer isto.”

“Eu não quero de forma alguma sair de cena.”

“Depositei em você tantas esperanças e confesso que me senti traído. Eis o primeiro que abandona o barco, agora que está afundando. O seu exemplo foi seguido por muitos, se é que isso pode servir de consolo. Ao primeiro indício de falência, um terço do pessoal foi embora, entre atores e técnicos, além de você. Alguns foram para Chicago; outros, para os concorrentes.”

“O senhor achava mesmo que eu me venderia a outro?”

“Eu não achava nada, Chas. Só queria encerrar o assunto, como você. No fundo, você merecia aquele dinheiro: até aquele dia, havia trabalhado bem.”

“Não acredito.”

“Então, pense assim: sou um jogador que não sabe parar. Sempre pago para ver as cartas, e o seu blefe era tão evidente que você precisava de uma lição.”

“Tem certeza?”

“Não fique chateado: deu errado, Chas, acontece… No fundo, trinta e dois ou sessenta e quatro dólares valem o preço deste espetáculo. Não podiam durar muito em mãos como as suas. Eu sabia que você voltaria com o rabo entre as pernas. Teria apostado quanto fosse. Foi só o tempo de as águas se acalmarem.”

“Não sei do que o senhor está falando.”

“Você leu os jornais?”

“Não.”

“Aquele idiota do Brandon, que veio na sua cola, tinha razão: você errou de trabalho, Chas. Não deveria ser diretor, nem mesmo escritor de *gags*. Você teria tido mais sorte se tivesse se apresentado como ator em outro lugar. Tome, este é o endereço de um amigo meu. Chama-se Mack Sennett. Vá falar com ele em meu nome, sem mentir desta vez, por favor.”

A sua carne foi percorrida por um violento tremor causado pelo riso. A barriga balançava.

“Não me apresentei em nenhum outro lugar, Mister Fritz, e não estou interpretando.”

“Nem eu. O que você quer? Não tenho tempo a perder com desertores como você.”

Segurei a língua: se eu não tivesse um encargo para levar a cabo, teria ido embora imediatamente. Curvei-me sobre a bolsa e tirei a caixa de Arléquin.

“Aqui está. Esta é a prova da qual eu falava.”

Coloquei-a sobre a mesa, em cima de todos os seus documentos.

“Preciso dizer que você sempre teve muita imaginação. Você realmente não se deixa abater.”

“Olhe para ela.”

“Esqueça, Chas, aprecio a sua encenação, mas, agora, saia por aquela porta, por favor, e nunca mais apareça por aqui. Estou com dor de cabeça. Não vou pedir que você me restitua um dólar sequer. Estamos quites: é um bom resultado para você, pode crer.”

“Olhe aí dentro, Mister Fritz.”

“Você realmente enche minha paciência, Chas.”

Mister Fritz finalmente tocou na caixa.

“E o que seria isto?”, perguntou.

“Um cinematógrafo anterior ao dos irmãos Lumière.”

“Bem, o seu retorno não é menos surpreendente do que o final. Você tem um dom, Chas, mas, desta vez, não vai servir. Caia fora e não invente histórias.”

“Essa caixa fará o senhor ganhar o processo, Mister Fritz.”

“Se for por isso, chegou tarde, como sempre. A Motion Company retirou a queixa poucos dias depois da sua partida. Mas não finja que não sabia dessas coisas: estão em todos os jornais.”

“Retirou a queixa? Então, a nossa empresa não corre mais perigo algum?”

“A minha empresa, Chas. Minha. Não, nenhum tribunal vai nos eliminar. Aliás, já que você está tão desprovido de notícias, informo que, nas últimas semanas, um filme nosso sobre a Guerra Civil, *Os Casacos Azuis*, inesperadamente obteve tanto sucesso que tirou todas as nossas contas do vermelho.”

Um zumbido nauseante invadiu as minhas orelhas. Tirei a caixa de cima da mesa com o endereço de Mark Sennett e os guardei. Peguei a bolsa.

“O que você quer, Chas?”, perguntou-me ainda Mister Fritz da sua cadeira, antes que eu saísse. “Precisa de mais dinheiro?”

Eu estava de costas para ele.

“Enfim, posso saber o que você veio fazer aqui?”

Eu estava a um passo da escada.

“Quero que o senhor acredite em mim”, eu disse sem me virar.

Saí daquele edifício em um estado de completo aturdimento, Christopher. Parecia que eu estava em cima de uma bicicleta cujos freios haviam sido cortados. Você girava os pedais para trás e ela corria ainda mais.

Mister Fritz tinha razão em uma coisa: estava na hora de esquecer toda aquela história e retomar minha verdadeira profissão.

Interna, noite. 24 de dezembro de 1976

Carlitos tem à sua frente um globo terrestre enorme.

Olha-o com cobiça. Acaricia-o. Beija-o. Depois, ergue-o no ar. Gira-o sobre um dedo. Joga-o de uma mão para a outra. Dá-lhe um chute. Apara-o, agarra-o entre os braços, como uma estátua grega, dá outro chute. Deixa-o rodar nos ombros. Deita-se sobre uma mesa e começa a fazê-lo quicar no seu traseiro.

Uma, duas vezes.

Lentamente.

A MORTE: Esqueça, Vagabundo, não vale a pena se esforçar tanto.

CARLITOS: Você tem razão. Como a maior parte dos homens que o habitam, o mundo é apenas um balão inflado. Tome. (*Joga-o para a Morte*.)

A Morte é pega de surpresa. Levanta-se da cadeira, cabeceia o globo e o capuz quase cai. Carlitos, ainda sentado na mesa, rebate de calcanhar.

A MORTE: Este parece o momento de jogar?

CARLITOS: Não há maneira melhor para morrer, você não acha?

A Morte não sabe como pegar a bola, está confusa. Rebate desajeitadamente com o cotovelo.

CARLITOS: Muito bem, isso mesmo. Quem deixar cair primeiro, perde.

Carlitos desce da mesa e joga o globo novamente.

A MORTE: De qualquer maneira, você já perdeu, Vagabundo.

CARLITOS: É por isso que dizem que você tem um caráter lúgubre.

A MORTE: Não é verdade, tenho o caráter necessário ao meu trabalho.

CARLITOS: Esta noite, você realmente está de péssimo humor…

A MORTE: Eu? E você, então?

Os dois continuam a bater bola.

CARLITOS: Eu o quê?

A MORTE: Nunca vi um comediante mais triste do que você, no cinema…

CARLITOS: Por quê? Você vai ao cinema?

A MORTE: Às vezes, quando surge a oportunidade: há quem morra em um *set* ou em uma poltrona de veludo.

CARLITOS: Então, por que você não foi me pegar enquanto eu rodava um filme? Teria sido uma cena e tanto…

A MORTE: Está vendo como você está triste?

CARLITOS: Não estou triste, é que não quero morrer agora.

A MORTE: Você é um ator trágico, Vagabundo. Uma vez, li em um jornal que os hispano-americanos chamam você de Carlitos, *el genio de la desventura*…

CARLITOS: Você também lê jornal?

A MORTE: Os obituários, sempre. É a minha página de entretenimento.

Carlitos pensa um pouco a respeito e levanta uma sobrancelha.

A MORTE: Atenção, vai deixar cair…

Ele retoma a consciência de repente e, de alguma maneira, golpeia o globo terrestre antes que ele aterrisse no tapete, mas o resultado é um arremesso tão torto que a Morte precisa se contorcer para tocar a bola com um volteio.

A MORTE: Vamos, pegue.

Carlitos começa a correr, mas a Morte estica uma perna e lhe dá uma rasteira. Ele procura desesperadamente se equilibrar, mas rodopia pelo quarto, agita as mãos no ar, vacila.

CARLITOS (*caindo*): Não vale!

Quando jovem, era um mestre das cambalhotas, mas, desta vez, não está interpretando. Agarra-se às cortinas, bate em uma cadeira, choca-se com a parede, mas, com um último salto, alcança o mundo de borracha e o fura com um canivete suíço que apareceu repentinamente em suas mãos. A bola chispa e dardeja pelo ar, impossível de ser apanhada. O capuz da Morte a segue atabalhoadamente, mas as pernas esqueléticas não sabem que direção seguir. O mundo murcha exausto aos pés da Velha.

A MORTE: Você trapaceou!

Carlitos nega com a cabeça, indiferente. A Velha está atordoada.

A MORTE: Não era este o combinado!

CARLITOS (*apesar de estar sem fôlego)*: Ninguém disse que não era permitido furar. E você também trapaceou. Eu ganhei e não preciso fazê-la rir.

Carlitos cruza aristocraticamente a perna esquerda sobre a direita e faz menção de se apoiar no espaldar da cadeira, mas sua mão escorrega e ele acaba batendo a cabeça na mesa de madeira maciça. O Vagabundo fica ali estendido,

com a língua para fora. A Velha se aproxima e o observa: o olho do ator está como o de um peixe fora d’água, mas a sua careta a deixa de bom humor.

A MORTE: Está bem, Carlitos, dou este ano de presente para você. Realmente, você é o comediante mais triste que já vi. Teria sido um magnífico Hamlet.

A Morte apoia a mão sobre o crânio dele e outra sobre o queixo. Depois, com um movimento repentino e seco das mãos, endireita seu pescoço como se fosse o de uma marionete.

Alguns instantes mais tarde, o Vagabundo volta a si. O quarto está vazio. Ele não entende bem o que aconteceu, mas se olha no espelho e percebe que ainda está vivo.

SEXTO ROLO

Antes de me render definitivamente ao meu destino de ator, voltei uma última vez à Inglaterra para visitar minha mãe no manicômio de Cane Hill. Seus cabelos estavam grisalhos, ela falava com as cadeiras e xingava. Quando entrei, ela continuou a olhar pela janela como sempre fizera. Não se virou para mim, mas me reconheceu assim mesmo. Acariciou seu paletó de veludo. “Se você tivesse me levado uma xícara de chá naquela tarde”, disse, “eu teria ficado boa logo.” Sentei-me na sua cama com estrutura niquelada e não trocamos mais nenhuma palavra.

Quando Fred Karno me viu entrar novamente no seu escritório de Londres para pedir um papel qualquer em um dos seus espetáculos, mesmo que fosse o de um simples figurante, não precisei abrir a boca. Ele me acolheu com um sorriso régio, sem me perguntar nada. De uma gaveta da escrivaninha, tirou uma pasta com o meu nome e a estendeu para mim. Dentro, havia um contrato de ator principal da companhia. “Eu estava esperando você”, disse apenas, mastigando uma sobra de charuto. Assinei sem ler e, na semana seguinte, eu já estava viajando para uma nova turnê teatral do outro lado do oceano. Eu não tinha mais medo de subir em um palco. Voltei a atravessar os Estados Unidos de cabo a rabo, como contei a todos, e, alguns meses mais tarde, aportei novamente em Los Angeles. Estávamos encenando *A Night in an English Music Hall*. Eu interpretava o papel do velho galanteador bêbado, o mesmo que interpretarei esta noite diante de uma única espectadora assim que terminar de escrever esta carta para você. O teatro veio abaixo de tanto rir sem saber que estava aplaudindo o filho de um alcoólatra, e fiz um sucesso incrível. Por inveja, os outros integrantes da companhia, no final do espetáculo, me deram de presente uma caixa de tabaco enrolada em papel-alumínio cheia de restos de maquiagem seca. Com um bilhete: *Um pouco de merda para um merda.*

Eu acabara de pagar bebida para todos. Fiquei tão desconcertado que decidi ir embora e seguir meu caminho, daquela vez, para sempre. Eu ainda tinha no

bolso o endereço do tal Mack Sennett que Mister Fritz havia me dado e resolvi tentar.

No dia seguinte, me vi diante de um homem com dois longos panos negros no lugar das sobrancelhas, o maxilar quadrado e a boca carnuda. Nenhuma cultura, mas um entusiasmo arrebatador e irresistível por tudo o que lhe agradava. “Você é jovem demais para o cinema”, disse-me Sennett da primeira vez que falei com ele. “Posso envelhecer quanto o senhor quiser”, respondi. Ele gostou da piada. Deu-me um sonoro tapa nas costas e me contratou por um período de experiência.

Naquela tarde chuvosa de 1914, eu procurava no vestiário masculino da Keystone um figurino para uma cena que estávamos rodando, pensando no que Fred Karno me dissera: que todas as histórias precisam de uma pitada de melancolia. Para mim, não era difícil encontrá-la: eu já a tinha nos olhos, nas mãos, no sangue. Segundo as mulheres, havia um pouco de tristeza até mesmo entre as minhas pernas, mas isso sempre acabava por fasciná-las. Pensei que, se conseguisse colocar um bocadinho de melancolia em uma comédia, talvez eu fosse capaz de seduzir qualquer um. Era o senso comum das proporções que eu precisava alterar. Escolhi, então, calças deformadas, abotoei com dificuldade um colete e um paletó bastante justos e calcei sapatos enormes e gastos. Olhei-me no espelho. Nunca havia me sentido tão à vontade. O meu traje era uma desobediência. Acrescentei um chapéu-coco, uma bengala e uma gravata-borboleta. Só faltava um detalhe: agitei os cabelos, colei sob o nariz um bigode preto e, pela primeira vez, soube qual era o meu rosto.

Quando saí do barracão da maquiagem e me aproximei da câmera com aquele figurino miserável, foi suficiente me mexer na frente daquela raposa de Mack Sennett como se eu tivesse piolho nas axilas. Sennett começou a rir de uma maneira tão exagerada e nervosa que tossiu, verteu lágrimas e, por pouco, não sufocou. Ele estava nas minhas mãos. Girei a bengala embaixo do seu nariz como Marceline me ensinara e saí correndo com os pés chatos e o ar desengonçado, imitando o passo de um velho cocheiro londrino que eu e minha mãe espiávamos todas as noites do nosso sótão em Pownall Terrace. Eu tinha a impressão de estar patinando com uma única perna ou de estar na vertical à beira do Grand Canyon. Franzi o bigode e pisquei para todas as senhoras presentes,

mas as minhas mãos tremiam. Durante dez minutos, só fiz tropeçar, seguindo o rastro de cada saia que passava, depois, entrei com o ar de um milionário em férias em um *set* que reproduzia o saguão de um hotel, mas, às escondidas, roubei bala de uma criança, agarrei-me a uma garrafinha de álcool e pedi desculpas a uma escarradeira por ter esbarrado nela.

Quando terminei, deitado com as pernas para o ar, depois de ter segurado um cão pelo rabo, não era apenas Sennett que estava rindo, mas também os contrarregras, as faxineiras, os serventes e os figurantes. Não riam do que estava acontecendo, por mais engraçado ou cômico que fosse, riam de mim, das consequências de tudo o que acontecia expressas em meu rosto, da minha assustadora inconciliabilidade com o mundo, porque ser realmente ridículo não depende do figurino.

Continuaram a rir durante anos, sem conseguir parar, e eu assinei um contrato após outro, até me tornar o ator mais bem-pago de todos os tempos: seiscentos e setenta mil dólares por ano, mais de dez mil por semana. Não demorou muito para que eu tivesse dinheiro suficiente para construir os meus próprios estúdios a pouco mais de três quilômetros dos de Mister Fritz, em um lote de cinco acres cheio de laranjeiras. Comprei também um Locomobile azul-claro com os pneus brancos e contratei um motorista japonês chamado Kono. As noites em que eu observava das calçadas os restaurantes de Carson Street estavam a anos-luz de distância; agora, eu podia almoçar todos os dias no Armstrong Carlton, no Musso ou onde quisesse no Hollywood Boulevard. Salmão, arenque defumado, coração de ovelha ou patê de fígado.

A partir daquele momento, o cinematógrafo absorveu toda a minha energia. Eu tinha a paciência de um asno. Era capaz de repetir até cem vezes a mesma cena e, em certas noites, precisavam me pôr na cama ainda maquiado, pois eu não pararia nunca. Para me manter em forma, eu treinava na academia ou na piscina antes do jantar e, de dia, ia ao pedicuro, pois sempre tive grande devoção por minhas mãos e pés. Àquela altura, eu já havia aprendido a respeitar rigidamente os horários, nunca jogava cartas, bebia apenas uma tacinha de porto de vez em quando, mas somente para que os meus novos colegas não pensassem que eu era um monge abstêmio e sério, como os atores da companhia de Karno acharam.

Eu me distraía apenas às terças-feiras com as lutas de boxe na arena de Doyle, em Vernon. Certa noite, vi por acaso Gago Groogan ganhar fácil de um texano. Ainda era o melhor, a meu ver, e se lembrava de todas as fintas que eu lhe havia ensinado. Vi também Webster. Ficou o tempo todo atrás das cordas, de joelhos, os cabelos esbranquiçados. Mas não fui ao vestiário. Afastei-me deles e daquela arena cheia como já havia feito em São Francisco, repetindo silenciosamente a mesma prece: que o deus do relâmpago e do trovão nunca abandone você, Gago.

O restante da minha vida todos conhecem. Não eram apenas os pugilistas que dançavam ao ritmo de cinquenta batidas por minuto naquele período. A mania por Chaplin contagiara todo o planeta, uma epidemia. O sucesso, Christopher, tinha a mesma cadência de um foxtrote alucinado.

Uma das suas primeiras consequências foi que meu irmão Syd e eu pudemos tirar nossa mãe dos manicômios de Cane Hill e Peckam House e transferi-la para a Califórnia. Na verdade, eu trabalhava tanto que só raramente conseguia visitá-la, mas me sentia orgulhoso por ter reunido a minha família em outro lugar. Com a idade, minha mãe ficou mais calma. Durante longos momentos, parecia uma senhora um pouco distraída, com um sorriso amarelado e algum brilho de criança nos olhos. Ela gostava de dar sorvetes aos transeuntes durante os seus passeios, ou então comprar milhares de dólares de seda. Eu deixava. Estava contente por suas mãos poderem tocar tudo o que desejavam. Algumas vezes, levei-a comigo ao *set*. Mas, ao me ver sair da sessão de maquiagem nas vestes de Carlitos, ela me disse que eu deveria comprar um terno novo e que estava pálido como um fantasma.

“Você deveria ir dar uma volta ao ar livre, Charlie.”

* * *

Ao roteiro que eu sempre sonhara em realizar, um filme sobre o circo, só fui me dedicar no final de 1925. Eu já era um homem de 36 anos e fazia algum tempo que um pesadelo me visitava todas as noites: eu caminhava sobre uma corda, no ar, a uma altura vertiginosa do chão, mas o gancho que me mantinha preso se soltava do paletó e ficava balançando diante dos meus olhos enquanto um bando de macacos ensandecidos puxava a minha calça.

Comecei dali, daquela cena, e, durante as filmagens, logo voltei a precipitar naquele mundo de serragem, risadas e lágrimas, como escrevi no primeiro quadro (no fundo, eu não passava daquilo: um escritor de cartelas).

Não foi um filme fácil. Demorou dois anos e tive que interrompê-lo várias vezes. Aconteceu de tudo: tempestades, erros, furtos. Perdi primeiro a tenda, depois, os negativos. Determinada manhã, um incêndio destruiu os nossos estúdios e observei aquele desastre — os vidros quebrados, os equipamentos inutilizados, as nuvens de cinzas — com os olhos úmidos e já maquiados como os de um vagabundo. Meus cabelos ficaram brancos em uma noite. No último dia, roubaram também os nossos *trailers*, divorciei-me da minha segunda mulher e o nosso divórcio foi um escândalo. Mas não foi por isso que preferi não falar daquele filme na minha autobiografia, Christopher. Eu teria de explicar coisas demais, e ainda não podia. Não teriam acreditado em mim.

A verdade é que só segui em frente porque sabia que havia deixado algo pela metade e que tinha uma dívida. E também, quando o assunto é trabalho, sou um teimoso incurável, sempre procuro terminar o que inicio. Eu queria devolver a todos a magia de um circo itinerante, a mesma magia que eu havia conhecido quando criança. Tudo o que eu sabia de mímica e de equilíbrio vinha dali, mas eu ficara com a sensação de não ter concluído o meu aprendizado: eu ainda precisava aprender a caminhar sobre a corda, a me jogar de um poste com uma bicicleta e a falar com os leões.

Trabalhei muito também na trilha sonora. A música sempre fez parte de mim. Lembro-me com precisão da minha mãe cantando no nosso quarto e de uma gaita e um clarinete do lado de fora de um *pub* em Kennington Road, tocando *The Honeysuckle and the Bee*. Quantas vezes eu a cantei quando você era criança?

Você é o mel, a madressilva, e eu, a sua abelha…

Se eu não tivesse me tornado ator, certamente teria sido violoncelista. É o instrumento que mais amo porque seu som é o mais próximo da voz de uma mulher. Anos antes, eu havia composto melodias para alguns curtas-metragens e musicado *O Garoto* e uma boa parte de *Em Busca do Ouro*. Pensar em um

acompanhamento sonoro me ajudava a encontrar novas ideias para as minhas tramas. À noite, depois do jantar, eu dava um passeio solitário e assobiava o que me vinha à cabeça; ao voltar, já em casa, registrava tudo com alguns erros no pentagrama e fazia tentativas durante horas ao piano. Mas quem extraía daquilo um arranjo para toda uma orquestra era um maestro. Ele se chamava Frank e tocava trompete, a pessoa mais gentil que conheci. Eu cantarolava o motivo e depois dizia: “Continue.” Nós nos entendíamos às mil maravilhas e acho que ele tinha poderes telepáticos porque sempre conseguia realizar o que eu acabara de imaginar. Mas é assim, no fundo, a única telepatia que os seres humanos têm se chama sensibilidade. Toda vez que o maestro Frank me chamava para a primeira execução, eu não conseguia me aguentar. Sentava-me sozinho ou com algum colaborador na frente de uma orquestra de verdade, em um estúdio vazio da United Artists, me acomodava e escutava. Sempre me pareceu um milagre maior do que o cinema: nenhuma montagem jamais me emocionou tanto.

De resto, finalizei a carreira de músico compondo a música incidental de um filme feito meio século antes. Também para *O Circo*, compus já velho aquela canção que tive a desfaçatez de cantar aos oitenta anos, *Swing Little Girl*, mais um tema sobre a desilusão amorosa e um final sinfônico do qual me orgulho. Eu estou ali, Christopher, e, se você sentir saudade da minha voz, procure-a naqueles acordes sentimentais, eu não me envergonho. Ali está tudo o que eu queria dizer sobre a vida quando as palavras não eram suficientes.

Era assim, nos meus filmes, a música já era a história que eu contaria. De certo modo, surgia sempre antes do roteiro porque *era* o meu roteiro e guiava todos os meus movimentos. Eu sabia que tudo o que eu filmava se sincronizaria perfeitamente com cada nota, porque eu já havia imaginado tudo aquilo em termos de dança e de balé. Mas, por mim, daquela vez, eu teria projetado um quadro preto durante todo o tempo e deixado somente o tema comovente de uma trombeta. Que os espectadores imaginassem sozinhos o próprio circo.

Comecei o filme com uma sequência de uma moça em pé em cima de um cavalo branco correndo em volta da pista. Foi a minha homenagem a Eszter, à sua beleza que não pude admirar pessoalmente. Durante os ensaios, chamei sem querer por aquele nome a atriz que eu havia escolhido. À noite, dois dos

palhaços que naquela cena são repreendidos pelo empresário porque não fazem ninguém rir me procuraram.

“Você conheceu Eszter?”, perguntaram.

Eu não quisera atores para o papel deles, mas gente que tivesse vindo realmente de um circo. Chamavam-se Coluccini e Barrante. Já tinham certa idade, mas, com os cabelos brancos e as bolsas sob os olhos, pareceram-me perfeitos para o papel que eu queria lhes dar. Um era de origem italiana, tinha um gorro pontudo, uma barrigona e um terno desbotado; o outro tinha testa, nariz e boca pintados de vermelho, um estranho chapéu redondo e sotaque espanhol. Mas a natureza se encarregara sozinha de dar-lhes aquele ar melancólico que seria impossível atingir apenas com a maquiagem.

“Não, não conheci Eszter, mas ouvi por muito tempo falarem dela”, respondi. “Fui procurá-la certa vez, eu era muito jovem, mas a única coisa que consegui ver foi o lugar onde estava enterrada.”

“Nós trabalhamos com ela”, disse Coluccini, e a sua voz me lembrou a de Zarmo, o malabarista.

“Podemos garantir que era um assombro”, disse o outro.

“A melhor acrobata a cavalo que já existiu.”

“Fazíamos parte da sua companhia.”

“E continuamos fazendo mesmo depois que ela e muitos outros se foram.”

“Trabalhamos em toda a Grã-Bretanha.”

“Até no Hippodrome, em Londres.”

Quando disse que eu também havia trabalhado no Hippodrome, antes do fim do século, entre os gatos de Cinderela, abraçaram-me como se tivessem sido meus padrinhos de batismo sem nunca terem sabido.

O que usava paletó sacou de um dos bolsos uma garrafa de vinho e três taças e brindamos juntos à ocasião que fez com que nos encontrássemos novamente e à minha brilhante carreira.

Depois, a Marceline, que teve um fim infeliz.

Aos acrobatas que haviam errado um exercício.

Aos domadores que não foram obedecidos.

Às bailarinas com a boca de rosa.

Aos anões de vida curta.

Aos ilusionistas com óculos.

Aos ursos-negros.

Aos palhaços abilolados como uma garrafa de champanhe.

Aos lançadores de facas estrábicos.

A quem nos havia ensinado o nosso ofício.

Os meus dois amigos tinham uma memória de elefante e continuaram por um bom tempo. Quanto a mim, ergui a minha taça também por alguns atores que foram esquecidos e por alguns roteiristas fracassados. Quando estávamos completamente bêbados, o palhaço maior disse uma coisa estranha.

“Este último brinde é para Arléquin.”

“Sim, para Arléquin.”

“Que ele nos ouça, da sua colina.”

Fiquei com a taça suspensa no ar e o rosto incrédulo.

“O que foi, diretor?”

“Você deve se lembrar de Arléquin, no Hippodrome.”

“Era aquele que dava comida aos animais…”

Inclinei um pouco a cabeça.

“Vive em um asilo perto de Londres, você não sabia?”

“Há vários colegas com ele, pessoas que não trabalham mais.”

Eu estava tonto.

“Arléquin ainda está vivo?”

“Claro, Senhor Chaplin.”

Fiquei mais branco do que cal.

“Acabei de lembrar que tenho uma coisa para entregar a ele”, eu disse.

* * *

Assim que o filme foi finalizado e lançado nos cinemas, fiquei livre para subir em um trem e, logo em seguida, em um navio. Eu não voltava a Londres havia um bom tempo e, toda vez, sofria um pouco. Quando os jornalistas me pedem para recordar a minha infância e vejo no rosto deles aquele sorrisinho compassivo de quem não sabe do que está falando, a raiva invade meu sangue. Não há nada de sugestivo nem de romântico na miséria e nas atribulações. E

nunca me senti confiante diante desse tipo de pergunta. Temo saber o que escondem. A vantagem da minha infância difícil é que nunca me acostumarei ao luxo. Mas, mesmo após a minha morte, continuarão a me acusar de egoísmo, de ter sabido cuidar até bem demais dos meus negócios e, no final, de ter protegido, na Suíça, a mim mesmo, à minha família e ao meu dinheiro, com a desculpa de ter sido expulso como um bolchevique dos Estados Unidos de McCarthy: em suma, não me perdoam por ter tido todo aquele sucesso e não ter acabado mal. Ficam incomodados pelo final feliz que Oona, sua mãe, deu à minha vida e que eu, por outro lado, sempre fiz com que faltasse a Carlitos.

Mas ter a miséria nas costas é como tê-la sempre diante dos olhos. Vi gente demais perdida nos camarins, com o rosto, por trás da maquiagem, mais triste e desanimado do que o de um passarinho que saltita na beirada de um balcão deserto, com as asas quebradas, até cair do parapeito ou se atirar em um rio: Frank Tinney, Max Linder, Marceline… Gente que divertiu ou seduziu o mundo, como algumas garotas que nem mesmo a beleza conseguiu salvar e das quais até o nome foi apagado. Sempre foi uma luta com a Morte, Christopher, para mim. Eu não poderia me esquecer, justo nesta noite, em que a Velha finalmente virá me pegar. Cada novo roteiro, cada novo filme. Não há um sequer que eu não tenha rodado com a sensação de que tinha posto tudo em jogo e com a consciência de que podia sucumbir, a qualquer momento. Por isso, sempre recolhi o feno enquanto o sol ainda brilhava. Pelo menos naquela viagem, eu estava indo visitar alguém que não precisava de explicações acerca desses assuntos.

Fiquei uma semana na cidade. Na primeira noite, perambulei ao longo do Tâmisa, depois, fui comer em um local em Covent Garden. Na mesa ao lado, um homem lia um jornal americano, o *Los Angeles Times*. Sempre gostei de espiar o jornal dos outros, desde criança, quando eu olhava furtivamente as imagens de Sherlock Holmes na *Strand Magazine*. As notícias parecem mais interessantes se são roubadas. E ainda mais se são de alguns dias antes, como naquele caso. Os jornais velhos exercem em mim um fascínio irresistível e misterioso. Naquela noite, porém, teria sido melhor se eu tivesse ficado com os olhos fixos no prato. O homem estava comendo uma bisteca inglesa com empadão de rim e empunhava com uma das mãos a página de entretenimento. Não pude deixar de

notar a manchete em letras garrafais. Estava assinada por um dos críticos mais respeitados da Califórnia, Slim Anderson. Aproximei-me do meu vizinho e pedi para ele me emprestar o jornal por um instante. O homem consentiu de má vontade, mas continuou a me encarar por todo o tempo que demorei para ler o artigo.

ASCENSÃO E QUEDA DE UM COMEDIANTE
VAI A PIQUE A ESTRELA DE CHAPLIN
NO FUNDO DO ATLÂNTICO

Ontem à noite, em um cinema de Santa Monica, a projeção do último filme de Charlie Chaplin, *O Circo*, se transformou em uma cômica algazarra. Acreditando que o diretor estivesse na sala fantasiado de *clochard*, o público se enfureceu a ponto de circundar o coitado e cobri-lo de insultos até perceber o erro.

Desde ontem, podemos apagar o nome de Charlie Chaplin da lista de astros do cinema e inscrevê-lo na dos cometas mais brilhantes que atravessaram o céu de Los Angeles e terminaram vergonhosamente no mar. A reação violenta do público interrompe, esperamos que para sempre, a carreira desse horrível comediante. Para resumir o seu novo longa-metragem, *O Circo*, basta recorrer a uma série de adjetivos: descarado, insolente, provocativo, irritante, incoerente, ilógico, desconexo, desagradável, entediante… mas existe um que resume todos: ridículo. *O Circo* é uma ofensa tanto ao senso comum quanto ao senso estético e um insulto a todas as leis da narrativa.

Mas, aos vários defeitos ingênuos dessa delirante película, acrescenta-se um que, com toda probabilidade, incomodou mais o espírito dos espectadores: a mórbida insistência nos detalhes mais inconvenientes e asquerosos da humanidade. Por uma hora, diante dos nossos olhos incrédulos e horrorizados, desfilou, sem respeito e sem nenhuma forma de pudor, todo tipo de deformidade humana. Abortos da natureza, criaturas anômalas e outros monstros inverossímeis ocuparam todos os cantos da grande tela: palhaços tristes e sem dedos, esqueletos ambulantes, empresários e pais sádicos, ladrões… As poucas crianças na sala começaram a chorar enquanto as mães tentavam inutilmente

tapar seus olhos. Nunca, como nesse caso, ficou tão claro como uma trama já frágil, bruta e vacilante, não fosse nada além do pretexto para pôr em cena a mesquinha imperfeição do mundo. E para zombar, como Chaplin sempre fez, de toda e qualquer autoridade constituída. Da polícia ao exército. O que esperar, todavia, de alguém que desertou a guerra no auge da juventude? Felizmente, o proprietário da sala decidiu, diante do furor popular, suspender o aviltante espetáculo. O ocorrido confirma o quanto o cinematógrafo, mais do que qualquer outro ofício, está hoje exposto à proliferação maciça de impostores, piratas e vigaristas que conquistaram a fama sem merecê-la. Cabe ao nosso olhar crítico, como cidadãos americanos e testemunhas públicas, impedir que a sua função seja desvirtuada. O episódio de Santa Monica é uma clara advertência contra quem quer colonizar as nossas consciências e deslumbrar-nos com sua charlatanice.

* * *

Diante dos olhos atordoados daquele homem, rasguei a página do seu jornal, coloquei-a no bolso e saí do restaurante. Durante muitos anos, li aquele artigo às escondidas, como é possível ler um folheto clandestino no isolamento do próprio quarto com medo de que, de repente, alguém possa entrar. Foi a única crítica negativa importante recebida por *O Circo*, mas havia algo naquela matéria que eu precisava focalizar, mas que eu continuava a esconder de mim mesmo. Como você sabe, no passado, minha resistência aos golpes havia sido boa. Um dólar por *round*, a minha tarifa, mais ou menos cinco *cents* por golpe. Um salário popular, pode acreditar. Mas, por maior que tenha sido o número de ofensas ou socos que recebi, nunca senti meus lábios tremerem ou meus olhos lacrimejarem como aconteceu diante daquele artigo. A culpa por ter representado “a mesquinha imperfeição do mundo” ainda me parece um elogio imerecido, mas isso só me consolava em parte. Em outras ocasiões, sempre respondi na mesma moeda. Todavia, se naquela noite Slim Anderson em pessoa estivesse ali na minha frente, eu nada saberia lhe dizer. As suas palavras eram golpes certeiros. Eu não havia ficado mordido por causa da afiada fileira de adjetivos. Nem por causa da velha calúnia de ser um desertor. Eu continuava a receber insultos e

penas brancas pelo correio, mas também as medalhas de algum soldado corajoso por tê-lo divertido nos cinematógrafos do *front*. Não, não era por isso, a coisa era mais profunda. Era a acusação de fraude que doía tanto. Eu não queria chafurdar na lama da autocomiseração: poderia ter me afogado nela desde os tempos em que recolhia as maçãs que caíam embaixo das barracas das feiras de Londres. Mas que o cinema seria apenas um parêntese na minha vida, eu havia suspeitado desde o início, e era inútil me enganar. Eu sempre seria um peixe fora d'água naquele ambiente, assim como nos Estados Unidos. Contudo, deixei-me arrastar pela corrente. Na minha cabeça aninhou-se um bando de borboletas, e cada uma tinha nas asas um arco-íris de mentiras. Era por causa da minha ingenuidade que eu sentia raiva. Ele tinha razão: eu não valia mais do que um autodidata improvisado e provisório, um ladrãozinho de bairro, um fanfarrão. Era melhor sair de cena, e sem tanta história. Antes que um ministro da Justiça me negasse, com um decreto da República, o visto para retornar e permanecer nos Estados Unidos. Levantar acampamento, picar a mula, dar no pé: há várias maneiras de se dizer. Sim, teria sido melhor pendurar a câmera.

Pois é, aquele não foi um bom momento para mim. Eu estava cansado e deprimido. Achei que *O Circo* seria a obra da minha consagração, tive medo de que fosse a última. Até pensei em me mudar para a China. Mas, no final, decidi levar a cabo o mais depressa possível a minha missão secreta, como dissera aos meus amigos sem ser levado a sério: entregar ao seu legítimo dono o que estava sob minha custódia havia quase vinte anos e, depois, assim que voltasse à Califórnia, retirar de circulação todas as cópias daquele filme e mudar de trabalho.

* * *

O Parque das Rosas.

Um nome perfumado para um asilo, pensei.

Eu havia perguntado a respeito dele, mas fora dali, na periferia de Londres, e todos achavam que fosse uma clínica. Para desequilibrados, velhos esquizofrênicos e hipocondríacos que não tinham mais ninguém no mundo. "Se você quer regenerar o cérebro, meu chapa, aquele é o lugar certo", me disse um

homem com uma caneca de cerveja à porta de um *pub*. “Você leva um belo choque e puf!, tudo resolvido. Mas basta um pequeno erro e você volta daquela colina mais gagá do que a minha avó. Para essas coisas o melhor é cerveja. Reflita, você ainda tem tempo. Se quiser, pago uma caneca para você.”

Agradeci, mas disse que tinha um encontro marcado. Deu-me as costas, ofendido.

Quando cheguei ao portão, a primeira coisa que vi foram mulheres de jaleco branco atravessando o jardim. Passaram na minha frente ligeiras como visões. Mas foi só passar pela entrada para perceber onde eu estava. O Parque das Rosas era apenas um asilo para palhaços entristecidos, acrobatas com ossos enferrujados e finos como areia, malabaristas com as mãos trêmulas, empresários falidos que não paravam de falar, ilusionistas solitários que não tiveram oportunidades nem sorte e mulheres que não cuidavam mais de si mesmas. Todos endurecidos pela desventura e pelo esquecimento, esperando apenas que uma pneumonia ou um ataque cardíaco os levasse embora definitivamente, um após o outro. Uma gigantesca sala de espera, Christopher.

Mas não há nada mais refratário à morte do que um homem de circo ou de teatro. É o que Coluccini sempre me dizia, com manifesta satisfação enquanto terminávamos o filme. O seu objetivo era chegar a cento e vinte anos por pura pirraça contra o esquecimento e a ingratidão dos homens; e, à mesma meta, também havia jurado chegar Barrante, o palhaço espanhol. O grupo dos cento e vinte, era como eu os chamava.

De um lado do jardim, um pequeno grupo de homens e mulheres estava conversando. Aproximei-me. Pareceu-me que estavam falando de velhas turnês. Não sei quantas vezes já haviam contado aquelas histórias, mas não lhes restara muito a fazer. Quando perceberam a minha presença, pararam, como se estivessem diante de um novo companheiro recém-chegado. Eu ainda era jovem demais, mas podia ter tido uma recaída ou uma crise, nunca se sabe em que idade a carreira pode terminar.

“Está procurando alguém?”, perguntou um sujeito alto como um poste.

“Estou procurando Arléquin”, respondi. “Disseram-me que ele mora aqui.”

“Está lá em cima, no quarto”, disse uma mulher com a boca muito maquiada.

Fiz uma mesura e me encaminhei para o edifício no centro do parque, uma casa à moda antiga. Antes de chegar à porta, notei que, nas bordas da aleia de cascalho e embaixo das árvores, haviam sido esquecidos três ou quatro cavaletes de madeira com desenhos a lápis. Parei para olhá-los. Os cantos das folhas tremulavam ao vento. O primeiro retratava um cavalo, lançando-se no ar, batendo com as patas no chão e empinando-se para o alto, mas depois o desenho terminava, como se quem o tivesse esboçado houvesse se interrompido de chofre com um gesto nervoso e jogado o lápis para longe. Os outros desenhos também estavam inacabados: animais e homens dos quais se via apenas parte do corpo e não era possível entender o resto. Um catálogo de ações deixadas em suspenso: passos mancos, olhares mutilados, palavras mal começadas e pronunciadas no silêncio por lábios despedaçados.

“Foi o homem que você procura que os fez”, disse-me uma moça de jaleco que eu não ouvira se aproximar.

“Arléquin?”

“Aqui, todos acreditam que seja um pouco tantã, mas permitem que ele pinte e fale sozinho. O senhor é um parente?”

“Não”, respondi com dificuldade. “Certa vez, trabalhei com ele, mas eu era uma criança.”

“Ele vai gostar de revê-lo, mas não demore muito.”

“Está bem.”

“E não fique impressionado.”

“Já vi outras pessoas no seu estado.”

“Às vezes, ele cerra os punhos, como se as mãos doessem, depois, se joga na cama e começa a tremer.”

“É por isso que não termina os desenhos?”

“Não sei. Gosto de acreditar que a sua guerra é uma guerra pessoal contra todas as coisas que são perfeitas e, depois, se estragam. É por isso que desenha cavalos com duas patas e homens com um único olho, bem como soldados sem um braço…”

“Talvez ele tenha razão, seria melhor se viéssemos ao mundo já deformes desde o início.”

“Pois é.”

“Aprender a perder a perfeição é cruel demais e persegui-la por toda a vida é um gesto inútil e soberbo.”

“Parece um verso de Shakespeare.”

“Não lembro mais de quem é.”

“O senhor é Charlie Chaplin, não é?”

“Sou…”

“Logo o reconheci, embora ninguém tenha feito caso. Vestido assim, parece uma pessoa normal.”

“Sou uma pessoa normal. Incompleta, como os desenhos de Arléquin.”

A moça sorriu.

“Deveria ver o seu amigo, senhor Chaplin. Quando ele fica ali, em pé, com o seu lápis, todos param neste jardim, é uma espécie de milagre, como acontece com as pessoas diante dos seus filmes, e as linhas truncadas do cavalo parecem completas aos olhos deles.”

“Quem me dera ser capaz de tal magia!”

“O seu personagem é.”

“Como assim?”

“A meu ver, o vagabundo é um palhaço do tipo Branco com um ar de nobreza triste e decadente que todos os Brancos têm e, ao mesmo tempo, é o palhaço Augusto, o bufão irreverente, o menino mimado que faz caretas e tem as mãos sujas: une as almas de cada palhaço. Ninguém, antes do senhor, havia conseguido fazer isso, desde que existe o circo.”

“É uma das coisas mais bonitas que já disseram a Carlitos.”

“Acho que é apenas uma coisa verdadeira.”

“Você trabalha aqui há muito tempo?”

“Bastante. Mas, se o senhor veio até aqui em cima, deve haver um motivo, não quero que perca tempo. Vá ao primeiro andar. Se encontrar alguém, diga que falou com Elisabeth.”

“Está bem, Elisabeth. Foi um prazer falar com você.”

“Para mim, também.”

Dei mais uma olhada na casa que estava desenhada na última folha, com a sua parede descascada, o teto faltante e uma janela que abria só até a metade. Imaginei Arléquin diante da tela, com todos os outros à sua volta.

“Ele a desenha o tempo todo, diariamente”, disse ainda Elisabeth. “Se está bem, retrata ainda a si mesmo atrás da casa. Ou melhor, metade de si mesmo.”

“Quem lhe ensinou a desenhar assim?”

“Ele disse que foi um espanhol, no circo.”

* * *

As paredes da escada estavam descascadas. Antigamente, deviam ser verdes, mas agora se distinguiam apenas alguns borrifos de tinta e uma linha descontínua. Informei o nome de Elisabeth na entrada e me deixaram passar. No primeiro andar, abria-se uma série de quartos. Não tinham portas, portanto, era possível ver o interior deles. Pareceu-me uma coisa impudica, mas não desviei os olhos. À minha frente, desfilou uma colmeia de velhos sentados na beira de uma cama e de homens que repetiam infinitamente, em cima de um ladrilho, o mesmo movimento. Alguns se balançavam, como se estivessem embalando-se em um trapézio invisível, outros falavam em voz alta, embaixo de um teto rebocado com cal.

Lembrei-me da minha mãe, uma noite, no nosso sótão, beijando o pão, partindo-o e jogando-o em pequenos pedaços sobre o peito e a cabeça, como se fosse cinza, e também atrás das costas, o gesto de um animal.

Dei mais alguns passos.

O seu quarto era o penúltimo.

Primeiro, vi-o de costas. A velhice o emagrecera, mas as costas mantinham certa dignidade, embora estivessem irremediavelmente curvadas para a frente. Pareciam as de um sapateiro sentado atrás da bancada de trabalho. Logo depois, descobri a barba desalinhada e branca que cobria suas bochechas; focalizei o seu perfil, os lábios úmidos, o nariz reto, a testa marcada por rugas, os cabelos ralos com mechas grisalhas e os olhos negros e profundos. Porém, mais do que qualquer outra coisa, impressionaram-me as mãos. Continuavam sua tarefa, nem um pouco incomodadas pela minha presença, seguras do que estavam fazendo. Desviei o olhar para a folha sobre a qual desenhavam. Apenas um labirinto de linhas sem sentido, um novelo de fios atados, a teia de uma aranha embolada pelos dedos de um gigante.

* * *

Abro a mala que levo comigo e só naquele momento Arléquin se vira para mim.

“Isto pertence a você”, digo.

Arléquin está nervoso. Deve ter me ouvido subindo a escada, mas sabe que hoje não é dia de visita. Em vinte anos, certamente ninguém veio visitá-lo. Apenas um anão, uma vez, quem sabe? Atentou para todos os meus passos no corredor e entendeu que eu estava indo até ele, na direção do seu quarto. Viu-me entrar. Talvez acredite que eu esteja intrigado pelo seu desenho, por aquela espécie de grande maçã que ele nunca terminará e dentro da qual apaga e reescreve palavras que ninguém poderá entender, uma em cima da outra.

Pega com delicadeza a carta que estendo na sua direção e lê o próprio nome no envelope. Sinto que a sua respiração começa a falhar. Antes que a emoção me paralise, abro novamente a minha mala e tiro a sua caixa de madeira. Afasto o incompreensível desenho de Arléquin da mesa e a apoio ali em cima. Arléquin me observa atentamente, mas com o ar perdido de quem não sabe mais o que está para acontecer.

Você o inventou no momento exato, eu gostaria de dizer.

A sua boca também se mexe, mas ele não tem mais dentes para segurar as palavras.

Estende a mão e aperta a minha. Está tremendo; há anos, provavelmente, não aperta a mão de outro homem.

“Tanto tempo se passou”, diz.

Depois o seu rosto se ilumina como uma velha lâmpada a petróleo.

Pega a caixa e sai do quarto com seus passos de velho, atravessa o corredor, desce a escada de parede descascada. Vou até a janela e o vejo ir, com uma lentidão sem cautela, até o último banco do parque, sentar-se, encostar finalmente os olhos…

Sei o que ele está vendo.

* * *

O picadeiro arenoso de um circo,

clavas, bolas e aros no ar,

homens de libré que saem da arena,

um bando de palhaços,

a escuridão cerrada que contém um público,

a entrada de uma fileira de seis cavalos em trote,

alguns estão arreados com adornos cintilantes: selas de salto, gamarras, peitorais, estribos, outros têm apenas a embocadura e as rédeas que caem sobre o pelo brilhoso,

cada um tem uma mancha de formato diferente no focinho: um losango entre as orelhas ou uma flor no nariz, ou então uma longa faixa branca cobrindo toda a cabeça,

circulam pelo picadeiro um ao lado do outro e agitam as crinas e as caudas como se tivessem uma vaidosa consciência de sua beleza,

alinham-se de acordo com um esquema exato no centro da arena, juntam as cabeças, depois trotam para trás e se abrem como um leque formando uma estrela,

quando a cena está completa, debaixo da barriga de um deles surge uma bailarina com um traje claro e um chicote nas mãos,

parece ter sido parida naquele momento, do ventre daquele cavalo,

a sua aparição é uma batida mais lenta do coração,

com uma cambalhota repentina, sobe para a garupa do animal e toca todos os outros com a ponta dos dedos,

resvalado por suas mãos, o bando torna-se impetuoso, empinando-se sobre as patas posteriores e relinchando de maneira selvagem,

um estalo do chicote desfaz a formação em estrela,

o picadeiro se transforma em uma barafunda de animais indóceis e rebeldes que correm de um lado para outro, se evitam, mudam de direção,

Eszter paira sobre eles,

a sua leveza é escandalosa,

salta de um cavalo para outro, correndo, caindo sempre na sela depois de cambalhotas vertiginosas, como se soubesse de antemão todos os movimentos dos animais,

os olhos de Arléquin estão fixos nela, não a perdem de vista,

os seus dedos abrem e fecham,

após os exercícios de grupo, Eszter passa a fazer duetos com cada um dos cavalos, e são irresistíveis os rodopios de valsa, toda a vasta amostragem da loucura de um funâmbulo,

o último salto mortal é tão alto que Eszter desaparece por alguns segundos do campo visual,

Arléquin a vê cair, mas apenas para desaparecer novamente em um tropel de patas e músculos,

os cavalos reconquistam diligentemente a formação anterior, entram em fila outra vez, voltam a trotar e saem do picadeiro,

a primeira impressão é a de que a esmagaram e que agora aparecerá o corpo exânime e desfigurado sobre a areia,

mas, no terreno, não restam senão as suas pegadas.

Se essa cena tivesse sido projetada em uma parede, seria possível ouvir a essa altura o ruído de um pedaço de fita que se desprende do rolo e começa a tamborilar na direção da roda de um projetor, o bater de asas de um pássaro que tenta inutilmente se soltar da terra e choca-se com insistência desesperada no vidro de uma janela, mas essa cena está dentro de uma caixa à manivela e não faz barulho.

* * *

Arléquin se levanta e dá alguns passos indecisos na direção do centro do jardim.

Aproximo-me do seu último desenho e todas as frases escritas se tornam repentinamente claras.

Agora me lembro…

Não tenho direito algum de estar ali. Também me levanto. Atravesso novamente o corredor, desço a escada correndo e vejo-me no jardim.

Uma vez, você roçou o meu rosto. Eu havia adormecido sobre um banco, e não havia ninguém. Você tocou minha bochecha, eu fiz de conta que continuava a dormir.

Arléquin está sentado na grama.

Está com a carta de Eszter, aberta, nas mãos.

À minha frente, reúne-se uma multidão de sombras: Zarmo e Marceline, Ytzakh Gabor, Makrouhie, Viola, a mulata Naima…

Toco o seu ombro e saio daquele lugar.

Eu não sabia que lembrar era como ter cólica.

De longe, vejo as suas mãos se fechando uma sobre a outra, e tenho a impressão de que ele está enterrando as unhas na pele.

Retenho ainda o calor da ponta dos seus dedos.

Prometo a mim mesmo que partirei o quanto antes para Los Angeles para recomeçar do zero.

O ar fresco bate em meu rosto.

No meio do canteiro, ouço um cavalo empinar-se e uma acrobata inclinar-se para trás agarrada às rédeas até tocar a areia do picadeiro com os longos cabelos louros enquanto a sua fantasia cintila sob as luzes do circo, e todas as coisas me parecem finalmente restituídas, por toda a vida, à tênue imperfeição do equilíbrio.

Atrás de mim, Arléquin se desloca no parque como um pequeno vaga-lume festivo que sobe uma colina de azevinhos.

* * *

Tudo isso, caro Christopher, aconteceu antes, muito antes de eu conhecer a sua mãe. Mas devo confessar que, assim que voltei a Hollywood, dei ordens para que o meu filme fosse retirado das salas e, na manhã seguinte, joguei algumas coisas desordenadamente em uma mala. Recoloquei no armário o meu casaco comprido com colarinho de astracã. As roupas que eu estava usando no dia em que cheguei aos Estados Unidos ainda cabiam perfeitamente em mim. Eu as guardara durante todo aquele tempo e, ao vesti-las, percebi como estavam puídas já naquela época. Não precisei me maquiar. Deixei o bigode na caixa e não tingi os cabelos. Ninguém teria me reconhecido. Eu voltara a ser um anônimo vagabundo de quarenta anos viajando pelos Estados Unidos, como tantos outros

que existiam naquele período, com as roupas maltrapilhas e um cobertor de lã sobre os ombros.

Não sei se já havia uma direção precisa nos meus pés, mas, no dia seguinte, fui parar na estação de São Francisco. Um ferroviário estava anunciando com uma bandeirinha a partida iminente do trem para Sacramento. Comprei a passagem e subi. Fecharam a porta atrás de mim. O vagão deu um tranco que quase desequilibrou quem ainda estava em pé; o trem se movimentou um pouco para a frente e um pouco para trás, como que para se livrar de toda a sua ferrugem.

Depois.

Depois, lentamente, as rodas de ferro começaram a girar.

Uma após a outra.

Te-tém, te-tém.

Te-tém, te-tém.

Antes de três giros, eu já sabia o meu destino.

Em Sacramento, eu compraria outra passagem para a First Transcontinental Railroad.

Te-tém, te-tém.

Até Omaha.

Te-tém, te-tém.

E, depois, até Youngstown.

Te-tém, te-tém, te-tém, te-tém, te-tém, te-tém.

O trem já estava correndo pelo campo coberto de geada.

Youngstown. De repente, senti as mãos de Naima que cuidaram dos hematomas de todos aqueles anos e xinguei a mim mesmo em todos os idiomas que eu conhecia pela minha estupidez. Se, em algum lugar do mundo, eu tinha um encontro com alguém, era com ela. A sensação era a mesma que eu tinha antes de rodar a cena principal de um filme, a mesma eletricidade atravessava o meu corpo apenas por ter imaginado aquela cena… Devido à agitação, comecei a rir sem conseguir parar. Um senhor me deu o seu lugar e se afastou rapidamente, com medo de ter que viajar ao lado de um desequilibrado que ria como Chaplin.

Youngstown me recebeu uma semana mais tarde com o seu aspecto negligente de sempre. As casas tinham a mesma cor da primeira vez, brancas e ferruginosas, o bonde continuava a passar barulhento no meio da rua principal, cujo meio-fio estava muito mais ocupado por automóveis, e o cartaz de boas-vindas ainda tremulava ao vento, mas com as beiradas de madeira gastas, como uma mensagem fora de moda.

Não sei o que eu esperava, mas tudo se movimentava por conta própria e se mostrava indiferente ao meu retorno. Só o banco no qual eu já havia me sentado uma vez tinha o ar de uma viúva que me esperava na praça arborizada. Sentei-me pesadamente. Com certa satisfação, observei a sede do DOLLAR BANK que não me desdenhava mais com os enormes caracteres do seu letreiro em cima do edifício à minha frente. Agora, os meus bolsos estavam cheios de dólares, porém, eu não era feliz.

Percorri a distância daquela cadeira até a loja de flores de Viola e Eszter com grande custo. As minhas pernas pesavam mais do que chumbo e fiquei com medo de ter me transformado no personagem de uma fábula que minha mãe sempre lia para mim: só uma criatura mais leve do que uma pluma poderia me salvar.

Enveredei pela South Avenue oprimido pelo cansaço e parei na frente da loja, mas do outro lado da rua.

Naima estava em pé.

Eu podia vê-la atrás da vitrine.

Falava com uma cliente, uma mulher alta, de rosto comprido, que dava a impressão de não ter tempo. Naima mostrava as flores, sugeria quais ela devia levar. Levantou um buquê de gardênias e só então percebi toda a delicadeza de que cada um dos seus gestos era capaz. Tratava com respeito todas as coisas, como se todas elas precisassem disso, e voltava a dar importância e dignidade ao mundo com o seu cuidado discreto. Como eu não havia entendido antes? Ela era tudo o que restava de Eszter. A acrobata devia ter ensinado a ela todos os seus segredos, como a uma filha. Todos os seus truques de equilibrista, o mistério da sua leveza. Tive a certeza de que, se quisesse, Naima poderia se exibir naquela mesma calçada com uma série de saltos mortais de tirar o fôlego. Os seus

cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e os dentes brancos iluminavam todas as expressões do seu rosto.

Direcionou o olhar para mim com uma expressão que penetrou todas as fibras do meu corpo, invadiu os meus cabelos desalinhados, as minhas pequenas pernas nervosas, as pregas do meu paletó descosturado e, de repente, senti pena de mim mesmo, da impressão que eu devia estar passando, do que eu era e do que teria sido. Da minha infelicidade, apesar do sucesso planetário. Torci para que ela não se lembrasse. Mas, com terror, eu a vi apoiar com calma as gardênias, livrar-se com gentileza da mulher alta, sair da loja e vir na minha direção. Aproximou-se lentamente, depois pegou a minha mão e a segurou por muito tempo entre as suas.

"…Você?"

Não foi necessário dizer mais nada, naquela manhã.

Quando a acompanhei até em casa e ela girou a chave na fechadura, fiquei surpreso por não haver ninguém lá dentro. "Você precisa me prometer uma coisa, Charlie", Naima me disse. "Enquanto estiver aqui, não vai me fazer nenhuma pergunta." "Como quiser." "Combinado, então?" "Combinado." Naima me guiou pelo vestíbulo, através da sala de estar onde eu fora acolhido a primeira vez, até o quartinho que havia me hospedado por quase um mês. Adivinhei a cama e o armário, e a janela atrás da cortina. Naima se virou para mim e acariciou meu rosto. Acho que foi a primeira carícia de verdade que eu recebia de uma mulher em muito tempo. Diferente da de todas as outras moças que eu havia encontrado naqueles anos. Algo derreteu dentro de mim, como uma pedra de gelo. Fiquei ali em pé, aturdido pela escuridão e pelo calor da sua mão no meio de todo aquele silêncio.

"Lembra-se de como você estava estropiado quando o trouxeram para cá, naquele dia?"

"Na verdade, não me lembro de muita coisa."

"Quem diria: o ator mais desconhecido do mundo… Você estava todo inchado, o seu rosto estava tão grande quanto uma abóbora, os olhos pretos, os cabelos emplastrados, mas, mesmo assim, você fazia rir."

"Nem os hematomas me levam a sério…"

“É uma sorte, mas, agora, vá dormir, você deve estar cansado. Os lençóis estão limpos.”

“Obrigado. Boa noite.”

“Boa noite para você também, Charlie.”

No dia seguinte, acordei com o sol já alto. Naima estava na cozinha, preparando o café da manhã.

“Você precisa abrir a loja”, eu disse.

“Não. Hoje, não.”

A luz caía em diagonal sobre a sua pele escura, vinda da janela em cima da pia. Naima tirou da cristaleira uma caixa de biscoitos. Deslocava-se pelo espaço com o passo firme e natural de quem reserva todas as atenções ao que está fazendo, e esse comportamento a tornava muito bonita, livre, vulnerável. Preparou o meu leite. Saímos em seguida.

Logo as fileiras de casas da periferia de Youngstown foram minguando e o campo assumiu a primazia. Devia ter chovido por muito tempo, pois o terreno se transformara em uma planície lamacenta e cheia de poças. No entanto, por mais que a chuva a tivesse transformado, aquela paisagem não me parecia estranha. Reconheci-a mais à frente, quando ultrapassamos uma longa curva e, ao nosso lado, perfilou-se uma cerca de madeira. Estávamos subindo uma colina de bordos e azevinhos, e entendi qual era o nosso destino antes de ver a superfície coberta de lápides que brotavam no meio daquele charco.

Entramos no cemitério afundando os pés no lodo. Oak Hill estava deserta naquela manhã e o único som que se difundia no espaço sem fim era produzido pelos nossos sapatos, pela passagem dos pássaros e pelo vento que sacudia os galhos das árvores. Fomos nos embrenhando através de várias inscrições mortuárias; a tinta de algumas havia desbotado e só era possível ler os nomes gravados passando o dedo nas ranhuras das pedras. Algumas datas haviam desaparecido, outras resistiam, em um emaranhado de números que devolviam aos olhos toda a paradoxal irrealidade da vida.

Pouco antes de alcançarmos o sapateiro Andy Vargas e o procurador Hubert Moore, que eu lembrava estarem sepultados ao lado de Eszter, Naima parou diante de duas pedras tumulares que deviam ter sido colocadas ali havia alguns anos. Aproximou-se da primeira, sentou-se sobre os calcanhares e enfiou as

mãos na lama. Não demorou muito para encontrar o que estava procurando. Do pântano, puxou uma bengala de madeira, nodosa e comprida, tirou a terra e a apoiou na lápide.

Dei um passo à frente. Li o nome de Makrouhie Dolmayan, nascida em Hrazdan em 1831 e morta em Youngstown em 1916. Depois, o de Viola Baldwin: Chicago, 1848 — Yo-Town, 1917. A lápide de Eszter Neumann estava a poucos metros.

“Na hora do crepúsculo e nos dias de sol, a sombra daquele carvalho abraça todas as três”, disse Naima. “O vigia deste lugar foi muito gentil e me permitiu enterrar as três próximas.”

“Como aconteceu?”

“Foram embora uma após a outra, em poucos meses, vencidas por uma doença silenciosa e assintomática. Eu as vi se dissolvendo dia após dia, se consumindo como duas velas. Morreram da mesma maneira: primeiro, foram-se as palavras, depois, todo o calor que tinham no corpo. Dos pés, das pernas, das mãos. Só a pele em volta do coração permaneceu quente e os olhos arregalados, para capturar aquele pouco de luz que ainda era possível. Até os da minha mãe, que eram cegos. No final, sobrou apenas a respiração das duas. Por horas. Um assobio forte como um protesto, depois simplesmente um sopro. Até caírem na inexistência. Como acontece quando mergulhamos na água e afundamos. Minha mãe teve uma contração final e estendeu os dedos em um uma última saudação.”

Baixei os olhos, por vergonha.

“A possibilidade de um dia, de repente, pararmos de nos ver, de nos falar, de nos tocar, e o fato de essa ausência durar para sempre”, continuou Naima, “é incompreensível. Quase todos os dias, em casa, me pego conversando com uma cadeira vazia.”

“Sinto muito, Naima. Eu tinha muitas coisas a perguntar às duas, mas só percebo isso agora.”

“Minha mãe dizia que qualquer pergunta que o senhor tivesse feito, a resposta seria eu, e que, um dia, o senhor descobriria.”

“Venha comigo, Naima, para a Califórnia. Farei de você uma estrela do cinema…”

“O que é isso, uma oferta de trabalho, Senhor Chaplin?”

Eu não poderia separar na sua voz o riso do choro.

“A esta altura, a resposta é você.”

“É realmente uma pena termos chegado atrasados a este encontro”, ela me disse. “É como nos seus filmes: no final, o vagabundo vai embora sozinho por uma estrada no campo como esta, balançando-se.”

Tentei levantar a mão, mas Naima pôs um dedo sobre a minha boca e voltou a caminhar.

Naquela noite, fui dormir pela última vez na cama em que convalescera. A noite de Youngstown pesava nas minhas costas como a de Londres, quando eu morava naquele sótão. Poucas horas depois, um trem teria me devolvido definitivamente aos esplendores e aos venenos de Hollywood, a todos os filmes que eu ainda devia rodar e aos que eu nunca teria rodado. Virei-me para a parede com os olhos fechados, pensando nas luzes de Los Angeles e nos outros exílios que eu deveria enfrentar. Não os abri nem mesmo quando Naima se deitou ao meu lado. O seu corpo era um arco perfeito, mas preferi imaginá-lo, medindo apenas as curvas irregulares da sua respiração. Naima ficou ali por um tempo, sem tocar em mim; eu continuei a fingir que estava dormindo, ela se levantou e saiu do quarto. Finalmente, adormeci. De manhã, acordei antes da aurora. Fui até o corredor e parei diante do seu quarto. A porta estava aberta e os seus quadris inchavam levemente a cama. Eu sabia que ela estava acordada, como eu estivera algumas horas antes, mas, mesmo assim, tentei não fazer barulho e me acomodei ao seu lado por alguns minutos, sem tocá-la, roubando apenas um pouco do calor que o seu corpo exalava a alguns centímetros de distância. Enquanto todas as suas coisas voltavam à vida à nossa volta, levantei-me com uma força que eu não sabia que tinha e saí daqueles lençóis, daquela casa, daquela paisagem de colinas e fábricas que surgia dos vidros das janelas e que poderia ter sido a minha e a sua. Fechei a mala, me vesti e me encaminhei para a estação de trem.

* * *

Caro Christopher, fiz com que até o último palhaço que interpretei dissesse que o desejo é o tema da vida. Mas essa também era a opinião de Monsieur Verdoux, um dos personagens mais enigmáticos que roubei das notícias, um

sujeito que tinha o hábito de queimar, na estufa da cozinha, as senhoras idosas com as quais se casava e que levou às últimas consequências a lógica homicida do capitalismo. Simplesmente, nunca houve vida sem desejo para mim. Dirão a você que são os traumas do sexo a esculpir a personalidade. Não dê atenção: o sexo é uma doença só para os burgueses. O verdadeiro trauma é a miséria, acredite. Quando jovem, prometi a mim mesmo ter uma garota para cada letra do alfabeto inglês: Agnes, Barbara, Carole, Dorothy… O amor seria o meu dicionário. A partir daquele momento, nunca houve uma mulher sobre a qual não pensei se gostaria ou não de beijar. É uma pergunta que continuo a fazer a mim mesmo ainda agora, não fique zangado, não é por isso que gosto menos da sua mãe.

No entanto, há algum tempo, me pego muitas vezes pensando que é sempre o desejo por alguém ou por alguma coisa que origina toda estupidez, vulgaridade, crueldade e infantilismo dos seres humanos. O desejo me tornou muitas vezes ridículo não apenas aos olhos do mundo, mas também aos meus, fez com que eu me tornasse surdo e idiota, me pôs em perigo. Como escreveu um poeta, cheguei ao ponto de desejar não desejar mais nada. Gostaria de advertir você, mas não adianta. A hipocrisia não quer que falemos a respeito, mas é a força mais poderosa que existe e ninguém está a salvo, em nenhuma idade. Os seus quinze anos valem os meus, só tenho a vantagem da experiência, mas sou tão vulnerável quanto você. É assim que são as coisas. Você ainda é um garoto, Christopher, e vai se apaixonar muitas vezes, e também terá de inventar a imperfeição de certos equilíbrios. No final, toda essa exuberância, toda essa vida, junto com a minha desesperadora timidez, eu despejei no cinema, e o cinema me salvou.

A primeira vez que enganei a Velha, Christopher, seis anos atrás, foi a mais difícil. Ela tinha vindo me buscar, como eu já sabia desde 1910, mas foi Carlitos quem a recebeu. Um Carlitos de oitenta e dois anos, com uma nuvem de cabelos na cabeça e uma geografia de rugas em torno do bigode. Agitei a bengalinha e levantei o chapéu-coco como cumprimento. Depois, comecei a rodar pelo quarto, com o meu passo de sempre, de pinguim, os pés largos e os sapatos fora da medida. Repliquei todas as minhas antigas *gags* e piadas, embora eu não as fizesse havia muito tempo. Mas a Velha permaneceu gélida me observando e senti o pânico que tomara conta de mim da primeira vez em que subi em um

palco em Nova York, com Stan Laurel, quando o Novo Mundo nos batizou com um fiasco. Esforcei-me para fazer caretas engraçadas, mas minha vontade era chorar porque não veria você crescer, Christopher; o bigode postiço se soltou dos meus lábios e caiu no chão e, quando me abaixei para pegá-lo, os achaques da idade me nocautearam definitivamente. Fiquei ali, curvado, incapaz de me erguer, vencido, decrépito e doído. Foi naquele momento que a Velha começou a rir, como Mack Sennett nos estúdios da Keystone, como qualquer outro que tenha me visto atuando nos meus dias de glória. Ela certamente não é uma senhora apática, tenho de reconhecer: sempre fez o próprio trabalho com certo entusiasmo. “Ha, ha! Você ainda faz rir, Chaplin”, me disse com a sua voz cavernosa, “concedo a você outro ano, fez por merecer. A gente se vê no próximo Natal.” E desapareceu da minha poltrona. Foram necessárias várias compressas de água quente e uma pomada para me curar da dor nas costas, mas eu ainda estava vivo.

Desde então, aproveitei cada pretexto que a velhice me oferecia: a diminuição da visão, a perda da memória, a saudade da juventude. A minha própria condição me oferecia um repertório inexaurível de soluções. O truque é sempre o mesmo: fazer com que algo dê errado e que o mundo pareça estar ao avesso, de cabeça para baixo. O mecanismo da comicidade é um mecanismo subversivo. Se um gigante tenta de qualquer maneira abrir uma porta e não consegue, mas, logo em seguida, a porta se abre para um gato, para uma criança ou para um pobre vagabundo ou velho sem qualquer esforço, nós rimos. Porque é exatamente o contrário do que acontece na vida. A comicidade é uma cambalhota, um homem que se levanta depois de uma cambalhota ou outro que está prestes a cair, mas nunca cai. A comicidade é canhota como eu, Christopher. Zomba dos ricos, rearruma as coisas, repara as injustiças. Como dizia Frank Capra, fecha as portas para os prepotentes e as abre para os fracos e indefesos, mesmo que dure somente o instante de um sorriso. É essa incredulidade que nos enche os olhos de lágrimas. Desde o início, desde que cantei a canção de Jack Jones no lugar da minha mãe, suscitar o riso e as lágrimas foi o meu protesto infantil contra a miséria, a doença e o desprezo, e a minha rejeição ao ódio e a todas as formas erradas que terminam por governar as relações humanas. Pensando bem, é

assombroso como é fácil se deixar contagiar pela alegria e como o mundo, por outro lado, é triste e doente.

A cada Natal, até este, consegui arrancar da Velha pelo menos uma risada e me salvar. Mas, esta noite, vou fracassar, Christopher. Justo esta noite, em que me sinto extremamente bem e tenho a sensação de ter voltado ao esplendor de antigamente. Tenho certeza de que serei capaz de uma *gag* perfeita, na primeira claquete, como nem mesmo nos melhores filmes acontecia. Ainda não há ninguém que saiba se passar por bêbado melhor do que eu. Fumarei pela última vez um fósforo no lugar do cigarro. Mas a Velha não vai rir, estou sentindo. As pessoas não gostam da perfeição, e eu não posso melhorar ainda mais.

Amanhã, você será trazido ao meu quarto e me verá deitado na cama. Quando me levaram até o meu pai, no hospital de St. Thomas, fugi, mas eu era menor do que você e tinha um estranho à minha frente. A piedade por ele viria depois, quando eu também tive medo de perder tudo. Já minha mãe, eu a acompanhei quase de mãos dadas. Ela havia sido internada devido a uma infecção, poucos meses após a primeira projeção de *O Circo*. No último dia, ouvi-a fazer um elogio a uma enfermeira por causa de um colar de contas de vidro e madeira em seu pescoço. Prometi a minha mãe que ela ficaria boa e a fiz rir durante horas. Mas, à noite, ela se sentou na cama e me disse: “Ajude-me, Charlie.” No atestado, escrevi que ela havia nascido um ano depois da sua verdadeira data de nascimento para que ela pudesse trapacear também no além.

Eu sei, tudo isso é sentimental demais. *Mala música*, teria dito o meu amigo Picasso. Mas é a minha música, Christopher, e não posso mais mudá-la. Não escrevi mais do que uma dúzia de cartas na minha vida, mas tive tempo para escrever esta, e isso me basta. A Velha já chegou. Está aqui na minha frente, na poltrona embaixo da janela, me esperando. Sabe que não saio desta mansão há dois meses, desde que levei você para ver a inconfundível tenda do circo Knie, em outubro.

Daqui a pouco, vocês virão me chamar, você e sua mãe, seus irmãos e sobrinhos, para o jantar, mas eu já estarei passeando com ela, sobre a luz indecente da lua ou sabe-se lá onde. Mas não sofra por mim, não tenho medo. Sempre me senti prestes a viver uma mudança.

Estamos nos créditos finais, caro Christopher, e só posso me sentir grato pela sua funambulesca paciência, se você resistiu até aqui a toda esta tagarelice. Por uma vez na vida, não fui fiel ao meu princípio de que toda história deveria ser igual a uma árvore, deixando tudo o que não serve cair por terra, mantendo apenas o essencial. Esta carta não é um filme, e eu queria que você soubesse tudo, até mesmo as coisas supérfluas, porque não lembro mais onde escondi a verdade. Seria bonito desaparecer com um último abracadabra. Em uma aeronave, trem ou balão. Mas, no fundo, estou contente por ir embora montado apenas em minhas palavras.

Dizem que o universo nasceu de uma grande e incompreensível explosão. Para mim, deve ter acontecido no picadeiro de um circo. Uma mulher dava piruetas no ar e um homem capturou o seu movimento em uma caixa mágica, e o reproduziu infinitamente, até povoar a terra de sombras e enchê-la de serragem, risadas e lágrimas. Deve ter sido assim, Christopher, porque só na desordem do amor toda acrobacia é possível.

Adeus,
Seu pai Charles

Externa, noite. 24 de dezembro de 1977

A Morte está sentada na poltrona de Carlitos.

Ele apoia o lápis na mesinha sobre a qual está escrevendo. Levanta-se. Soluça. Toca o pescoço. Dá um passo, mas não consegue ficar ereto. Bate em alguma coisa, um porta-lápis, pega-o no ar. Sorri, contente com os próprios reflexos, mas depois o apoia em cima de nada. O porta-lápis cai no chão e tudo o que estava dentro se espalha. Carlitos observa o desastre. Sente-se mal, depois encolhe os ombros. Dá outro passo e escorrega em uma caneta-tinteiro. Está completamente bêbado. Levanta-se, dolorido, tenta puxar uma luva depois de já a ter tirado. Encontra um cigarro em um bolso, olha-o, em seguida, tenta inutilmente acender um fósforo. Quando finalmente consegue, leva-o até a boca no lugar do cigarro…

A MORTE: Chega, Carlitos.

CARLITOS: Se estivéssemos em um teatro, eu teria feito até as poltronas rirem.

A MORTE: Mas não estamos em um teatro.

CARLITOS: Eu poderia continuar por toda a noite.

A MORTE: Eu sei.

CARLITOS: Nunca estive mais bêbado.

A MORTE: Você mesmo disse que a perfeição é cruel. Você não cometeu um erro sequer, Senhor Carlitos.

CARLITOS: Jura?

A MORTE: Juro, mas você não me fez rir desta vez.

CARLITOS: Imagino que não conseguiria nem se eu fingisse entrar na jaula de um leão ou andar sobre uma corda enquanto um bando de macacos tenta me fazer cair.

A MORTE: É, não conseguiria.

CARLITOS: E o número do Vagabundo milionário, o primeiro que inventei?

Carlitos balança a bengala e acerta a própria perna.

A MORTE: Isso também não adianta.

CARLITOS: Eu já imaginava.

A MORTE: No final, você viveu seis anos a mais do que tinha direito.

CARLITOS: Foi leal.

A MORTE: Mas, agora, você precisa vir comigo: oitenta e oito é um ótimo número para ir embora; de qualquer lado que você o veja, não muda de valor. Para os chineses, é o símbolo da dupla felicidade, para outros, é o símbolo do universo.

CARLITOS: Tem razão, é um bom número. Lamento ter feito você esperar, mas fazia muito tempo que eu queria voltar à cena com o meu homenzinho, fazê-lo reaparecer em um filme.

A MORTE: Por que não fez isso?

CARLITOS: Não havia mais lugar para ele, por aqui. Mas, no final, interpretei para você o último espetáculo. Você foi um público que riu muito, posso me dar por satisfeito.

A MORTE: Está com medo?

CARLITOS: Não, morri muitas vezes no teatro.

A MORTE: Vamos, vai ser bom para você tomar um pouco de ar.

Carlitos e a Morte se aproximam do terraço e enveredam pelo céu noturno e estrelado. O grande ator para um instante, como se ainda estivesse na ribalta, uma pausa perfeita, sorri.

CARLITOS: Você já viu uma lua mais bonita?

A Morte o encara, silenciosa, e ele a estuda, sereno.
A lua cheia se torna uma foice e, novamente, de foice, passa a lua cheia.

CARLITOS: Você me permite uma última pergunta?

A MORTE: Sim.

CARLITOS: Arléquin, meu velho, por que você inventou o cinema?

Suspensa no ar enquanto as estrelas, uma depois da outra, começam a se apagar como lâmpadas em um teatro, a Morte olha para Carlitos.

A MORTE: Então, você sabia?

Uma luz cinzenta ilumina o rosto do Vagabundo, que pisca.

A MORTE: Eu queria aprender o que se sente quando sabemos que não voltaremos mais a ver uma pessoa querida ou o amor da nossa vida.

CARLITOS: Agora você sabe?

A MORTE: Eu nunca gostaria que esse dia tivesse chegado.

CARLITOS: É por isso que você sempre me deixou ganhar a nossa aposta?

A MORTE: Não, nos divertimos juntos. Mas levá-lo embora comigo agora é uma grande dor…

Carlitos faz uma careta.

A MORTE: É como se o próprio cinema estivesse morrendo.

A Morte inclina a cabeça.

CARLITOS: Não é culpa minha, Arléquin. Nós dois sabíamos que aconteceria.

A MORTE: Inventei o cinema por Eszter, Vagabundo. Para que restasse uma gota do seu esplendor. E por você.

CARLITOS: Vamos, não faça assim. Poderá vir me visitar quando quiser. Farei você rir novamente, prometo.

A MORTE: Eu queria dar aos homens esse teatro de sombras sempre em movimento para ressarci-los um pouco do que eu tirava deles.

CARLITOS: Eu sei.

Arléquin emite um suspiro quase imperceptível. Tira o capuz, os seus dedos estão sujos de terra. Carlitos dá o braço a ele.

CARLITOS: Arléquin, meu velho, não existe filme sem começo e fim, e este é um bom desfecho. Vamos, antes que até a lua desapareça.

Os dois saem andando de costas, cantando *Tu le tu le tu le wa* e outras velhas canções do *music hall*…

Nota do autor

Há histórias que são como a patente de uma invenção pela qual não se teve dinheiro para pagar o depósito. Para capturá-las, é necessário subtrair à vida e aos livros tudo o que é possível — nomes, cenas, cenários — e depois misturar tempos e lugares. Li a autobiografia de Chaplin pela primeira vez quando garoto e sempre voltei a ela ao longo dos anos. Mas, como dizia Jean-Claude Izzo, a fórmula é conhecida e nunca é inútil repeti-la: a aventura que vocês leram é totalmente imaginária, embora contenha muitas situações verdadeiras.

Minha intenção era imprimir à história um andamento musical, orquestrado em quatro movimentos: *allegretto, adagio, andante con variazione* e *finale*. Mas não consegui muito mais do que uma pequena balada das coisas de cabeça para baixo, embora ela tenha me reservado companhia assim mesmo, ao raiar do dia, na minha Last Continental Railroad, entre Viterbo e Roma. Naturalmente, a vida com os seus eventos tristes ou alegres interveio várias vezes, modificando a direção da trama e mudando o seu tom. Para mim, esta é a última história que contei a uma pessoa querida, e um dos seus últimos sorrisos.

Mas devo confessar que tomei emprestado de outras narrativas alguns nomes. O boxeador Gago Groogan, por exemplo, vocês podem encontrar, mais velho e em outro momento da carreira, em *Mr. Vertigo*, de Paul Auster. Avistei a abóbada fosforescente e cravejada de estrelas do circo ambulante Bastiani no final de *Austerlitz* de W.G. Sebald. E Coluccini, o velho palhaço de origem italiana, vocês podem encontrar circulando pela Argentina, nas páginas de *Una sombra ya pronto serás*, de Osvaldo Soriano, embora ele diga que é um acrobata aposentado. Admito que devo muito às várias entrevistas dadas por Chaplin e a David Robinson, o seu principal biógrafo. E também tenho uma dívida de pelo menos duas metáforas com Gianni Mura e de várias ideias com Massimo Paradiso (tenho certeza de que Mister Fritz o contrataria como roteirista). Quanto à montagem e à fotografia, mandei revelar os rolos na Sicília e sob a luz do Equador, em Quito. O jogo das outras contaminações, deixo para quem tiver vontade de descobri-las.

De minha parte, sou grato por toda a ajuda que recebi, direta ou indireta, e continuo a pensar, como o velho Charlie, que, na desordem do amor, toda acrobacia é possível. Por isso, pela sua funambulesca paciência, agradeço, também no final, a todos aqueles que por vários motivos me têm à sua volta.

* * *

P.S. — Seis anos após a morte de Chaplin, em 25 de dezembro de 1983, chegou à sua casa na Suíça um enigmático telegrama que agora é guardado no arquivo particular da família. O carimbo era do Rio de Janeiro e as palavras escritas eram as seguintes:

“Consuelo está finalmente nos meus braços, senhor Chaplin. O senhor tinha razão, tudo desaparece, mas não os desejos que tivemos.

Rigoberto Aguyar Montiel”

Sobre o autor

© Basso Cannarso

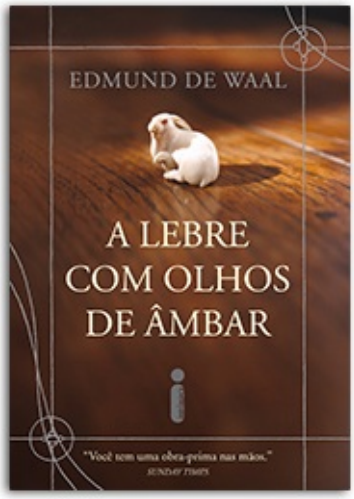


Fabio Stassi nasceu em 1962 e é considerado um dos escritores mais talentosos da Itália. Autor de outros três romances premiados, Stassi recebeu por *A última dança de Chaplin* diversas honrarias, entre as quais o importante Premio Selezione Campiello, tendo obtido a maioria dos trezentos votos do júri popular que define o vencedor após uma rigorosa seleção feita por críticos literários. De origem siciliana, Stassi mora em Viterbo e trabalha como bibliotecário na Universidade de Roma.

Leia também



Abraham Lincoln, Caçador de vampiros
Seth Graham-Smith



A lebre com olhos de âmbar
Edmund de Waal